



TRAJETÓRIAS

3x4

Que venha a Sextante

Este foi um semestre marcado por uma explosão. Uma parcela expressiva da população foi para as ruas das principais cidades do país. Esta turma estava, praticamente, com este exemplar do jornal 3x4 (trajetórias) concluída, quando resolveu fazer um suplemento sobre os acontecimentos que tiveram início com uma "simples" luta contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. O suplemento, inicialmente, planejado para quatro páginas, passou para oito e passou para 12 e acabou sendo em um 3x4 extra. Só tenho a agradecer a todos da turma, cujos integrantes evidentemente tiveram diferentes graus de comprometimento, pelo convívio fraterno, esforço, dedicação e senso de oportunidade. Tudo isso compensou a freqüência irregular. A estes jovens dedico este texto rabiscado nas semanas agitadas pelas manifestações de rua.

A vida para os amantes da vida, em manifestações de protesto e no namoro, estará sempre em movimento não rotineiro. Faltam espaços para os apaixonados e românticos. Daí este grande movimento de retomada das ruas. Fiquem com a idéia de que as atitudes apaixonadas são temidas pela elite, pois que representam um enorme perigo para estabilidade do sistema. Ir para as ruas se manifestar ou escancarar a "vagabundagem" em uma tarde de namoro é uma grande perturbação ao sistema organizado para o trabalho. Rebeldia, sempre. Em dias de manifestação de rua teremos noites de amor. Sério. Livres, leves e soltos. Noites em que não jogamos a responsabilidade pela nossa felicidade em outras pessoas. Por isso mesmo, o anarquismo é a idéia de que absolutamente ninguém está mais qualificado do que você mesmo para decidir o que você irá fazer de sua própria vida. Cada um de nós precisa escolher a vida a ser vivida com felicidade, em sucessivas ações de prazer, nas ruas e na cama. Ou teremos o tédio do espetáculo que imobiliza e nos joga nos necrotérios da vida, impotentes. Brochas. O sistema criminaliza a busca pela felicidade. Temos que nos perguntar como é possível que "responsabilidade", "ordem e progresso", "propriedade", "competição", "eficiência" e outras tantas bobagens possam substituir a deliciosa procura pela felicidade. Jornalismo é subversão.

Que venha a Sextante, no próximo semestre, com o mesmo grau de disposição é o que espero de todos!

Wladimir Ungaretti

Uma trajetória; um início, um fim e um meio. Mas a trajetória tem um fim, uma linha de chegada, um lugar ao qual estaremos presos e só nos restará olhar para trás? Não seria ela justamente o meio, esse momento maravilhoso quando temos toda a experiência de começar, mas ainda sem a menor ideia no que tudo vai resultar no final?

De certa forma, "Trajetórias" pode ser tudo: qualquer pequeno elemento escondido em meio ao caos da realidade pode se tornar uma trajetória. Tudo depende do olhar, das relações propostas, da construção do sentido humano sobre esse caos. Assim, a trajetória é sempre dependente de um modo de ver, de uma maneira de dar sentido às coisas. Eufemismo para dizer que nos demos a liberdade de escrever sobre tudo e sobre qualquer coisa, esperando convencê-los de que estamos contando uma história que vale ser contada. Afinal, uma vida é uma trajetória. E, sendo nós jornalistas (em horário integral ou nas horas vagas), como podemos escrever sobre algo que não é vivo? Sobre algo que não traga consigo uma trajetória?

A trajetória desta revista, por exemplo, foi bem intensa. Não precisamos repetir tudo o que falamos e tudo pelo que passamos nesses últimos meses. Um momento histórico acontecendo numa geração descontextualizada da própria História. A realidade trovejando do lado de fora enquanto boa parte da FABICO mantinha-se fiel a sua rotina de curso técnico, ignorando que havia (há) uma reflexão a ser feita por uma instituição de ensino. Os sustos, os desesperos, os alívios, os medos e as esperanças, tudo que pudemos escrever – e que coube – está lá na 3x4 especial de Junho de 2013. Aqui é outra história.

Aqui está um pouco da vida ao nosso redor; que tocamos, que trazemos conosco. Que nos direcionam os olhos nos momentos de calma, que preenchem as horas vagas da História. Um pouquinho do nosso mundo provinciano e da fantástica realidade que ele nos apresenta - o cotidiano, aquilo que diferencia o jornalista do historiador.

Comissão Editorial

SUMÁRIO

p. 11 Pixo Alegre

p. 36 Os processos enraizam e
a vida voa

p. 22 O melhor do mundo



p. 4 Um arrolado sufocado

p. 16 A morte tem medo dela

p. 34 Então pausa, comandante!

p. 13 Ecomusicalidade: um novo olhar sobre a música e a sustentabilidade

p. 8 Um romance

através de postais

p. 20

p. 38 'ARBON e Arno Born'

p. 55 Adalina Alaje: uma louca de

amor na praça de
maio

p. 24 Quantos amores, ou não, eu

quiser

p. 27 Um poema em um continente

em chamus

p. 47 Entre reformas e afinações

p. 30 3x4 (não) entrevista

p. 44 Para além da

música

p. 49 Um underground

sob nossos pés

ônibus só sai às seis e quinze

p. 52 É o próximo

trajetórias

p. 58 Peregrinações, caminhos e





UM ARROIO


SUFOCADO

Antigamente, passava sob a Ponte de Pedra e desaguava ao lado da Usina do Gasômetro; hoje, canalizado em meio à avenida Ipiranga, está no caminho de uma imensidão de pedestres, passageiros e motoristas, que continuamente passam. Muitas décadas atrás tinha águas ainda limpas; atualmente, essas recebem esgotos de vários bairros e cerca de 50 mil metros cúbicos de terra e lixo por ano. Antes de ser domado, costumava transbordar durante as chuvas mais intensas, libertando suas águas sobre os bairros Azenha, Cidade Baixa e Santana. Desde então, o chamamos Dilúvio.

Não-lugar

Boa parte das pessoas veem o Dilúvio por trás de uma janela. Outros o fazem caminhando, rumo a algum lugar. Ao redor dele, quase ninguém fica. O arroio parece esquecido, no caminho de um local a outro.

Boa parte das pessoas que passam pelo Dilúvio o veem por trás de uma janela. Outros passam por ele caminhando, em direção a algum lugar. Ao redor dele, quase ninguém fica. O arroio parece eternamente esquecido, no caminho de um local a outro.

Nos dias em que estávamos produzindo essa reportagem, era realizada uma grande ação de limpeza, que havia retirado das águas do Dilúvio mais de 40 toneladas de lixo. Ainda assim, as águas permanecem sujas, escuras e com cheiro ruim. Gostaríamos de saber um pouco sobre essas águas e sobre a gente que vai organizando suas vidas ao redor delas. O método: transitar por toda extensão desse que, ao seu modo, pode ser chamado

de um dos símbolos da cidade – da nascente ao Guaíba. O percurso foi feito em dois dias distintos.

Um parque em meio ao caos

De um lado, está a continuação da avenida Bento Gonçalves. Do outro, a Lomba do Pinheiro. No meio, os 1.148,62 hectares do Parque Natural Municipal Saint'Hilaire. Visitamos o local numa manhã de terça-feira, quando Alexandre, um dos guardas florestais do parque, nos acompanhou até a barragem Lomba do Sabão – local de onde as águas do arroio partem para a cidade. Alexandre é concursado do município de Porto Alegre há mais de vinte anos; no Saint'Hilaire, trabalha há oito. Além de local de trabalho, o parque também é moradia – é ali que ele vive com a esposa.

A barragem Lomba do Sabão é um reservatório planejado para o caso de haver um problema com o abastecimento de água em Porto Alegre. Uma espécie de reserva de emergência. A partir dela sai o curso do Dilúvio. O caso é que, já na barragem, a água é poluída. Alexandre nos assegura que as nascentes do Dilúvio – são quatro dentro do parque, às quais não foi liberado nosso acesso – são limpas; no entanto, devido ao fato da barragem estar na parte baixa do Saint'Hilaire, suas águas são contaminadas pela grande urbanidade ao redor, em especial a da Lomba do Pinheiro, bastante próxima aos seus limites.

Para chegar à ponta da barragem, seguimos por mais de meia hora por uma estrada de terra, que se esburaca à medida que nos aproximamos do destino. Lá, vislumbramos uma imensidão de aguapés – plantas aquáticas que proliferam-se

rapidamente. Alexandre nos conta que eles foram colocados ali por um antigo guarda do local, devido ao fato de muitas pessoas se afogarem na represa. Com eles, o público não entra na água. No entanto, hoje os aguapés são considerados uma praga. A água, apesar de poluída, parece limpa. O local é calmo.

Alexandre gosta do que faz. Ele costuma realizar rondas pelo parque até as 19 horas. Preocupa-se com as pessoas que entram para caçar, com os possíveis incêndios e com os crimes que podem ocorrer dentro do território do parque. O Dilúvio, para ele, é as distantes nascentes, quase nunca visitadas, e a represa com seus aguapés.

Beijos de esgoto

Da Lomba do Sabão, o arroio segue ao redor da Av. Bento Gonçalves, até cruzá-la em direção ao Campus do Vale, da UFRGS. Lá, é represado na Barragem Mãe D'água, ao lado do Instituto de Pesquisas Hidráulicas. Aqui, as águas são escuras, repletas de uma espuma branca e suja. O ambiente cheira mal. Sobre a barragem há uma pequena ponte, por onde passam ônibus e carros – o Vale é apinhado de carros.

A vista é pouco interessante. O ponto alto da nossa visita – ou pelo menos o momento que vale ser narrado – foi quando, devido à força do vento, a espuma suja das águas levantou sobre sua superfície. Dividindo-se em diversas porções brancas que flutuavam pelo ambiente, a espuma suavemente beijava os que por ali passavam – estudantes, professores e repórteres.

Ipiranga

Seguindo pela Bento até a Ipiranga, o arroio torna-se agora o Dilúvio como o conhecemos: um curso de água canalizado por paredes de concreto. As várias pistas da Ipiranga são cercadas por grandes prédios, construídos ou em processo de construção, e outdoors publicitários prometem moradias ambientalmente sustentáveis na região.



MICHEL CORTEZ

Quando o arroio/avenida costeia a Inter-cap, descemos até quase o nível d'água. Acima de nós, há uma ponte de madeira. Pouco abaixo, uma garça branca caminha em meio aos bancos de areia. Um casal de quero-queros protesta pela sua proximidade. Alguns metros adiante, um rapaz parece tentar pescar.

Douglas trabalha em uma das obras ao redor. Em seu horário de almoço, trouxe uma linha enrolada em uma lata de refrigerante para tentar fisgar algum peixe. É a primeira vez que tenta a, até ali, frustrada empreitada. Mas nos conta que, no dia anterior, um colega havia pego um cascudo. Ele fica pouco à vontade com nossa conversa, de modo que subimos de volta à avenida. Poucos minutos depois, também o faz Douglas que, aparentemente decepcionado com o insucesso, segue de volta para o trabalho.

Uma casa sob o mundo

O outro dia de andança pelo Dilúvio começou na esquina entre a Ipiranga e a Ramiro Barcelos. De lá, seguimos em caminhada até o Guaíba, numa manhã quente e ensolarada. O trânsito ao redor era pesado, barulhento e incômodo. Havia um forte teor de tédio naquela avenida parada – dentro dos carros, as pessoas alternavam bocejos com dedos nos narizes e olhares cansados.

Na intersecção com a João Pessoa, descemos em direção à base dos arcos da ponte. O ambien

te torna-se um tanto mais silencioso. No arroio, agora visto mais de perto, um resto de pneu divide espaço com sacolas plásticas. Ao nosso lado, escondida sob o arco, estava uma tenda, feita de panos velhos e madeira. Era uma casa, abaixo da avenida movimentada. Sua presença em frente às águas parecia transformar o tempo sob a ponte em outro tempo, mais lento que o do andar de cima. Aparentemente não havia ninguém ali no momento. Dois cachorros vira-latas estavam ao redor da moradia, e, com a fidelidade desses animais para com seus companheiros, latiam agressivamente. O aviso era claro: não éramos bem-vindos. Exatamente na frente da tenda, uma merda monumental – talvez humana – fedia fortemente.

Acima, pedestres e automóveis cruzavam a ponte – o tempo era acelerado. Abaixo, os cachorros latiam, recém-despertos (por nós) do sono escondido da cidade. Havia algo de frio naquele lugar, em meio à manhã calorosa. Talvez pela proximidade das águas e pela sombra causada

pela estrutura sobre nossas cabeças. Quando um caminhão ou ônibus passava, tudo parecia tremer, tornando o ambiente mais perturbador, com o fedor e os latidos de cachorro. Subimos de volta.

Sobre a ponte, o dia parecia o mesmo de antes. Pessoas caminhavam apressadas e carros buzinavam no semáforo. Uma senhora conversa conosco. Chama-se Leni, tem por volta dos 60 anos e diz que passa pelo local duas vezes por semana, quando vai ao Instituto do Coração. Diz que se incomoda com a grande presença de mosquitos pela região. Para ela, a culpa é da *maloqueirada*, que joga porcaria no arroio.

Jadir

Em frente ao Colégio Estadual Protásio Alves trabalha Rodrigo, vendedor de salgados e refrigerantes. Está naquele ponto há pouco mais de dois anos. Nesse período, diz mal ter olhado para o Dilúvio. Mas jura que há pessoas que ficam admirando as águas, especialmente após uma chuva forte, quando peixes aparecem por lá. Acha engraçado.

Seguindo nossa caminhada, começamos a ver o desfile de frases no concreto das margens do arroio. “Palestina Livre”, nos diz uma tinta verde. Um pouco depois, a mesma tinta grita “Free Gaza!”. Um gari solitário varre a rua, cercado por carros que passam sem nunca parar. Um catador de papel e seu carrinho aparecem um pouco depois, atrasando o trânsito em frente a uma concessionária de automóveis.

Na esquina com a Getúlio Vargas encontramos Jadir. Encostado numa das muretas do Dilúvio, ele almoça uma sopa de macarrão em um pote plástico. Jadir é mulato, tem cabelos longos e poucos dentes. Usa um boné virado para trás. Uma pequena cicatriz marca sua face direita. Ele nos conta que é ex-viciado em crack e que foi parar na rua devido a amores não-resolvidos – que, com todo o respeito, é uma grande expressão. Para ele, o Dilúvio é um dos cartões postais da cidade. Não mora na região. Na verdade, não conseguimos entender onde ele mora – em alguns momentos, seu discurso aproxima-se de uma fala quase esquizofrênica. Comenta conosco, no entanto, os resultados da dupla Gre-Nal da noite anterior.

Cruzamos a ponte para o outro lado com intuito de ver de perto a escadaria que desce até a base dos arcos. Nos degraus inferiores, um forte cheiro de excrementos humanos. Pom-bas voam ao redor da merda. Em frente, um outdoor anuncia: “Suas últimas chances de viver no Alphaville Porto Alegre. Aproveite!”.



Foz

"O BRASIL PRECISA DE UMA REVOLUÇÃO"; nos diz outra frase grafada no concreto que canaliza o arroio. No cruzamento com a Múcio Teixeira, duas moças anunciam o novo estacionamento do shopping Praia de Belas – 1.600 vagas e mais conforto para todos nós.

Os prédios são cada vez maiores. As construções tornam-se constantes e opressivas. Na esquina com a Borges de Medeiros, três vendedores – dois de laranjas e um de rosas – trabalham juntos. Bastante tímidos, eles resumem-se a reclamar do que consideram pouco movimento para o dia. Do outro lado da rua, outros dois vendem os mesmos produtos. O que conversa conosco se chama Joanes. Tanto ele quanto os outros vêm do bairro Santa Teresa, e trabalham das 9h30min até às 18h naquele cruzamento. Joanes me conta que gosta de olhar o arroio para ver os peixes passando.

E, de fato, agora nós vemos peixes pelo Dilúvio. Eles ficam ao redor das margens, imagino eu que se alimentando do limo das pedras que canalizam a água (peixe come limo?). O ambiente é um pouco mais agreste, com o matagal tomando conta das encostas. Um pássaro azul de bico fino esconde-se na copa de uma árvore. Ao redor, um prédio é construído com auxílio de um gigantesco guindaste amarelo. Embaixo dele, de frente para o arroio, um trabalhador da obra dorme de barriga para cima.

Continuamos a caminhada, chegando ao Parque Marinha. O cheiro agora é de grama e o ambiente é silencioso, como há tempos não era. Três skatistas passam por nós. Sob a sombra de árvores, pessoas dormitam durante o horário de almoço. Ao redor do Dilúvio, o mato é bem alto, só diminuindo quando chegamos à nova ponte, parte do projeto de duplicação da Beira Rio. Posso estar sendo repetitivo, mas cabe dizer que, nessa região, a quantidade de estruturas em construção é imensa. Indife-

rente a isso, um pedreiro descasca uma laranja à sombra de uma árvore. Outros conversam, sentados em círculo na grama. Acho bonito.

Sobre a Beira Rio, passam ciclistas, caminhantes e corredores. Por baixo de nós, deságua o Dilúvio – suas águas são escuras, quase negras, e cheiram mal. Em sua foz, há uma profusão de garças e urubus. Até mesmo patos navegam por ali. À beira das águas, no fundo de um matagal, está uma moradia precária, feita com panos e madeiras. Me arrepio pensando nos ratos que dizem ter pela região, passando ao redor da tenda durante a noite – tenho um horror crônico



Jadir

a ratos. Sapos coaxam alto. Me sinto cansado.

Guarda-parques zelam pelas nascentes, in-crustadas em reservas espremidas pela área urbana; trabalhadores pescam e descascam laranjas pelas margens; mendigos dormem ao redor, sob a sombra das pontes e escondidos da cidade, acompanhados por cachorros fiéis; outros almoçam sopa de macarrão ao sol; vendedores de laranjas e rosas desfilam seus produtos por entre as fileiras de carros; uma imensidão de automóveis passa – diariamente, o tempo todo, sem parar nunca – indicando o caminho que parecemos querer seguir; árvores, capim, pássaros azuis, garças, quero-queros, pombas, peixes, ratos e sapos vão reagindo às mudanças cada vez mais bruscas. Alguns proliferando-se, outros desaparecendo. De alguma forma, a vida vai buscando sobreviver, adaptando-se à imensidão de sujeira e concreto que criamos ao seu redor. —

Um romance através de postais

No início do século passado, a troca de cartões postais era comum entre amigos e parentes para manter as relações sociais e mandar notícias, além de ser uma forma de cortejar as moças. Inventado em 1869 pelo austríaco Emmanuel Hermann, o cartão postal era uma forma simples e rápida de enviar mensagens curtas em uma época em que o telegrama ainda era caro, o telefone era privilégio de poucos e nem se pensava em Internet.

A era de ouro do cartão postal está situada nas primeiras décadas do século XX. Naquele tempo, os postais eram ilustrados, exibiam fotos de paisagens ou figuras femininas e podiam ser pintados e trabalhados em alto relevo. Havia também as séries, com vários cartões do mesmo tema, colecionáveis. Era a moda da época.

Pois foi justamente neste período, em 1903, que dois jovens moradores de Porto Alegre começaram a trocar postais. Primeiro como amigos, depois como apaixonados. Graças a uma coleção de 426 cartões trocados entre 1903 e 1907 e cuidadosamente guardados em uma caixinha de madeira, esta história de amor pode ser contada em detalhes.

O começo de tudo

Eduardo Marques Junior, o Dudu, então com 17 anos, estudava em um colégio interno em São Leopoldo e ia de vez em quando a Porto Alegre para visitar a família, que morava na Rua Marechal Floriano Peixoto, 248. Seu pai, Eduardo Moreira Marques, era proprietário d'A Federação, jornal republicano no qual escrevia Julio de Castilhos.

Dudu era amigo e vizinho de Aristides Machado Casado, filho do Major Manuel Bento da Fontoura Casado, que viera de Pelotas, a convite de Julio de Castilhos, administrar o Hospício São Pedro (que depois passou a se chamar Hospital Psiquiátrico São Pedro). O Major morava em uma das alas do hospício com sua esposa e as duas filhas, Othilia e Maria Angélica. Por intermédio de conhecidos, Dudu trocava cartões com Othilia, a irmã mais velha.

Maria Angélica Casado e Eduardo Marques Junior



Maria Angélica, a Mariquinhas, também trocava postais com amigas e os recebia de admiradores. Dudu era um deles.

Em 1904, uma série de postais enviados por Othilia a Dudu demonstrava uma relação frustrada. Em um dos cartões, Othilia escreveu "Examinai bem se o que prometeis é possível e justo; a promessa depois de feita é irrevogável".

Outro dizia: "O ciúme apaga a luz do pensamento, e ofusca a razão, e só deixa ver as coisas pelo lado pior...". Por fim, Othilia acabou cedendo o pretendente para Mariquinhas.

O namoro

Ainda em 1904, Dudu veio morar em Porto Alegre. Ele e Mariquinhas se viam quando ela visitava seu irmão Aristides, vizinho de Dudu.

Os apaixonados trocavam cartões quase que diariamente. Mensagens veladas de amor e de saudades estão estampadas em todos eles, como em um exemplar em que está escrito: "Quem ama verdadeiramente suportaria sorrindo as tormentas do inferno, para ter a ventura de ser amado. Saudações do Dudu". A frase mostra o início de um namoro que não podia ser escancarado. Vale lembrar que, naquela época, as moças deviam ser recatadas e zelar pela sua honra e pela moral, de modo que não era possível escrever diretamente um "eu te amo", por exemplo. Mas mensagens sempre sugeriam verdadeiras declarações de amor.

Os dois chegavam a trocar séries inteiras de postais. Ele era chamado pelos amigos de "artista", pois escrevia versos e pintava, ele mesmo, muitos dos cartões.

Em 1905, com o namoro mais sério, Dudu ia visitar Mariquinhas em sua casa. As visitas muitas vezes duravam a tarde inteira. O casal trocava livros e, dentro deles, bilhetes de amor. Estes podiam ser mais explícitos que os postais, já que eram particulares.

Um bilhete escrito por Dudu, datado de 12 de setembro de 1905, diz o seguinte:

Em 1908, Dudu e Mariquinhas se casaram. E ficaram juntos por 31 anos (ele morreu em 1939 e ela em 1983). Tiveram três filhos e muitos descendentes.



"Com o silêncio se ama, se fala, se declara; com ele se expressa tudo e tudo se faz. Saúda-te o Dudu"

Apesar de te prometer,
Neste livro nada te escrevo.
O que quero escrever não posso
E o que posso escrever não devo.

O que quero escrever não posso
Pois amamo-nos em segredo
E o que posso escrever não devo...
Eu não devo mais é ter medo!

Sabes que mais - eu te proponho
Que seja este livro só nosso,
E o que quero escrever então,
Neste caso, muito bem posso!

Um final feliz

Sou tataraneta de Eduardo Marques Junior e Maria Angélica Casado. Pude contar esta história graças à paixão de ambos pelos postais e à enorme coleção que Mariquinhas guardou em sua caixinha de madeira, que hoje é uma relíquia de família. —



"Saudades,
Mariquinhas"

"Mariquinhas, agradeço-te penhorado os lindos cartões com que me honraste. Cordiais saudações. Dudu."



Variétés.
 Mariquinhas
 Agradeço-te
 penhorado os
 lindos cartões
 com que me
 honraste.
 Cordiais
 saudações
 Dudu
 2-X-904

Série de postais enviada por Mariquinhas para Dudu

DIXO
ALEGRE

Desde a década de 70, inscrições vêm transformando muros, fachadas e tapumes de Porto Alegre. Os prédios tornaram-se cadernos de caligrafia para pichadores, que acompanham o sentido do mobiliário nas letras verticais. Enquanto o diálogo com a pichação se complexifica, surge uma linguagem com mais beleza estética e, por isso, mais facilmente aceita. Muros inteiros começam a ser cobertos por desenhos e grafismos. São intervenções que seu espaço de expressão é na rua, onde um grande número de pessoas pode admirar ou repudiar, mas principalmente enxergar. Para os sujeitos que produzem essas intervenções, Porto Alegre é uma agenda que deve ser preenchida, seja por desenhos ou por inscrições. Pinta, cola, picha, pinta, picha, lava, pinta... A rua é efêmera, assim como a arte em seus muros. Compreender o grafite e a pichação em Porto Alegre é também entender parte da trajetória que a cidade passou e passa a cada dia.

Existe uma caminhada diária de pessoas que não se atenda ao que está em sua volta. Em contraponto, pichadores e grafiteiros percebem tudo ao seu entorno. Cada muro, cada prédio, cada poste. Enfim, cada possibilidade é mapeada a fim de montar uma cidade mental. "Tu vê quando uma parede deixa de existir, quando uma casa

não era assim", comenta o autor de LUTE, expressão conhecida dos muros porto-alegrenses. Com 35 anos, o intervencionista utiliza a tinta para se expressar há mais de 15 anos. Desde 2007, ele integra o Muralha Rubro Negra, coletivo que também ajudou a fundar. Através o spray e de outras técnicas, o grupo apresenta sua opinião sobre acontecimentos da cidade, do Brasil e até mesmo da América Latina. Em novembro de 2010 o Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, é ocupado pela polícia e Forças Armadas. COPA PARA OS RICOS U.P.P. PARA OS POBRES, assim amanheceu parte do muro que acompanha o Dilúvio. Em agosto do mesmo ano, em Porto Alegre, o Quilombo da Família Silva é alvo da violência física e moral da Brigada Militar, sem motivo algum. Tal fato não encontrou repercussão nos veículos de comunicação da cidade, mas achou um espaço nas ruas: BRIGADA RACISTA foi o recado dado à ação.

Porto Alegre vive tempos tensionados e isso se reflete nos muros. Um movimento que ganha força a cada ano é aquele que reivindica um transporte público mais barato. Já em 2010 o monumento do Laçador amanheceu com a inscrição 2,45 É ROUBO. A pichação foi apagada, mas mensagens como SE A PASSAGEM AUMENTAR A CIDADE VAI PARAR ainda perpetuam nas paradas de ônibus. Com o aumento da passagem para 3,05 reais nesse ano, a cidade explodiu de manifestações e mensagens. É assim que Porto Alegre vai acontecendo e se retratando nas ruas. As inscrições que todos os dias passamos carregam a luta social da cidade e todos seus desenrolamentos. Mas essas mensagens não teriam

significado se não houvesse um público para interagir. Para Raphael Jacques, 18 anos e há pouco tempo na arte de se expressar através do spray, "uma pichação pode ter um determinado significado para o momento que a gente está vivendo, mas daqui a 10 anos ela vai ser reconfigurada com outro sentido". A formação de significados faz parte do processo de identificação com uma cidade. Quando Porto Alegre se transforma, os sentidos também se modificam, e vice-versa.

Moscas, letras, cabeças, entre outros grafites também fazem parte do espaço vivo da cidade. O desenho é pensado pelo artista, mas ao sair da tinta para o muro ele está sujeito ao movimento da metrópole. "O desenho é vivo como a cidade", completa Nina Moraes, 32 anos, pintando desde os 20 anos. Quem está vivo se reinventa. Um muro, mesmo grafitado, passa despercebido depois de tantos anos com a mesma aparência. A renovação do próprio desenho às vezes se faz necessária a fim de reavivar uma parede e a atenção de quem passa por ela. Apesar disso, um de-

senho já degradado pela ação do tempo também chama a atenção por carregar parte da história de um lugar. Pelos muros da Ipiranga, da Farrapos e outros logradouros conhecidos da capital gaúcha, Nina explora em seu trabalho as figuras femininas. Segundo ela, é preciso praticar a arte do desapego com o desenho ao deixar que ele tenha vida própria nas ruas e traga, assim, a subjetividade para tantas vidas funcionais que passam por ali.

As formas que a tinta toma nos muros interagem com os porto-alegrenses e ninguém está imune a uma intervenção, mesmo que não a compreenda. As mensagens e desenhos carregam um propósito que, ao dialogar com as pessoas que passam pela rua, criam novos sentidos para os espaços. Esses sentidos podem mudar, seguindo o dinamismo da cidade. A maioria da população ainda não percebe a complexidade cultural em que se insere o grafite e a pichação, mas é inevitável pensar que nossa Porto Alegre se identifica também pela arte em suas ruas. A rua é pública, de todos, e é lá que a cidade se retrata e se mantém viva. —



ECOMUSICALIDADE

UM NOVO OLHAR SOBRE A MÚSICA E A SUSTENTABILIDADE

Essa trajetória começa com a minha chegada ao parque Germânia em Porto Alegre. Era abril, mas o calor dos trópicos figurava no clima da tarde. Foi fácil encontrar Pedro Henrique Sena, 23 anos: bastava seguir o batuque e o som de vozes acompanhando o ritmo da música. Ele estava embaixo de uma árvore e ao seu lado havia uma lata de tinta velha, um balde, um cilindro de metal, um pedaço de ferro retorcido e duas baquetas. Ao redor dele estavam dois rapazes tocando violão e muitas pessoas que curtiam a música que eles tiravam desses objetos reaproveitados.

Curioso era o fato de o projeto Reciclave ter iniciado exatamente naquele mesmo local. Quase um ano e meio atrás, Pedro estava no Germânia com um amigo que tirava uma música no violão. No chão, havia latas de cerveja espalhadas e ele decidiu tentar tirar daquele suposto lixo a sua arte. Como ele já tinha conhecimentos de percussão desde os 10 anos, conseguiu mandar bem no acompanhamento ao violão de seu amigo e isso se repetiu em outras tardes. Assim, percebeu que aqueles objetos que se tornavam lixo para muita gente e eram facilmente descartados, cujo destino, na maior parte das vezes, era prejudicial para a natureza, para ele era mais do que isso. Era a fonte da sua música e fomento para sua consciência ambiental.



Certo dia, Pedro estava também nesse mesmo parque da cidade e percebeu um grupo de rockeiros reunidos para trocar ideias e tomar um vinho. Ele então relata que decidiu fazer um desafio a essas pessoas: "Eu disse a eles que poderiam escolher uma música e eu os acompanharia com as garrafas de vinho que eles deixavam jogadas pelo chão. Caso eu não conseguisse tirar um som satisfatório, eles poderiam cuspir na minha cara, mas se eu conseguisse acompanhar a música e fizesse um som legal, eles juntariam todas as garrafas e colocariam elas no lixo". Pronto, o desafio estava feito e os guris, loucos para darem uma cusparada e rir da cara de alguém. O grupo, em meio a muitas falácias, disse que era impossível, coisa de louco e que o rapaz só podia estar chapado para propor um absurdo desses. Depois de terem entrado em um acordo sobre qual a música tocariam, ficaram impressionados com a capacidade mostrada por Pedro para tirar notas e melodias daquilo que para eles não apresentava mais nenhuma utilização. Todos, impressionados, viram-se obrigados a juntar todo o lixo que fizeram e destiná-los a reciclagem adequada.

Aprenda a fazer o instrumento da reportagem

Material necessário: 2 garrafas pet



Com uma tesoura, recorte o bico da garrafa



Faça isso com as duas garrafas até desprender o bico do corpo



Com a tesoura, faça cortes verticais da ponta até metade do bico da garrafa



Repita a mesma ação com o outro bico e fricçãoe um no outro



Aos poucos, os encontros e as apresentações musicais, que eram inconstantes e dispersas, foram sendo organizadas e combinadas com os amigos e conhecidos. Alguns desses amigos, segundo ele relata, encorajaram-no a transformar esse ato individual em algo maior.

Assim nasceu o Reciclave, que foi criado pelo próprio Pedro Henrique Sena, em 2011; com o intuito de conscientizar as pessoas sobre a importância do reaproveitamento de materiais através da música. O foco, contudo, vai muito além disso: ele procura promover uma renovação de ideias, costumes e concepções de mundo que hoje vêm sendo amplamente deturpadas em prol do consumismo existente na sociedade atual. Mostrar que em um mundo onde tudo é descartável e tudo tem prazo de validade, ainda existem gestos que nos permitem acreditar que, com ações simples e criativas, podemos transformar nossos hábitos e transmitir isso para as pessoas que estão ao nosso redor. Pedro diz que "as pessoas me perguntavam no que consistia meu trabalho, eu respondia que o que eu fazia era transformar lixo em arte. Hoje eu percebo isso de um jeito diferente, eu costumo dizer que o lixo é a ferramenta que eu vou utilizar para fazer uma reciclagem de ideias acontecer, mostrar novos caminhos e novas alternativas".

O Reciclave faz um trabalho social em escolas, empresas e comunidades através de workshops e palestras em que se mostra como é possível tirar música do lixo mais simples que se tenha em casa, transformar isso em arte e ao mesmo tempo repensar sobre a utilização sustentável desses materiais. Pedro segue: "Eu costumo dizer que o que é lixo para alguns é o sustento de outras pessoas, é o que garante, muitas vezes, não só a comida do dia, mas da semana". Nas oficinas, ele também ensina métodos de reciclagem que ajudam a separação do lixo nos galpões de coleta e facilita o trabalho dos catadores. "Uma ação simples e que pode fazer toda a diferença é embalar cacos de vidros de objetos que se quebram em jornal e identificar a embalagem, escrever 'vidro', pois assim o lixeiro ou o catador irão ter cuidado para que esse descarte não fira nem a eles nem a outras pessoas que participam do processo de reciclagem". Além dessas ações pontuais, há apresentações e shows musicais, sempre mostrando que a arte existe em qualquer circunstância e com qualquer recurso.

Leonardo Aguiar, 18 anos, que também toca percussão desde criança, cruzou o caminho do Reciclave pela primeira vez durante a entrevista.

Questionado sobre qual a sua impressão sobre o projeto, ele foi pontual em afirmar que nunca tinha imaginado que todo aquele lixo poderia produzir um som tão bom: "Se eu não tivesse visto que se tratava de um monte de garrafas, baldes e pedaços de ferro eu jamais ia imaginar que a música saía dali, o som é tão natural que até parece um conjunto de percussão com instrumentos comprados em loja de música". Pedro coloca que outro intuito é justamente esse: mostrar às pessoas que é possível tocar e fazer música de um modo rápido e muito barato. Ele mesmo ensina a construir instrumentos musicais nas oficinas que ministra e possui um canal no YouTube com vídeos explicativos mostrando como criar instrumentos com material reciclável, nos quais garante que qualquer um pode se tornar um músico com apenas algumas garrafas pet, pedaços de metal e latas inutilizadas.

Questionado sobre qual seria seu público alvo, ele responde: "Eu tento atingir as pessoas. Já fiz oficinas para crianças de menos de 2 anos e também já participei do projeto uma senhora de mais de 80 anos de idade". Não existe idade certa nem classe social exata, pois tanto a música quanto a questão da reciclagem e da renovação devem estar presentes em todas as esferas sociais.

O Reciclave existe hoje sem nenhum patrocinador: todos os custos são tirados do bolso e pagos com o que os workshops em empresas dão de retorno. Hoje, existe uma corrente muito forte nas mídias sociais que busca o reconhecimento dos grandes meios de comunicação. Amigos e fãs se juntam para chamar a atenção da mídia para dar luz a esse projeto que encanta a todos que o conhecem. Além disso, como ações futuras, a iniciativa pretende expandir suas fronteiras para fora do estado e até mesmo do país, por isso a divulgação através da imprensa se faz importante.

Henrique Jardim Mylius, 23 anos, é um dos apoiadores. Ele toca violão e acompanha o Reciclave sempre que possível nos eventos de música. Ele conheceu Pedro há quase 4 anos, mas foi apenas em dezembro de 2012 que tocaram pela primeira vez juntos. Eles gravaram uma música para lançar

na internet e ambos acharam o clima dessa junção tão bom que decidiram prosseguir com a parceria. Henrique fala: "O Reciclave é um projeto tão importante, é uma iniciativa de atitude, uma loucura que saiu da cabeça dele (Pedro) que deu a cara a tapa para poder transmitir às pessoas essa ideia de conscientização ambiental e social, de conservação do meio ambiente, de que o lixo não é só um produto de descarte, mas que pode sim ter outra finalidade. O que é lixo pra uns para a gente não é. Fico feliz do Pedro ter me convidado para participar. Esse cara é foda".

Entre uma música e outra que os guris iam ensaiando, apareceu um jovem e ilustre espectador

que nos encantou com sua espontaneidade e interesse pela arte. Miguel, de apenas 1 ano e 8 meses, primeiro se aproximou de modo muito tímido; atento ao som da música, não tirava o olho dos instrumentos. Depois, encorajado pelos pais, foi chegando mais perto até que Pedro trouxe para ele uma garrafa e uma das suas baquetas. Não demorou muito e Miguel já se deliciava com o novo brinquedo, batendo na garrafa como Pedro havia lhe ensinado alguns minutos antes. Ele

ficou por muito tempo apenas descobrindo as novas possibilidades que aquele objeto lhe apresentava. Quando teve que ir embora, sua mãe observa: "Ele está indo embora muito mais tranquilo do que quando chegou. Vamos reaproveitar alguns materiais de casa e encorajar o Miguel a desenvolver esse lado artístico porque deu pra perceber que ele gostou!".

Depois de muita ecomusicalidade, ritmos variados e risadas, o sol vai embora e dá à nossa trajetória ares de despedida, mas não de fim. Pedro avisa: "Calma, não vai embora que antes tenho um presente pra ti"; ele pega duas garrafas de plástico de água mineral, as corta a cinco dedos de distância da tampa e faz cortes verticais com uma tesoura em toda a circunferência. Ele diz "Pronto, aqui você tem um instrumento!" e começa a bater uma parte da garrafa na outra. O som que sai desses objetos é igual ao de um chocalho. Agradeço e saio de lá pensando que sim, podemos transformar ideias e disseminar uma consciência coletiva de reaproveitamento, renovação e acima de tudo respeito: respeito ao mundo e principalmente respeito às pessoas. —●



A MORTE TEM **MEDO** DELA



Beatriz Pacheco abre a porta do apartamento com um sorriso. Se fosse para considerar os estereótipos adotados para descrever uma pessoa com AIDS, ninguém descreveria a senhora que está na minha frente. Nem magérrima, nem com rosto pálido de doença. Na verdade, Bia se encaixa melhor no perfil da senhora inteirona e bem disposta para a idade com um jeitinho meigo e acolhedor de vó.

Ela se acha uma velha preguiçosa por causa da vida de aposentada. E é uma vovó moderninha, que gosta de ficar no Facebook durante a madrugada e que costuma ir dormir “cedo” – às 6 horas da manhã. Por isso, ganhou o apelido de coruja e começou a receber dos amigos várias versões do bichinho na rede social.

Só que essa tranquilidade é otimismo que Bia aparenta hoje não vieram com facilidade. Ela lutou muito – e continua lutando – contra o vírus HIV, tornando-se uma das primeiras soropositivas no Rio Grande do Sul a dar a cara a tapa para lidar com os preconceitos e com os efeitos da AIDS em uma época em que muito pouco se sabia sobre a doença.

O diagnóstico

Beatriz Pacheco nunca havia suspeitado que pudesse ter AIDS. Desde junho de 1996, tinha problemas na pele. Os médicos cogitavam câncer de pele ou leucemia, mas, ninguém descobria o que era. Quase um ano depois, o último médico, co-

nhecido da família, perguntou muito constrangido se ela se importaria de fazer o exame de HIV. Na época, a AIDS era doença apenas do chamado grupo de risco – homossexuais, usuários de drogas, hemofílicos e prostitutas. Ela achou graça da situação. “Sabia quem eu era, eu não era promíscua” – comenta Bia. Foi então que o médico a questionou se AIDS tinha a ver com conduta moral e alertou que quem pegava HIV era justamente quem não acreditava que podia pegar.

Ainda assim, em março de 1997, Beatriz foi fazer o exame com a certeza plena de que não tinha nada. No dia em que foi pegar o resultado, encontrou a palavra reagente no papel. “Que legal, meu corpo reagiu, eu não tenho nada” – pensou ela, já guardando o exame na bolsa. Seguiu caminhando, mas surgiu uma dúvida: se era reagente, significava que o corpo reagira, então era positivo. Abriu a bolsa, e nas letrinhas miúdas dizia isso mesmo.

“Era um dia de sol como hoje [18/04/2013] e tive a sensação de que eu tinha uma nuvem negra em cima da cabeça” – conta. Naquele momento, a advogada aposentada só conseguia se perguntar ‘Por que eu?’. “Eu era uma mulher que tinha tido



três homens na vida, criada de uma forma rígida, e agora ia ser taxada de vagabunda” – cogitava ela, baseando-se no estereótipo atribuído aos soropositivos na época, e que permanece, de certa forma, até hoje.

Tentando descobrir onde teria contraído o vírus, Bia se lembrou do segundo marido, que fazia transfusões de sangue. Ele havia morrido sem eles nunca terem desconfiado que tivesse HIV. Beatriz Pacheco já vivia há cinco anos com o vírus e, no ano do diagnóstico, estava casada havia um ano com o terceiro marido, Carlos.

No dia em que Bia descobriu, Carlos estava trabalhando e foi a primeira pessoa para quem ela ligou. “Só consegui dizer ‘Carlos, eu tenho AIDS’, e ele disse ‘estou indo para casa’”. O marido sempre fora carinhoso, então Beatriz estava preparada para receber um abraço e palavras de força. “Só que eu não contava com o medo dele” – relembra – “E o meu abraço não veio. Ele chegou em casa aos berros, me chamando de assassina, como se eu soubesse de tudo isso”.

Ambos achavam que Carlos estaria infectado. Ele desmaiou com o nervosismo, e o médico que veio atendê-lo acabou sendo uma benção para os dois. O doutor esclareceu algumas dúvidas iniciais e explicou que Carlos deveria fazer o exame.

Bia não sabia como seria dali em diante. Será que sua roupa teria que ser lavada separadamente? E os talheres? O banheiro? O medo os empa-

lideceu e – como ela mesma diz – “burrificou”, porque se o HIV fosse transmitido dessas formas, toda a família já estaria infectada.

18 meses de vida

Beatriz e Carlos decidiram ir a uma médica indicada. Quando perguntaram como seria a vida deles, ela só soube responder: “Sabe-se muito pouco sobre AIDS hoje em dia”. Isso acompanhado de um certo receio que alguns médicos tinham para atender pacientes soropositivos. A solução para o casal foi ir descobrindo por eles mesmos e procurando outros profissionais para orientá-los. “Ah, eu me esqueci de falar” – interrompe Bia – “Eu também perguntei para aquela médica se ela tinha alguma previsão de quanto tempo eu iria viver”. A doutora a olhou bem séria, e respondeu: “Olha, se a senhora se cuidar bem [ênfase no bem], 18 meses”.

Um ano e meio de vida. Esse era o tempo que Beatriz Pacheco tinha. A filha menor tinha treze anos. “Vocês imaginam o que é alguém receber a notícia de que vai viver um ano e meio? Foi aí que eu mandei, desculpem, vão se f..., eu vou viver para mim!”. E assim, Bia jogou o “lixo” da vida fora: não se importava mais com os outros, queria aproveitar intensamente aqueles que amava. “Contar para os meus filhos foi a coisa mais difícil que eu já fiz na minha vida. Ter prazo é desumano”.

Cada dia junto dos quatro filhos era uma despe

didada. Eles a fotografavam e filmavam. “Era uma coisa de curtir a mãe, porque a mãe tava indo... Gente, que coisa mais difícil olhar um filho triste e ser responsável pela tristeza dele!” – lamenta.

Nesse tempo, chegaram os medicamentos acompanhados da esperança de que se poderia viver mais dez anos. “Poxa, para quem ia viver um ano e meio, dez anos era festa...” – Bia faz uma pausa e olha nos meus olhos – “Já faz dezesseis... e eu nunca adoeci” – sorri.

Beatriz comemorou a chegada dos remédios mesmo que não fossem fáceis de tomar – chegou a ingerir 43 comprimidos por dia com cinco jejuns – e não tivessem um gosto agradável: “Eu tomava feliz, porque eu ia viver, mas que era infernal, era” – desabafa. Hoje em dia, a quantidade de remédios é menor e já não causa tantos efeitos colaterais quanto na época.

O Anjo

“Velhinha, te veste que nós vamos sair” – disse Carlos ao entrar em casa um dia. Beatriz ainda se sentia culpada pela situação, e ele agia esquisito. Os dois saíram caminhando. Ele tirou do bolso um papel e entregou a ela. Era o exame dele: negativo. Bia olhou para o marido, e ele estava chorando. “Eu pensei: pronto. Ele tinha quatro anos a menos do que eu, eu não sou rica, nem jovem, ele vai se mandar. Por outro lado, senti um alívio imenso, eu não o tinha infectado” – conta. Mas a ação esperada de um homem que poderia deixá-la é bem diferente da de Carlos. Ele a abraçou forte, dizendo “Eu não sei como começar a pedir desculpa, mas eu quero te dizer que o amor é maior do que a AIDS”. “Gente!” – Bia fala sorrindo – “eu tinha vontade de sair que nem criança dançando pela calçada. Ele não ia me deixar!”.

A partir dali, começava um novo desafio na vida dos dois: manter uma relação sorodiscordante – quando um é soropositivo e o outro não. “A gente não sabia se podia beijar, abraçar... Ninguém nos dava uma resposta concreta sobre o que podia, ficavam tudo em cima do muro. Daí pesquisando e indo atrás a gente acabou descobrindo que usando preservativo, o resto tudo era igual” – lembra.

O casal começou a dar palestras juntos, mostrando que a AIDS não era obstáculo para viver um grande amor. Durante os debates, eles bebiam água no mesmo copo, e Carlos encerrava dando um beijo na esposa. “Ele era daqueles gordões cheirosos, parecia o Papai Noel, eu dizia que tinha presente todos os dias!” – brinca Bia.

Só que os presentes desse Papai Noel não

eram os que se podem comprar em lojas. Com o tratamento para a doença recém chegando, os remédios tinham que ser importados dos Estados Unidos e custavam em torno de dois mil dólares, um valor difícil para se gastar todo o mês. “Mas o meu gordo disse que a minha vida valia muito mais. Então... vocês sabem o que é perder tudo? Foi o que aconteceu conosco”. Eles pararam de pagar as contas – o SPC, inclusive, já conhecia Beatriz de todas as formas. Só tinham dinheiro para comida e para os medicamentos, mas não perdiam a esperança.

“Esse homem foi um anjo na minha vida” – fala Beatriz em vários momentos da entrevista – “Minha médica era longe, e a gente ia caminhando e olhando as vitrines para escolher os móveis que a gente ia comprar quando a nossa vida ficasse toda normal outra vez. Ele não deixava valer que a gente não ia conseguir”.

E mesmo sem ter dinheiro, os mimos para a Bia eram contínuos. Carlos deixava bilhetinhos pela casa com declarações de amor, fazia comidas diferentes e até a surpreendeu com um “eu te amo” escrito no espelho do banheiro após sair do banho. Quando Bia reclamou que os remédios a estavam deixando gorda e com celulite, Carlos pediu que ela tirasse os óculos dele, porque “Deus faz a gente envelhecer e não conseguir ver os ‘babadinhos’ do outro”. No dia em que ela começou a chorar por ter AIDS, o marido a colocou em frente ao espelho e perguntou se algo havia mudado. “Viu? Nada mudou. Não deixa o vírus crescer e matar a tua história de vida” – disse ele.

Soropositiva

O apoio do “seu gordo” foi decisivo para que Beatriz Pacheco não se escondesse do mundo por ter AIDS. Ela decidiu dar a cara a tapa. “O pessoal me dizia: ‘Tu é louca, vão te rejeitar!’ e eu falava: ‘Mas eu já estou excluída aqui, deixa eu poder falar!’”. E, assim, passou a dar entrevistas, a ser “rosto” para campanhas e a participar do Movimento Posithivas, que ampara mulheres com HIV. Bia divulga abertamente nas redes sociais que tem AIDS, por isso recebe muitos pedidos de ajuda tanto de soropositivos quanto de familiares que procuram orientação.

No entanto, como ela mesma diz, ter HIV não é fácil, e até hoje se sofre preconceito. Com Bia, não foi – e não é – diferente. Médicos e enfermeiros que a trataram tinham medo da contaminação, colegas atravessavam a rua e até vizinhos de prédio não entravam no elevador ou

saíam da piscina quando ela chegava. “Eu era uma cidadã de segunda categoria pela sociedade. Esse é o grande problema até hoje” – suspira – “Mas eu tenho pena dessas pessoas, porque pode acontecer com elas também”.

A morte tem medo dela

Quando ainda não havia tratamento, a ideia de AIDS = Morte era uma certeza na época, e Bia já tinha seus planos. “Eu tinha aquela ideia de Cinderela de que eu iria morrer nos braços do meu amor” – conta, se referindo a Carlos. Porém, o conto de fadas não foi esse. Em 2006, o “gordo” a deixava, vítima de câncer, sem nunca ter contraído HIV. “Pra mim, foi ontem” – fala ela, emocionada – “e vai ser ontem sempre”.

Carlos já não reconhecia ninguém, mas, um dia, no hospital, olhou para a filha e perguntou por Bia. “Ela está aqui, pai, não sai do teu lado” – respondeu a caçula. Ele olhou para ela e disse “Fala para ela ficar aqui, porque a morte tem medo dela”. “Eu achei graça, que coisa doida” – relembra Bia.

E, exatamente no momento em que Beatriz deixou o hospital para tomar um banho e trocar de roupa, o marido faleceu. “Era como se eu não estivesse ali, ele não tivesse chance de continuar vivendo... a morte tem medo dela” – faz uma pausa e suspira – “Eu me senti muito culpada no início, porque ele me ajudou a viver, e eu continuava viva”.

No velório, Bia pensava onde estava a felicidade que Carlos sempre encontrava em qualquer que fosse a situação. “Eu não sei explicar, eu tive a sensação de que ele me abraçou e cochichou ‘Fica feliz, porque muita gente nunca teve um grande amor’” – e sorri – “Eu fui casada três vezes, e amor, com todas as letras maiúsculas, eu só tive pelo Carlos. Eu me sinto

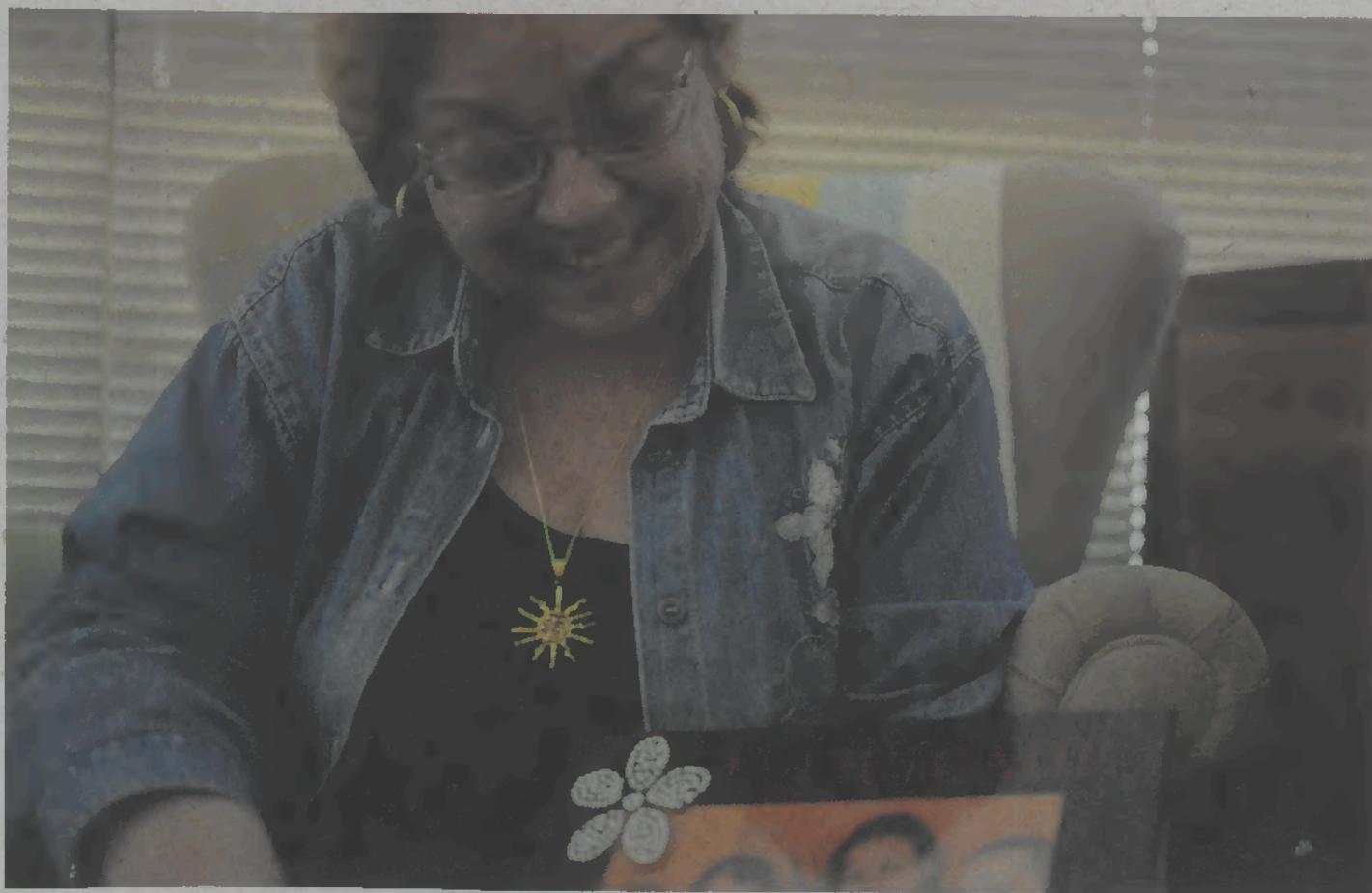
dele ainda, e ele meu, onde ele estiver”.

Iluminada

Olho para o pingente dourado de sol que Bia usa no pescoço. Ela percebe. “Foi o Carlos que me deu. Como eu disse que tinha a nuvenzinha negra na cabeça, era para que eu nunca tivesse um dia sem sol. Eu uso quase todos os dias desde que ele morreu”.

“Então, minha querida, o que eu digo é o seguinte: ter AIDS é complicadíssimo, o preconceito é imenso, mas a gente precisa, pra continuar vivo, ter esperança, alguém que nos ame e alguém que diga vai dar certo” – garante Bia, que não perde o bom humor: “Eu brinco com o pessoal que sou uma ‘HIVéia’ feliz! (risos)”.

E mesmo com uma doença que já foi considerada sentença de morte, Beatriz Pacheco tem motivos para comemorar: há dez anos



tem carga viral indetectável, ou seja, o vírus HIV está em seu corpo no que chamam de “santuários” (geralmente nos gânglios) e não circulam pelo sangue. “Mas esse maldito HIV que entrou na minha vida, em algumas coisas me tornou uma pessoa bem melhor” – admite Bia, e acrescenta: “Hoje em dia, a gente vive a cultura do pessimismo. Se fizermos o exercício do otimismo, nós mudamos o mundo, eu te garanto!”. ➔

Minha trajetória numa rave...

...compareçam.



O MELHOR DO MUNDO

Na pequena cidade de Parobé, no Vale do Paranhana — região Metropolitana de Porto Alegre —, mora o personagem desta matéria. Ao nos receber em sua casa, antes que pedíssemos, Jorginho nos mostra com orgulho o troféu que ganhou em 1992: o de melhor jogador de futsal do mundo. Além dele, apenas Manoel Tobias e Falcão conseguiram repetir o feito no país. Atuando por diversos clubes de Brasil, Espanha, Rússia e Arábia Saudita — sempre com a camisa 13 —, o pivô de 1,68m infernizou adversários com extrema habilidade e conquistou praticamente todos os títulos possíveis nos clubes e seleção brasileira. Contrastando bons e maus momentos, o jogador, sem dúvida, tem seu nome gravado entre os maiores do futsal mundial.

A história é conhecida. Nasce um menino pobre, numa favela do Rio de Janeiro, com um dom: jogar futebol. Na infância, desde os oito anos, muito franzino e com um talento fora do comum, Jorge Pimentel destacou-se nas peladas de pé descalço e goleirinhas feitas com chinelos. Com 17 anos, ao disputar um torneio representando a seleção do Rio de Janeiro, o garoto foi visto por um diretor do Grêmio. O clube possuía um dos melhores times de futsal do Brasil na época e não titubeou em contratar a jovem promessa. Sem entender muito bem o que estava acontecendo, arrumou as malas com as poucas roupas que tinha, despediu-se dos pais e dos cinco irmãos e veio para o Sul. Já na sua estreia, ainda desconhecido pelos companheiros, Jorginho

mostrou seu cartão de visitas. O Grêmio perdia por 2 x 0 quando o “Carioca” foi chamado do banco de reservas.

— “Caraca!”, eu pensava. O que eu tô fazendo aqui, cara? Ontem eu tava lá jogando de pé no chão na favela e hoje tô com os caras da televisão! Dois a zero pros caras e eu não tava nem aí pro jogo. Eu tava olhando pra arquibancada, olhando pra todo mundo, ginásio lotado. Nem sabia por onde eu tinha que entrar, por onde o outro saía. Primeira bola. O cara veio me dar um carrinho eu puxei, driblei um, driblei outro, empurrei pro maluco e PUF... DOIS A UMI! Faltando um minuto eu peguei a bola, rabisquei um, rabisquei dois, rabisquei três e PUUF... DOIS A DOISI!!! Na volta, todo mundo do meu lado no ônibus.

O moleque agora era respeitado. Um ano mais tarde, já aos 18 anos, transferiu-se para o Enxuta. O time de Caxias do Sul foi uma das maiores equipes do futsal brasileiro de todos os tempos. Craques consagrados como Manoel Tobias, Fininho, Morruga, Ortiz, entre outros, fizeram parte da vitoriosa equipe. Foram 6 títulos gaúchos, um deles invicto, e 3 conquistas da Taça Brasil. O time do técnico Barata, considerado por Jorginho um dos maiores com quem ele trabalhou (o “professor dos professores”), chegou a ter 7 jogadores da seleção. Em Caxias, o camisa 13 ganhou maior visibilidade e com 19 anos veio a primeira convocação para a seleção brasileira. O jogador defendeu a amarelinha por 15 anos. Além de tantas conquistas nas quadras, o Enxuta proporcionou ao atleta a chance de realizar um sonho antigo.

— Quando eu saí do Rio a primeira coisa que eu pensei foi: “Vou comprar uma casa pra minha mãe, vou tirar ela da favela!” Aí eu renovei um contrato com a Enxuta por dois anos e comprei uma casa toda mobiliada. Ela não queria sair da favela, eu comprei uma casa no pé do morro, mas não podia contar

pra minha mãe. Fui pro Rio lá, meus parceiro tudo sabendo. Eu falei: mãe, vamo dar uma banda que eu tenho um presente pra dar pra senhora. Minha mãe é mó figura. Descemos a favela, todo mundo olhado pra gente, mó negadinha atrás, tudo com a camisa da Enxuta, TREZE! Mandei os caras fazer e dei pra todo mundo! Cheguei lá, mó galera na vilinha, fui na porta da casa e a minha mãe se avançou em mim, me disse que eu não podia tá roubando a casa dos outros. "Cê tá louca mãe, isso eu comprei pra ti". Levei ela pra dentro, mostrei tudinho, quando chegamos na sala ela desmaiou. Falei: "MATEI A VÉIA!".

Paulinho Sananduva, ex-treinador da ACBF, de Carlos Barbosa, e do Atlântico, de Erechim, é um grande amigo do craque. Ele fez parte do elenco do Enxuta primeiro como jogador e mais tarde assumiu o cargo de técnico. Sananduva, que acompanhou praticamente toda a carreira de Jorginho, não deixa dúvidas: o considera um dos maiores jogadores de todos os tempos.

— Foram quatro anos como colega. Depois como treinador por praticamente um ano e cinco meses. Um jogador com uma capacidade técnica que eu não vi ainda em nível de Brasil. Uma habilidade incomum, uma coordenação e um raciocínio muito rápido. Merecidamente chegou a melhor do mundo. Sempre foi um jogador que na sua época fazia a diferença. Ele conseguia fazer coisas extraordinárias. Foi o jogador mais habilidoso que eu já vi no futsal, de todos! Era um jogador que cativava, atraía multidões, marcou época e atualmente sentimos falta desse tipo de qualidade de atleta. Eu o vi na Argentina numa copa, em Buenos Aires, driblar os quatro jogadores de linha e mais o goleiro antes de fazer o gol. Apelidaram-no naquela competição de "El Maradona". Observar o treinamento seria algo espantoso!

Entre fatos engraçados de bastidores e outros nem tanto, Jorginho foi contando todas as vivências de um atleta de futsal, como as brincadeiras na concentração e os desdobres no chato nutricionista que insistia em impedir que comessem o que realmente tinham vontade. A malandragem do carioca se fazia presente em todos os momentos. Sempre alegre, um sujeito brincalhão, uma figura fantástica.

— O cara não podia comer, não podia beber, não podia comer macarrão, tomar Coca-cola. Era tudo regrado. Era peso pra tudo. Alguém tava dormindo e ia lá um tirar a pulsação do cara. Eu falava "Pô irmão, tô morto não, tô vivo véio!". A gente chegava pra comer, o preparador físico gritava: "Ô seu garçom, SEM REFRIGERANTE PRO MEU TIME!". A gente subia pro quarto e ligava pro cara: "Meu véio, traz uma pizza daquelas grandona e uma COCA DOIS LITROS! Como não pode? Eu tenho uma camisa da seleção aqui pra tu, rapá". Era só dar uma camisa da seleção e pronto. Chegava no outro dia o preparador físico chegava: "SEM REFRIGERANTE!". Aham, tá beleza. Camisa de treino, a gente já até separava, essa vai pro porteiro, essa aqui pro garçom...

Não teve problemas também para tocar no assunto mais delicado é constante em boa parte de sua carreira, o envolvimento com as drogas. A infância pobre no morro, a convivência, as relações sociais, enfim, tudo colaborou para que aos treze anos ele iniciasse a usar cocaína. Daí em diante a fama e o dinheiro que o futsal possibilitava foram sustentando o vício, até que ele fugiu do controle.

— A vida do cara eu vou te falar, cara... Ser jogador é muito difícil. Tem um monte de boleiro, não jogam porra nenhuma, uma balaca danada. Aí tudo na vida do cara tem uma fase ruim. Eu vim de uma favela que eu tinha tudo na mão. Com 13 anos de idade um cara com um revólver na minha cabeça me fez eu cheirar minha primeira carreira de cocaína. Tudo era muito fácil pra mim, irmão. Todo o lugar que eu chegava em Caxias do Sul, no meu auge, os caras me davam tudo. Eu não pagava pizzaria, restaurante... NADA! Até remédio os caras me davam na farmácia. É droga e mulher, a mesma coisa. Tinha um maluco lá que me dava 5 gramas por gol que eu fazia, eu fazia no mínimo três

gols por partida irmão, vai vendol! E tu não consegue controlar a química, não é viciozinho de Coca-cola não. É química! É muito doido e o cara acha que é legal. Não adianta, o cara vai mesmo.

Foi preciso muita força de vontade, apoio familiar e de amigos para dar a volta por cima. Manoel Tobias, ex-companheiro de futsal e um grande amigo, hoje pastor evangélico e técnico da Seleção Brasileira sub-21 de Futsal, foi quem apresentou a religião para Jorginho, que diz ser Jesus Cristo o principal responsável pela sua recuperação.

— Foi aqui no Brasil. Manoel Tobias foi um dos caras mais finos que eu conheci na minha vida. Como ele era Atleta de Cristo sempre me convidava pra ir na igreja e eu fugia dele. Mas na bíblia diz "ou tu vai no amor ou vai na dor", eu fui pela dor. Eu tava no Inter, numa fase horrível pra caramba, tava a seis jogos que eu não fazia nenhum gol. Um dia eu chapado dentro de casa me olhei no espelho e não me reconheci. Falei "Cara, por isso que faz seis jogos que eu não faço gol". E o Manoel Tobias falou assim pra mim: "tu quer recuperar, cara? Só quem pode fazer isso por ti é Jesus". Fui pra uma clínica de um amigo dele em Minas Gerais, não tinha remédio, não tinha nada, portão aberto; só a palavra de Deus. Passei lá vinte dias. Faz de 8 a 10 anos que eu parei com tudo. Me sinto super bem. Não sou crente, tomo minha cerveja, fumo meu cigarro, mas gosto de ir na igreja.

Com 30 anos, Jorginho recebeu uma proposta milionária – vale lembrar que estamos falando de futsal – para jogar na Rússia. Já com a cabeça mais tranquila, casado e pai de dois filhos naquele momento (mais tarde, e de outra mulher, viria a primeira menina), o pivô saiu do Brasil disposto a juntar dinheiro e garantir uma boa vida para a família. Na Europa a adaptação não foi fácil. O frio russo, o idioma, a alimentação, tudo foi um problema no início. Só não demorou para virar ídolo em cada clube que passou ao longo dos seis anos que ficou no país.

— Os caras gostavam. É dom né veio. Pegava aqueles gringo lá, era oito gols por jogo irmão! Era balãozinho, era bola de baixo da perna... Nossa senhora. Aí acabava, no intervalo a gente ficava brincando com a bola, botava a bola aqui a bola ali e ÓÓÓÓ... TIRA FOTO, TIRA FOTO!!! Pisava na nega, ela vinha, batia embaixo, ela subia e os caras ÓÓÓÓÓ... E os caras vinham, tiravam foto, muito doideira cara!

Em todos os lugares que ele passava, trazia consigo uma multidão. Jorginho detinha um carisma quase tão grande quanto o seu talento com a bola nos pés. Adquiriu o respeito de todos os praticantes do esporte. Em 2008, foi embaixador da Copa do Mundo de Futsal que ocorreu no Brasil. Pelas ruas da cidade em que reside, enquanto caminhávamos na direção da sua casa, o craque ia sendo reconhecido e cumprimentado pelas pessoas. Atualmente, gerencia um restaurante em Parobé e mora sozinho. Jorginho se diz realizado com a vida que leva e afirma que, apesar da saudade do Rio de Janeiro, é no Rio Grande do Sul que quer ficar até o fim da vida. De vez em quando ainda se aventura pelas quadras, participa de jogos beneficentes, showbol, amistosos e até alguns torneios na região.

— Agora é só alegria cara, eu quero só viver. Tô com 44 anos, irmão, tô na metade da minha estadia aqui na Terra. Ou tu vive com qualidade ou tu vai morrer daqui a dez anos. Tenho minha vida totalmente regrada. Me alimento bem, durmo legal. Tô de boa cara, meus filhos todos crescidos. Tô levando minha vida, eu trabalho no restaurante, tenho meu salário aqui. Minha casa é humilde, mas tenho tudo do bom. Me visto bem. Vivo bem!

Para encerrar, perguntei como ele ainda se comporta dentro de quadra. A resposta veio com a sagacidade e a "boleiragem" que eu já imaginava:

— É que nem andar de bicicleta: tu não desaprende, só muda a velocidade da pedalada! —

QUANTOS AMORES, OU NÃO, EU QUISER.

“Eu tenho uma relação que a gente chama de relação livre”. É assim que a publicitária Maria Fernanda Salaberry, 26 anos, inicia nossa conversa. ‘A gente’ é em referência ao coletivo Relações Livres, consolidado há mais de dez anos como um movimento social. Sua principal bandeira é propor uma alternativa à monogamia. Mas, afinal, qual a diferença entre relações livres e outros tipos de relacionamentos mais liberais? Maria Fernanda destaca a importância de separar relações livres de relacionamento aberto e poliamor, por exemplo:

“Um relacionamento aberto é quando um casal resolve fazer pequenas aberturas numa relação. Vem de uma relação monogâmica e vai abrindo se eles sentirem a necessidade de abrir essa relação – ou porque as pessoas se interessam inevitavelmente por outros ou se apaixonaram mesmo. Mas, normalmente, existe uma relação prioritária que é aquele casal e o resto são ‘casos’. Já o poliamor se propõe a ter várias relações muito sólidas. Com ele, procuram-se várias relações amorosas mais sérias – não há “casos”. São pessoas que querem ter dois maridos ou duas esposas, digamos assim”.

O grupo Relações Livres surgiu de forma muito natural, quando, em 2004, Maria Fernanda e cerca de dez adolescentes do movimento estudantil de Porto Alegre – entre 16 e 18 anos – começaram a se relacionar de uma forma diferente:

“As pessoas começaram a ficar de uma forma muito livre – mas nós não tínhamos uma comunidade afetiva, porque não morávamos jun-

tos. Criamos uma relação que se naturalizou muito rápido. Era mais ou menos assim: eu ficava contigo, tu ficava com ele, daqui a pouco eu tava gostando de um, mas também gostando de outro, e fomos levando aquilo com toda a tranquilidade do mundo”.

Resumindo: não havia barreiras para gostar, amar, ou ficar com alguém. Tudo isso levou a uma forte rejeição do próprio movimento estudantil e da família, no início. Aos poucos, alguns amigos começaram a recusar os convites do grupo para suas festas, que contavam com intervenções teatrais e discussões políticas:

“As pessoas diziam: a gente não vai ir, lá todo mundo se agarra, todo mundo fica! Os próprios pais começaram a intervir, dizendo para não andarmos mais com o grupo”.

Enfim, tornou-se um problema. Foi assim que sentiram a necessidade de pensar por que faziam aquilo:

“Por que para nós era tão natural e para os outros era tão assustador?”

É neste momento, então, que o grupo Relações Livres ou RLi (fala-se érreli) começou a adquirir características de movimento social. A leitura de autores como Simone de Beauvoir, Sartre e especialistas em sexologia como Regina Navarro Lins tornaram o grupo preparado para discutir e defender suas idéias.

O ponto principal para a tomada de consciência de sua situação foi conhecer outras pessoas, inclusive mais velhas, na mesma situação “não-monogâmica”. O que antes era uma experimentação tornou-se, de fato, um movimento em 2004:

“Ufa, pensamos. Dá pra ir mais longe, sabe? Afi-

nal, pessoas mais velhas têm essa relação - porque muita gente nos pressionava no seguinte sentido: 'cara, ficar é coisa de adolescente. Quando tu achar alguém perfeito, tu vai casar, tu vai ter filhos'".

Assim, o que para os outros era apenas uma fase, para eles significava uma forma de produzir conteúdo para quem não queria estar na monogamia. Mostrar que existe uma alternativa:

"Não vamos entrar em igrejas gritando para as pessoas não casarem. Mas muita gente casa e entra na monogamia e acaba passando por várias crises. Nossa militância não é contra as pessoas que querem casar, mas a grande maioria das pessoas não sabe que há uma alternativa. Não existe no imaginário coletivo uma alternativa ao casamento, à monogamia, ao namoro tradicional".

Como uma forma de expressar suas idéias, o grupo criou o blog do RLi, em 2006. Maria acredita que a iniciativa foi uma ótima maneira de se encontrar além de ajudar outras pessoas:

"Logo no início apareceram muitas pessoas cheias de perguntas. Acho que quando temos um comportamento diferente, excluído da sociedade, não tem um espaço definido para ti e é muito difícil manter esse comportamento, no qual tu acredita. Tem uma pressão social muito forte".

Hoje, a Rede Relações Livres, "uma rede social no mundo real com o desafio de desatar o nó da monogamia", atinge 300 pessoas em seu círculo próximo. O grupo já mapeou, inclusive, cerca de 800 moradores do Rio Grande do Sul que não têm relações monogâmicas ou que veem o grupo como referência.

O amor romântico é uma mentira

A psicanalista e escritora mais procurada pela mídia para falar sobre relações amorosas e sexuais é Regina Navarro Lins. A carioca atende casais em seu consultório há mais de quarenta anos e, em 1992, lançou o livro 'A Cama na Varanda'. Best-seller com mais de 50 mil cópias vendidas, a obra reúne histórias bem curiosas de alguns pacientes. São relatos de homens e mulheres insatisfeitos com sua vida sexual e amorosa - mas está longe de ser um daqueles guias babacas sobre amor! As colocações de Regina Navarro são pertinentes diante de uma sociedade que aos poucos abre os olhos para o maior de seus mitos: o amor romântico.

Em "A Cama na Varanda", Regina nos mostra que em registros muitos antigos já era possível encontrar relatos que viam o amor como algo negativo: "o amor retratado como um esmagamento do eu e, portanto, semelhante a uma espécie de doença, já



é encontrado nas poesias de amor que sobrevivem entre as relíquias do Antigo Egito, algumas remontando ao ano de 1000 a.C”.

A trágica história de Tristão e Isolda, que pode ser considerada uma obra do século XII, foi o primeiro registro de literatura romantizada, hoje tão comum, que idealizava o amor entre duas pessoas. Nesta história, no entanto, o casal não se amava. Eles estavam apaixonados pela paixão.

É na literatura de Shakespeare, do século XVII, que encontramos pela primeira vez uma juventude lutando pelo direito de casar por amor, e não mais por interesses financeiros – o que só se torna realidade a partir da década de 1940, quando o amor romântico passa a ser um fenômeno de massas.

Segundo Regina Navarro é quando, então, se naturaliza o casamento por amor e a idealização como parte do imaginário ocidental.

“O amor romântico, aquele que rege as mentalidades desde o início do século XX, é o amor calcado na idealização - você conhece uma pessoa, atribui a ela características que ela não tem e depois você inferniza a vida dela, querendo a vida toda que ela se enquadre naquilo que você idealizou. Então, o amor romântico ele tem essa característica: a idealização. As pessoas amam estar amando, se apaixonam pela paixão”.

Para Regina, o amor romântico, já fixado em nossos costumes e mentalidades, prega muitas mentiras:

“Existe a crença na nossa cultura de que todo mundo tem que ter um par amoroso, e isso é uma coisa muito prejudicial. As pessoas ficam achando que se você não tem um par amoroso você não pode ser feliz. Isso é um grande prejuízo. Ele (o amor romântico) diz que quem ama não transa com mais ninguém, não sente desejo por mais ninguém, que os dois vão se completar, que nada mais vai faltar”.

Ela ressalta que o clássico “E viveram felizes para sempre...” dos contos de fadas só acontece depois de muitos obstáculos e foi uma forma encontrada para cristalizar um estado apaixonado que, de outra maneira, não duraria para sempre. Regina acredita que esta exigência de “fusão” entre os amantes, hoje, vai contra o atual modelo social individualista:

“Hoje existe uma busca da individualidade, as pessoas querendo descobrir suas possibilidades, desenvolver seu potencial. E essa busca da individualidade não tem nada a ver com egoísmo”.

Por pregar o oposto do que a maioria busca - acredita Regina - este tipo de amor está saindo de cena.

Para a própria Maria Fernanda Salaberry, também militante de esquerda, procurar uma alternativa à monogamia é muito mais do que uma afirmação de sua individualidade - que também existe na busca pela independência habitacional, por exemplo. Em seu grupo Relações Livres, Maria pensa sua escolha como uma luta contra todo o histórico opressivo de propriedade, que também afeta nossas relações pessoais. Sobre os comentários que ouve dos outros, ela garante:

“A maioria das pessoas, se elas não gostam do meu estilo de vida, elas não têm coragem de falar diretamente. Claro, se tu é casada há 40 anos com um cara e é superfeliz - e eu acredito que possam existir relações assim - aí tu vai dizer para mim: o teu tipo de relação não dá certo. Mas aí eu argumento: quantas outras pessoas tu conhece, na mesma situação que tu, há 40 anos assim, felizes? Aí elas dizem: ‘Ah, pois é, só eu’. Viu? Então, as próprias pessoas nos poupam o trabalho de argumentar, Porque elas sabem”. —

Amo intensamente os dois
Um é minha felicidade
o outro também
Sou humana
Meu coração é humano
Sou mulher, cheia de vida
Sou apaixonada
pelo o que a vida me dá

Autor desconhecido

Para saber mais sobre a Rede Relações Livres, acesse o blog do grupo. O endereço é: www.rederelacoeslivres.wordpress.com

UM POEMA EM UM CONTINENTE EM CHAMAS

Em 1976, quando o *Poema Sujo* foi publicado, seu autor – Ferreira Gullar – estava exilado na Argentina. A grande repercussão da publicação foi fundamental na volta do poeta para o Brasil. Nas entranhas de suas cento e três páginas, o *Poema Sujo* parece capturar os temores e anseios de uma geração esmagada pelas botas e coturnos de generais. Esse é um poema nascido do exílio.

Fuga

Darcy Ribeiro. Caetano Veloso. Leonel Brizola. Gilberto Gil. Paulo Freire. Milton Santos. Josué de Castro. Ferreira Gullar. Em comum entre esses todos está o exílio durante parte da Ditadura Militar.

Ferreira Gullar nasceu José Ribamar Ferreira, no ano de 1930 em São Luís do Maranhão. Em 1971, foi obrigado a deixar o Brasil. Antes, havia pertencido à direção estadual do Partido Comunista Brasileiro, no Rio de Janeiro, cargo que assumiu para contrapor-se ao grupo de Carlos Marighella e Mario Alves, que pretendia levar o partido para o caminho da luta armada. Antes de partir, viveu quase um ano clandestino. Sem moradia fixa, instalava-se na casa de parentes e amigos. Quando a situação tornou-se insustentável, fugiu; primeiro para Paris, onde pouco ficou, e depois para a Moscou. Sem contato com a mulher, os filhos e os amigos, passou dois anos na URSS, em um curso de formação de quadros leninistas.

Em 1973, Gullar decidiu retornar para a América Latina. Escolheu o Chile de Salvador Allende, que enfrentava o desafio de edificar o socialismo pelo caminho da democracia representativa – a Via Chilena. Em Santiago, encontrou um governo em crise, fustigado por uma direita organiza-

da internacionalmente e por uma ultra-esquerda radical. No dia 10 de setembro de 1973, Gullar fez 43 anos. No dia seguinte, Allende suicidou-se dentro do Palacio de La Moneda cercado por tanques de guerra e bombardeado por aviões Hawker Hunters, a mando de Augusto Pinochet. O governo socialista caía, num dos episódios mais sangrentos e dramáticos da história sul-americana. Em meio ao turbilhão, o apartamento de Gullar era invadido pela polícia, que nada encontrou; o poeta havia dado fim a qualquer evidência de sua atividade política pregressa.

Fingindo-se correspondente estrangeiro, Ferreira Gullar realizou uma nova fuga, agora para o Peru, onde passou poucos meses, até ser convidado por um amigo para trabalhar como professor visitante da Universidade de Buenos Aires. O escritor chegou à cidade no dia 1º de julho de 1974.

No mesmo dia, morria o presidente Juan Domingo Perón.

Buenos Aires

No lugar de Perón, assumiu sua esposa, Isabelita, que encabeçou um governo frágil, dominado por organizações paramilitares de direita – dentre as quais destacava-se a Triple A (Aliança Anticomunista Argentina), liderada por José Lopes Rega, secretário pessoal da presidente. Ataques terroristas ocorriam contra as organizações de esquerda. Ainda que não fosse oficialmente uma ditadura, a Argentina começava a incorrer no quadro que caracteriza esse tipo de regime: prisões, torturas, desaparecimentos, assassinatos. O golpe se armava.

**A cidade está no homem
quase como a árvore voa
no pássaro que a deixa**

Nesse cenário, o prometido trabalho na Universidade deixou de existir. Com o passaporte cancelado pela embaixada brasileira, o poeta não podia ir para a Europa. Suas possibilidades eram os países da América do Sul, todos mergulhados em ditaduras. Nessas condições, Gullar decidiu manter-se em Buenos Aires, sustentando-se com aulas de português e publicações de artigos em jornais e revistas brasileiras. Ao seu redor, pessoas começaram a desaparecer. O poeta pressentia seu próprio desaparecimento, que parecia próximo. Nessas circunstâncias, decidiu “escrever o que me restava escrever enquanto era tempo”. Um último e derradeiro poema, nascido do medo e da solidão na cidade estrangeira. Um Poema Sujo.

“Uma aventura bastante especial”

“Eu saio do estado normal em que todo mundo vive – eu e todo mundo – e de repente me sinto em um estado especial. O mistério da vida, por assim dizer, se impõe diante de mim, por alguma situação. Eu entro num estado que me permite escrever o poema. No caso do Poema Sujo, foi a situação de impasse, de beco sem saída na qual eu me encontrava”.

Ferreira Gullar passou de maio a outubro de 1975 escrevendo a obra, que, nesse período, tomou conta de seu cotidiano – todos os afazeres diários transcorriam com o poema na cabeça, e

o tempo livre era utilizado escrevendo, tomando notas e reescrevendo. Desde o início, havia decidido que a obra se chamaria Poema Sujo. Seria “estilisticamente sujo, moralmente sujo e sujo como a vida do povo pobre do Brasil”.

De fato, o poema possui essas três características: seja quando enumera – quase em discurso neurótico – imagens inconscientes reprimidas pela moral social; seja quando se debruça sobre um bairro pobre de São Luis, formado por palafitas e localizado ao redor de um rio utilizado como esgoto pela cidade, e percebe que o cheiro de merda que vem do rio é tão presente que passa a fazer parte do próprio ser dos moradores do bairro; seja quando atravessa páginas e páginas em sua estética caótica, de imagens incompletas e formas geográficas que formam-se livremente em meio ao papel, num grande furacão de palavras.

Em uma espécie de despedida, o poeta rememora suas vivências de infante e adolescente e espanta-se ao perceber o quão finita, e pequena e ao mesmo tempo grande, é a existência. Como resposta ao impasse do autor, a obra celebra a vida. Mas não a vida idealizada, com seus grandes e inatingíveis propósitos. A vida pequena, da quitanda de Newton Ferreira, o pai do poeta. A vida de jogos de futebol, pastilhas de hortelã, de jornais de uma cidade no norte do Brasil. A vida das viagens de trem entre São Luis do Maranhão e Teresina, a vida dos coitos feitos com dificuldade nas calçadas. A vida simplória.

Durante os cinco meses de escrita, Gullar entrou no que ele me definiu como “o barato do poema”, um estado que nunca havia experimentado por tanto tempo, e que se deve, provavelmente, às suas então condições de vida. Abruptamente, esse estado cessou. E a escrita não foi mais possível – “mas eu sabia que o poema não estava terminado”. Um final chegou a ser escrito e imediatamente rasgado, pois não atendia aos desejos do autor. Até que à mente do poeta voltou uma frase de Hegel, que dizia: “Na expressão do ramo da árvore, estão o singular e o universal”.

“Esta dialética entre o particular e o universal que me levou a terminar o poema. O porquê eu não sei”. O final é antológico: duas páginas

de divagação sobre as maneiras pelas quais o homem e a cidade se relacionam durante a existência humana.

Brasil

Um poema que, sem omitir nenhuma palavra ou ato considerados feios ou obscenos pela moral burguesa, carrega uma extraordinária pureza de intenções e de sentido. Um poema que nada tem de sujo, nesse particular; ou melhor, que é sujo de vida, inhaca humana, do cheiro acre do amor dos corpos, do fervilhar dos germes da vida e dos vermes da morte. Assim Vinícius de Moraes definiu a obra, num belíssimo texto intitulado *Poema Sujo de Vida*, publicado na Revista Manchete, em 1976.

Vinícius que, em outubro de 1975, estava em Buenos Aires para uma série de apresentações – o poeta/diplomata/boêmio havia se metamorfoseado em músico – se emocionou fortemente ao escutar Gullar declamar, pela primeira vez, sua novíssima obra em uma reunião de amigos. A declamação foi então gravada numa fita K-7 e trazida para o Brasil pelas mãos do compositor, tornando-se constante em eventos culturais.

Em 1976, Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira, resolveu publicar o Poema Sujo. Pelo correio lhe chegou a versão datilografada e diagramada pelo poeta, e, em junho de 1976, a obra foi lançada. Sucesso instantâneo, gerou uma grande comoção pela volta de Gullar ao Brasil, processo que se deu às claras, respaldado pelo sucesso nacional. O poeta avisou amigos, colegas e os órgãos de segurança da ditadura, evitando a volta clandestina, situação na qual poderia ser capturado pela repressão sem que ninguém soubesse.

No início de 1977, Ferreira Gullar desembarcou no Rio de Janeiro, recepcionado por mais de 100 pessoas no aeroporto. No dia seguinte, foi levado à polícia, onde negou-

se a responder ao interrogatório. Foi vendido, algemado e colocado em um camburão, com destino ao Quartel do 1º Batalhão da Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita 425. O local era sede do DOI-CODI. Sede da tortura na cidade do Rio de Janeiro.

Gullar foi submetido a um interrogatório de três dias e três noites seguidas. Passou o período sem dormir e sem comer, fustigado por perguntas sobre sua vida em Moscou, no Chile, na Argentina. Fisicamente, não foi agredido. Pouco antes de ser solto, questionou o porquê daquilo tudo, uma vez que os interrogadores pareciam saber de tudo a seu respeito. “Nós estamos fazendo isso para você entender que isso aqui não é a casa da mãe Joana. Que não pode voltar como quiser não...”. Pouco depois, o soltaram, e sua vida brasileira foi retomada.

Vida – matéria prima do poema

O perigo de escrever sobre a arte de um artista cuja trajetória é tão fascinante é focar-se excessivamente na vida e dar valor menor à arte. Ferreira Gullar muitas vezes relatou que, caso não houvesse experimentado o exílio, o Poema Sujo não existiria. Relatou também que preferia não ter vivido a experiência que o levou à escrita da obra. Essa escolha ele não teve.

Na entrevista que me concedeu, ao tratar sobre as maneiras que o poema se relaciona com suas memórias, ele disse uma frase interessante: “A vida é a matéria prima da poesia”. A arte não tem a pretensão de imitar a vida. A arte nasce da vida. O que é belo e adorável no ser humano talvez seja isso: mesmo nas condições de existência mais duras e difíceis, nele pode nascer uma ideia, um sentimento mais elevado do que a mesquinharia do nosso dia-a-dia, que se traduz em estética. Ideias mudam o mundo. A arte muda o mundo. Nasça ela de onde for. —

A entrevista com Ferreira Gullar foi feita para o documentário de rádio *Poema Sujo: o exílio em versos*, produzido em conjunto por mim, Cristiano Goulart, Giovani de Oliveira, Júlia Bertê, Kathlyn Moreira e Priscila Mengue.

O link para a audição do documentário está em:

www.ufrgs.br/estudioderadio/?p=1121

JORGE MAUTNER

No dia 23 de maio de 2013, Jorge Mautner esteve em Porto Alegre para tocar com Bem Gil no Conexões Globais, evento realizado pelo governo do Estado do RS. Algumas horas antes, os músicos concederam uma entrevista coletiva para jornalistas, aspirantes e curiosos. Nós estávamos em uma dessas três categorias.

Lennon: Essa matéria vai ser um pouco diferente. Originalmente, nessas páginas estariam derramadas as alucinações alucinantes de Jorge Mautner – que homem! – em forma de perguntas e respostas. Mas devido a desencontros do destino, acabamos num coletivão com o Jorginho, sem direito a exclusividade :(Como nossas perguntas foram poucas e as respostas não nos eram preferenciais – pensando nas TRAJETÓRIAS possíveis – vamos escrever uma matéria, conforme dito antes, um pouco diferente. Vai ter gente dizendo que foi folga nossa. Outros dirão que estamos mentindo. Vai ter gente até dizendo... que não é jornalismo, que é perfumaria.

Mas foda-se. Esse foi o jeito que encontramos para melhor descrever o que foi estar diante – dele – do gênio (indiscutível) um dos maiores homens da música brasileira quiçá da cultura brasileira apesar de não ser tão conhecido como Caetano e Gil e outros de seu tempo: JORGE MAUTNER.

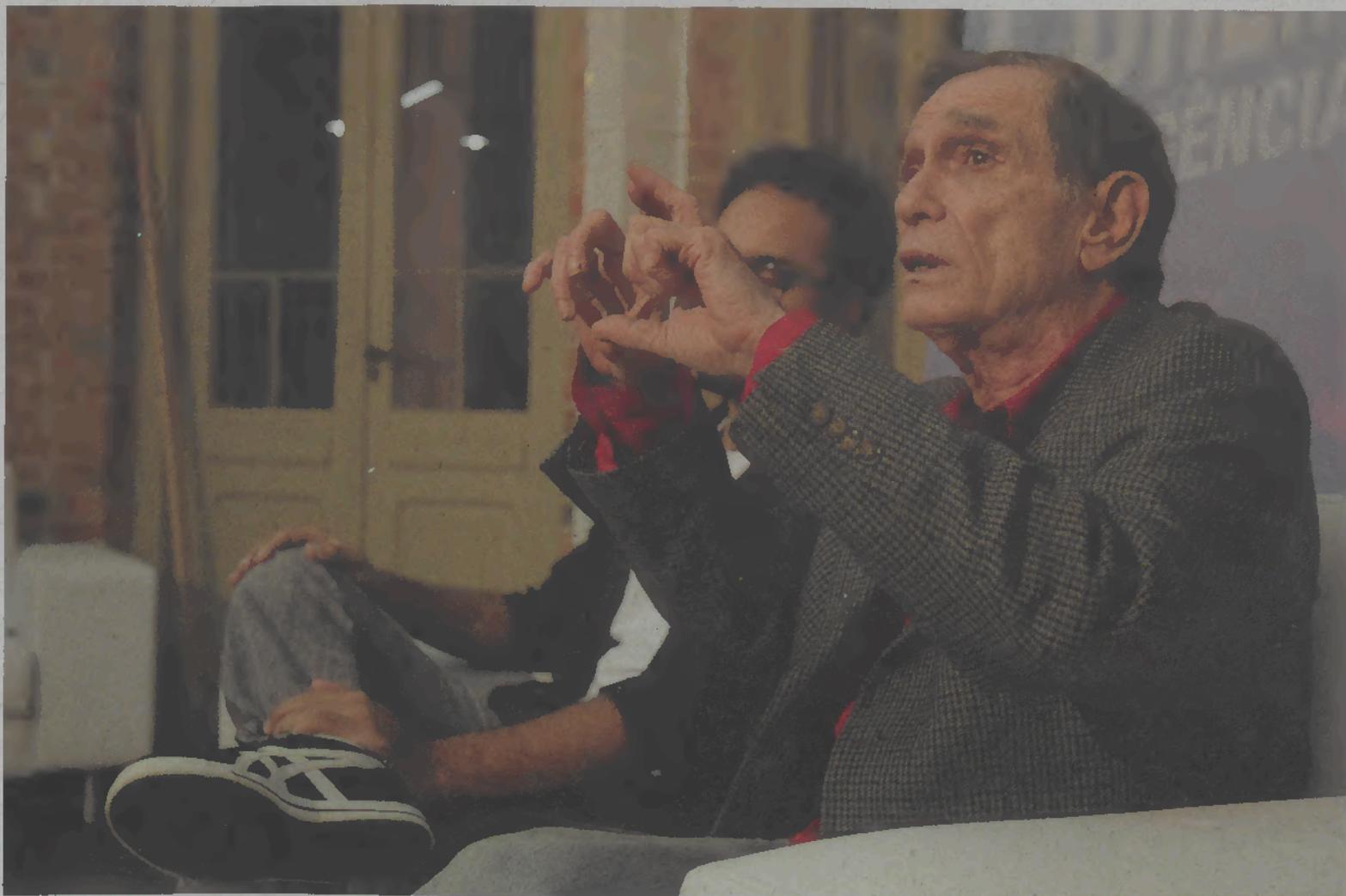
Vamos nós então nessa conversa, nessa chupação do Amarelo Tráfico (e chupamos com gosto). Caetano. Tu, enquanto fã do cara, como foi pra ti falar com ele de perto?

Caetano: Eu tinha ideia de começar o texto surpreendendo a todos ao dizer que sou fã confesso de Jorge Mautner e, portanto, – segundo a doutrina fabicana em voga – completamente inapto para entrevistá-lo de maneira jornalística, porque, vocês todos sabem, jornalismo não pode ter ideia pré-concebida e não pode ser tiete de artista; na real, por aqui o sonho de todo jornalista e formador de jornalista é colocar o entrevistado em um beco sem saída, naquela vibe meio Frost/Nixon. O caso é que eu não tinha a mínima intenção – e provavelmente não seria ca-

paz – de colocar o Jorge Mautner em alguma sinuca retórica qualquer. Mas tu já anunciou que eu sou fã do cara e cortou o grande barato que seria minha fenomenal abertura bombástica, pensada para colocar em xeque todo o modelo de ensino fabricano.

De qualquer forma, lá vai: sempre fui um entusiasta fervoroso da obra do Mautner, acho ele um sujeito brilhante, fruto desse universo meio inexplicável chamado Brasil. Aliás, quero deixar bem claro que defendi seu brilhantismo numa aula em que, por alguma razão qualquer, eu estava apresentando alguma coisa sobre os tropicalistas, e NINGUÉM ACREDITOU nas minhas palavras, ficou todo mundo rindo porque ele aparecia numa foto usando cueca

Truvão que tocava no andar térreo. A segunda foi a profusão de conceitos que ele apresentou – sejamos justos, conceitos que já relatou algumas muitas vezes durante sua carreira, em livros, músicas e entrevistas. Seu grande bordão, já muitas vezes repetido, nos conta que *Ou o mundo se brasilifica ou vira nazista*, porque, nos diz Jorge, o Brasil é marcado pela AMÁLGAMA – e essa é a grande qualidade do nosso país. Boa parte da fala dele girou em torno disso, então eu acho que nosso diálogo poderia partir daí. O Mautner é filho de um casal austríaco (o pai judeu, a mãe católica) que fugiu da Europa devido ao nazismo. Quando ele nasceu, seus pais estavam há pouco mais de um mês por aqui.



MICHEL CORTEZ

e tocando violino. O negócio é o seguinte, Lennon Macedo: o que é que taoísmo, Jesus Cristo, Trotski, José Bonifácio, Nietzsche, John Lennon, Clementina de Jesus e Ismael Silva têm em comum? Te respondo: tudo o que Jorge Mautner quiser que tenham. Isso porque poucos artistas construíram ao redor de si um universo tão próprio quanto esse jovem senhor que, com seus setenta e dois anos, segue misturando seu violino com atabaques e guitarras, mantendo a mesma naturalidade com que imitava locomotivas, vampiros e gatos do mato em suas canções.

A primeira coisa que me chamou a atenção quando o Jorge começou a falar na tal coletiva foi o baixo volume de sua voz frente à música do Maracatu

Então, me explica uma coisa: como é que um cara filho de europeus, nascido no Brasil praticamente por acidente, se tornou um dos grandes intérpretes da cultura brasileira? Aliás, antes de tu responder, só quero avisar que vi um rapaz do Tabaré na entrevista. Se bobear, eles publicarão antes uma matéria muito melhor que a nossa, e a gente pode acabar passando vergonha com o nosso texto, que nesse cenário será pior e atrasado – quem viver verá.

Lennon: Tabaré é overrated heim (é não, tabarenhos, gostamos muito de vocês). Mas tirando a tiração de sarro, também me surpreendi com a dificuldade vocal do nosso entrevistado. E fiquei com pena também do filho do Gil, ali do lado, quieto, na dele,

meio que na sombra – ou bem na sombra mesmo – do grande homem que se sentava ao lado.

Mas eu estou só na enrolação aqui. Seriedade. Enquanto ser antropofágico, o Mautner consegue levar a antropofagia a outro nível muito superior ao do teu xará. Essa mistura do Brasil com o Egito entre outras é não só marca registrada do trabalho dele como é meio que um modo de vida dele, ao que me parece. Além da genética já mencionada por ti, ele, carioca de nascença, foi pra SP ainda criança onde aprendeu violino com o padrasto. Aí com a ditadura, ele se foi pros Estados Unidos, depois bandeou pela Inglaterra – onde se deu o contato dele com os velhos baianos – e voltou para o Brasil, já um ícone brasileiro.

Não bastassem as TRAJETÓRIAS geográficas dele, os campos de estudo abordados por aquele ser são os mais variados possíveis – música, religião, tecnologia, história, política, literatura >até jornalismo< nada escapa ao conhecimento do Mautner. E acho que foi com essa mistura de ideias e as relações possíveis que saem desses conteúdos que surgiu a dita amálgama. É tanta informação guardada que só restou a ele desvincular essas ideias de suas prisões originais e transformar todo o conteúdo numa nuvem de tags que se inter-relacionam de uma maneira muito doida. Foi a única saída sã possível, a insanidade.

Ou talvez insanidade seja uma visão meio retrógrada de tudo isso. O Brasil (ziuziul), enquanto “país-sede” da antropofagia, se construiu e ainda se constrói através das diferenças de poder e cultura. Da absorção dos diferentes e da idealização de uma cultura do diferente, todo mundo sendo igualmente diferente. Assim se percebe como um Mautner da vida consegue virar brasileiro – porque a mistura te é quase que imposta. Ele é oriundo de austríacos, sim, mas a babá era do candomblé. O cara vivia entre a cruz e os orixás. Aí se vê que a amálgama, que estou fugindo de uma definição porque eu não saberia exatamente como definir então vou deixar pra ti, não é algo tão novo assim. Apesar de ela se relacionar com a tecnologia, com a internet, com a rede, ela já-tá-lá na deglutição do bispo Sardinha. Mas enfim, sou covarde e fugi da brlga. O que é essa tal de amárgalma afinal de contas. ???

Caetano: Cara, negócio é o seguinte: há um bom tempo, Darcy Ribeiro já se surpreendia pela impressionante homogeneização cultural e linguística em um país de proporções tão gigantescas e com uma população que beira os 200 milhões de habitantes. O mesmo Darcy finalizou o seu O Povo Brasileiro dizendo que:

Estamos nos construindo para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofri-

da. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da terra.

Bom, que é que o Darcy tem a ver com o Jorge Mautner? O entendimento otimista – ou seria mistificador? – de que, por baixo de todo o sangue que lavou essa terra, de todos os açoitamentos e torturas feita contra os escravos, do brutal holocausto de indígenas realizado pelas armas (de fogo e biológicas) brancas, dos incalculáveis estuprões de índias e negras, do mais hediondo sofrimento que uma classe vem infligindo sobre outra classe desde que o Brasil existe enquanto Brasil, há algo que floresceu e ainda vem florescendo: uma nova maneira de estar no mundo. Da mistura violenta e violentadora de etnias previamente bem estabelecidas surgiu um povo novo, nem europeu nem africano nem indígena – uma amálgama de gente que via o mundo de maneiras muito distintas e que inventou uma maneira nova de ver o mundo. Percebe que não é uma concepção de coisas diferentes que dialogam entre si; é a concepção de coisas diferentes que se misturam até se tornarem algo inédito – uma amálgama, a grande digestão de tudo que forma esse projeto Brasil.

Bom, essa grande digestão possibilita situações tão singulares quanto um filho de austríacos que, ao mesmo tempo em que aprende a tocar violino (será que existe um instrumento mais europeu?), é pajeadado por uma babá filha de santo (*Irene preta Irene boa Irene sempre de bom humor*). Esse é um cara que toca uma cantiga de candomblé com violino, que fala de Casa Grande & Senzala e declama Maiakóvski no mesmo show, que transforma-se ele mesmo em uma grande amálgama de suas intermináveis referências aparentemente inconciliáveis.

Então, uma maneira que acho bacana de entender o Mautner é como um cara singularíssimo – artista único, sábio iogue, violinista e sambista, escritor, pensador, anárquico, generoso, exuberante – que faz parte dessa profunda reflexão que o Brasil tenta empreender sobre si mesmo desde que Euclides da Cunha anunciou que existia outro povo para além da vidinha litorânea, ou desde que Gilberto Freyre explicou que esse país não é pobre porque misturado, e sim pobre apesar de misturado. Como Euclides, que apresentou o sertão e o sertanejo enquanto ancorava-se em teorias racistas; como Gilberto, que mostrou as belezas que a cultura africana trouxe para o Brasil enquanto apoiava a ditadura e o conservadorismo político mais ferrenho; como o velho

Darcy, que fazia sua comovente luta pela construção de uma identidade bonita do povo brasileiro conjugar-se com sua genuína indignação frente a todos os desmandos e violências sobre esse povo; como o Brasil, que desde cedo mistura tudo aquilo que não parece misturável; assim também é Jorge Mautner: antes de tudo, um contraditório.

Tu até pode me dizer que esse papo todo de Mautner, Darcy e Gilberto Freyre pode ser uma tentativa de justificar os séculos de violência e, mais preocupante, a gigantesca violência velada que existe ainda hoje no Brasil para com os cidadãos que não fazem parte da categoria homem, branco, heterossexual e, é claro, rico ou quase isso. Bom, não te tiro a razão. Mas é aquela coisa: a Europa já conseguiu implodir o mundo em duas grandes guerras graças às suas identidades bem definidas, na idealização de estados nacionais puros. Se é verdade que o Brasil foi e ainda é uma merda para muita gente, também é verdade que nosso criadouro de gentes deu vazão a uma gente nova, misturada. Já tem muito tempo que todo mundo pode ser brasileiro: o grande mito que funda nosso Estado Nacional é justamente a nossa não-pureza, e esse é o presente que damos para o mundo. Acho que é mais ou menos isso que o Jorge trabalha em seus 40 anos de carreira. E acho que é isso que pode ser conferido também em seu novo portal na net, o bacaníssimo Panfletos de uma Nova Era.

Por fim, tenho que te confessar um troço que vai terminar de vez com minha reputação ainda não construída de jornalista sério. Quando acabou a coletiva, eu cheguei para conversar um pouco de perto com o homem. "Opa Jorge, tudo bem? Da última vez que tu teve aqui, no aniversário de Porto Alegre, eu e minha namorada távamos loucos pra te assistir, mas não con-

seguimos pegar a senha pra entrar no teatro". Jorge sorriu afetuosamente e disse que ia voltar muitas vezes para cantar para a gente, e que esperava que naquela noite ficássemos para o show. "Claro que vamos te assistir, estamos super felizes por isso. Vou te fazer uma proposta indecente: tu pode tocar Princesa Chuva para a minha namorada?"

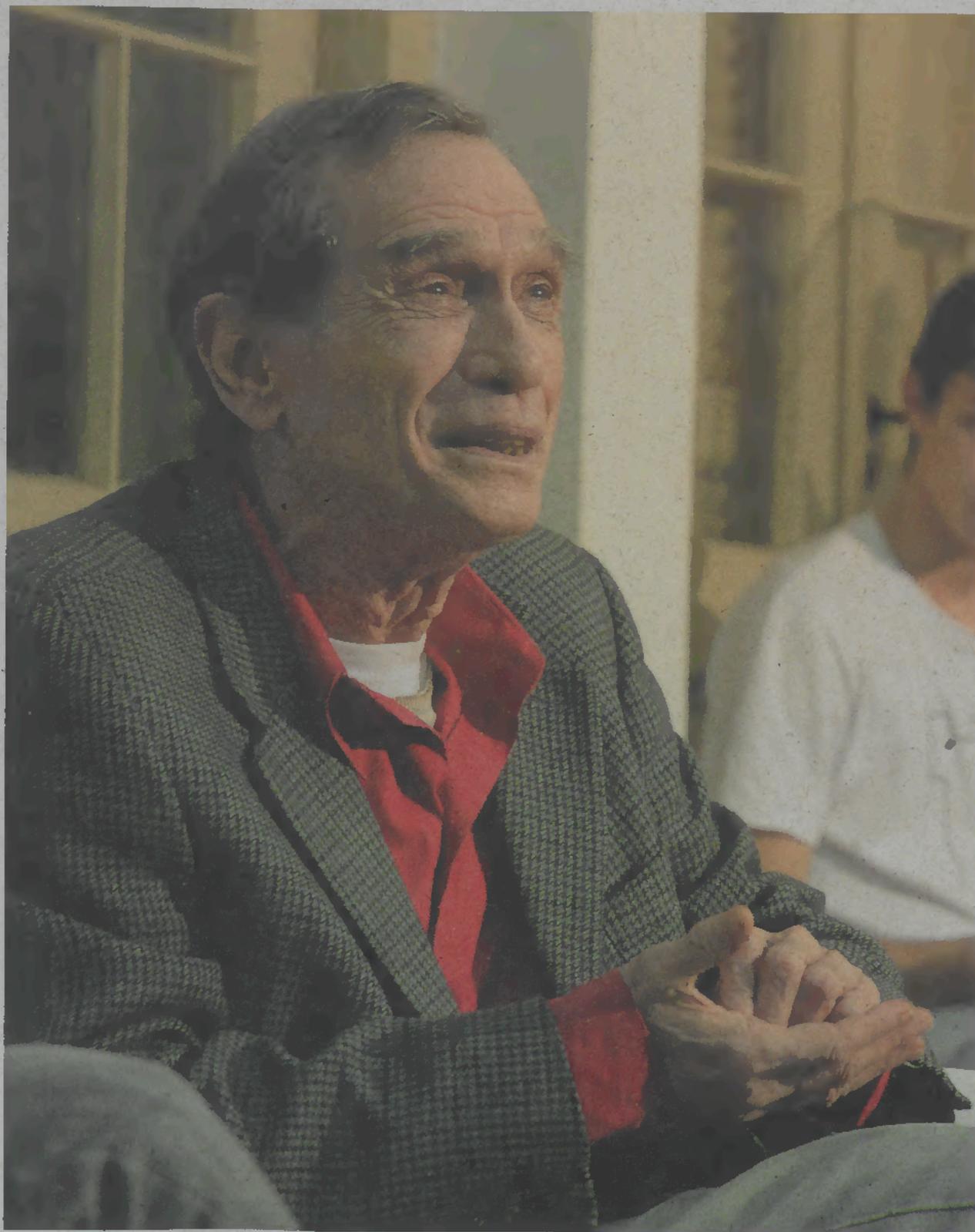
"Princesa Chuva? Ih, faz tanto tempo que eu não canto essa. Não sei se eu vou conseguir lembrar dela direitinho. Mas diz aí, como é o nome dela?"

Eu disse.

Princesa Chuva ele não tocou. Mas ele tocou Todo Errado. E essa ele dedicou para a gente. E eu, suposto jornalista sério, fiquei mais feliz que pinto no lixo.

Pronto, agora sim: ADEUS REPUTAÇÃO!

Lennon: HAHA. Mas é um canalha. —



ENTÃO POUSA, COMANDANTE!



© AFP

Era sábado. Em Gramado, almocei com um ex-piloto da Varig e, papo vai, papo vem, apareceu uma daquelas histórias que precisam ser contadas. Uma história daquelas que parece ficção. Aconteceu entre 2002 e 2003, segundo me disse o ex-comandante Newton Lemos. Era na época em que os Estados Unidos estavam em guerra contra o Iraque – depois do 11 de Setembro, portanto. Uma viagem de Roma para o Rio de Janeiro que ficou na memória.

“Nós decolamos de Roma, tínhamos nivelado e estávamos em 4 pilotos. Era um voo longo, Roma-Rio dava quase 12 horas. Eu tinha decolado e aí um colega do lado comentou: ‘Newton, o que é aquilo lá na frente, uma bola

de fogo?’. E realmente, [tinha] no horizonte uma bola de fogo, parecia um Bom Bril queimando. Logo em seguida, percebemos que aquilo estava mais alto e à esquerda de quem estava dentro do avião. Aí passou. Chamamos o Centro de Controle de Roma e falaram que não sabiam de nada”, conta Newton.

Já começou assim. Pouco depois de decolar, um OBJETO VOADOR NÃO IDENTIFICADO atravessou o caminho da tripulação. Mais tarde, foi descoberto do que se tratava, mas na hora, o rápido clarão deu aquele SUSTINHO e também uma pista do caráter INSÓLITO que viria a ter esse voo. E isso era só o começo.

“Era nessa época que começou a se proibir

o fumo a bordo. E o italiano, principalmente o do Sul, gostava de encrencar. Eu ia para o meu período de descanso, aí chega a chefe de equipe dizendo que tinha um passageiro fumando lá atrás e que ela já tinha solicitado a ele várias vezes que parasse de fumar”.

O gringo disse que não ia parar de fumar porque, se ele não fumasse, ia ficar muito nervoso, e quando isso acontecia, segundo o próprio, ele ficava VIOLENTO.

“Aí eu fui lá atrás falar com ele. Pedi para ele não fumar, e ele justificava [dizendo] que não recebeu a informação em terra. O italiano é muito bagunceiro, então ele já estava criando um tumulto”.

— Eu vou lhe pedir pela última vez para não fumar — disse o piloto — Se o senhor me disser que não vai fumar, eu vou acreditar.

— Eu já tinha dito para a comissária: se eu não fumar, vou me tornar um homem muito violento, e o primeiro passageiro que eu vou bater vai ser esse que está aqui do meu lado.

— Então infelizmente eu vou ter que pousar em algum lugar e lhe deixar. Não vou continuar o voo com o senhor, não tem condições.

— Então pouso, comandante!, ironizou.

“Pousei em Madri. Nessas alturas o voo estava perto da Espanha e não tive dúvidas. Entrega para a polícia, faz um boletim, decola e vai embora, mas claro, isso é um transtorno muito grande. Isso era 1h da manhã, mas aí foi, o cara ficou. Decolamos de Madri. ‘Vou para o descanso’, eu penso”.

Que nada. Mais uma vez, apareceu a chefe de equipe, agora com um envelope na mão. Newton achou que eram drogas.

“A gente sabia que em voos internacionais isso acontecia, mas não era droga. Era um envelope cheio de dinheiro, nota de 100 dólares. Tinha ali uns 10 mil dólares”.

Eles decidiram guardar a BUFUNFA e entregar para a Polícia Federal quando chegassem ao destino; no entanto, não demorou muito para aparecer o dono das verdinhas.

Era um travesti brasileiro. Ele disse que podia provar que a quantia era sua, comentando que todas as notas tinham um símbolo que era sua assinatura. Tinham mesmo, então a tripulação entregou de volta.

Quando o travesti foi conferir o montante, mais problemas: faltava dinheiro. Era para ter algo entre 12 e 14 mil dólares. Aí ele “começou a dar escândalo”, pedindo para que todos fossem revistados e dizendo que precisavam arranjar uma maneira de recuperar o dinheiro.

“Vamos fazer o seguinte”, disse Newton. “Vou comunicar a Polícia Federal do Brasil e, quando nós pousarmos, eles vêm a bordo e decidem”.

Pousaram e ninguém saiu do avião, com a PF na porta. Passaram todos no raio-x com seus pertences e, bingo!, encontraram o que faltava.

“Uma mulher, que foi ao banheiro depois [do travesti], viu o envelope e pegou um pouquinho. Só que eu não sabia: a nota de 100 dólares tem um magnetismo [uma das tintas das notas tem uma mistura de óxido de ferro]. Quando passa no raio-x, aparece. Viram bastante dinheiro na máquina e a mulher disse: ‘Eu não roubei, achei’, e devolveu. Aí descobri mais uma coisa da lei: achado não é roubado — pelo menos não num período de 48 horas. Depois esse travesti quis dar uma de esperto em cima da Varig: inicialmente ele deu queixa contra a supervisora, dizendo que ela também havia pego o dinheiro. Eu soube porque ela me ligou, já que aquilo gerou um baita de um relatório. O cara não teve vazão para cobrar dela, mas depois tentou cobrar da Varig, querendo indenização”.

Dias depois, o colega que acompanhava Newton lhe enviou uma notícia que dizia o que era aquilo que eles tinham visto queimando: um Tomahawk, míssil de longo alcance usado pelos Estados Unidos e Reino Unido. Em 2003, na invasão ao Iraque, os americanos dispararam mais de 725 desses; um passou perto da janela do ex-comandante, que encerra: “Esse foi o [voo] mais trabalhoso”. —

OS PROCESSOS ENRAÍZAM E A VIDA VOA

Divagação prévia

Quase tudo na vida pode ser enquadrado como trajetória. Com um pouco de jogo de cintura, diversos assuntos acomodam essa abordagem. Mas alguns elementos da vida moderna se impõem como verdadeiras anti-trajetórias, histórias em câmera tão lenta que parecem congeladas.

Processos judiciais, por exemplo.

Entre primeiras, segundas, terceiras e quadragésimas instâncias, entre acórdãos e apelações, se desenrola uma narrativa modorrenta em que nada promete acontecer, mas em que a espera por acontecimentos é constante. Ao envolver dinheiro e empresas grandes como a Varig, antagonista da história abaixo, o tempo então ameaça caminhar para trás.

Causas trabalhistas com desfechos irreversíveis conseguem durar tempo suficiente para ancorar em torno delas as partes envolvidas. Esse processo confere a todos os envolvidos um elo em comum para as suas próprias narrativas. Acusados, acusantes, juízes e advogados têm nas ações judiciais pequenos nós em comum em suas linhas do tempo, pelos quais podem ser mapeadas as suas histórias, que seguem sendo tocadas apesar dos julgamentos postergados.

A matéria em questão

Ana Laura Machado Almeida, 45 anos, contabiliza 14 deles de aviação, como funcionária na Varig, e outros 7 como reclamante em processo contra a antiga empregadora. São 21 anos com a Varig "presente na sua vida", mais que o tempo junto ao seu companheiro, Marcos.

Já a Varig tem, entre todas as suas encarnações, 86 anos de aviação. Na prática, porém, não aviou nos últimos 7 anos, decorrência da falência múltipla das subsidiárias que compunham a holding. Virou massa falida, um resíduo empresarial que espera ser distribuído en-

tre os ex-funcionários e demais credores.

Outra Ana, a Ana dos Reis, não contabiliza nenhum ano de aviação, mas acompanhou a história da Varig por mais tempo que muitos funcionários que lá passaram. É a advogada que acompanhou o início do processo e seu desenrolar, passando o bastão mais tarde para outro advogado.

E por fim, Valdete Severo, a juíza responsável pelos primeiros anos de julgamento e por indeferir todos os (muitos) pedidos de embargo às suas decisões impe-trados pelos advogados da massa falida.

Os caminhos destas pessoas se cruzaram através do processo movido por Ana Laura. Ela era aeromoça da Varig desde 1992, e como tantos funcionários da empresa, contribuía para o fundo previdenciário privado Aerus, que cuidava das aposentadorias complementares dos funcionários da viação. Era uma época em que os colaboradores da Varig investiam em uma velhice que não dependeria da escassa ajuda previdenciária vinda do governo. Todo mês, (cruzeiros) reais iam da Varig para os funcionários e voltavam para a Varig através da Aerus.

Esse refluxo de dinheiro aparentemente pouco ajudou a Varig a manter uma saúde financeira razoável, pois o que restou da falência foi insuficiente para sustentar por muito tempo o pagamento dos direitos trabalhistas dos funcionários, e tampouco continuar com o pagamento das aposentadorias privadas. Ano após ano os rendimentos desta segunda aposentadoria caíram e os funcionários antigos contavam apenas com os proventos governamentais. Era a hora dos ex-Varig brigarem na justiça pelo dinheiro que alegavam ter direito.

Aqui entra a outra Ana. Através da Ana dos Reis, a Ana Laura foi um dos primeiros funcionários a entrar com um processo judicial contra a massa falida da Varig, ainda em 2006, o ano da falência oficial. Já atravessando sua primeira espera, a pelo julgamento em primeira instância, decidiu procurar um novo trabalho, o que conseguiu de pronto. Desta vez desceu e arranhou trabalho em terra firme, como atendente na construtora Goldstein, em Porto Alegre.

Este novo trabalho não durou muito, pois seu companheiro, policial federal, havia acabado de se aposen-



ILUSTRACAO: PAULO H. LANGE

tar e eles cogitavam ir para o interior. O emprego de Ana em Porto Alegre não era motivo suficiente para ambos permanecerem na cidade, e conscientes disso, resolveram ir morar em um sítio em São Francisco de Paula. Migração urbano-rural.

E mesmo à distância, ao final do ano de 2006 o processo começa a tramitar em Porto Alegre, com a juíza Valdete Severo concedendo o ganho de causa a Ana Laura. Isso não quis dizer muito, pois um pedido de embargo foi feito pelos advogados da administradora da massa falida. Em um canto da ata dessa primeira audiência estava escrita a tônica do que viria pela frente: "CONCILIAÇÃO REJEITADA". Estava prolongado até segunda ordem o embate jurídico.

No julgamento do embargo, cinco encontros no tribunal se seguiram, nenhum deles durando mais que cinco minutos. Todas as audiências se resumiram ao juiz responsável pelo julgamento do embargo avisando as partes sobre novas obrigações, convocando testemunhas e exigindo documentações, em sessões que exigiam presença de representantes de todas as partes e seus respectivos advogados. Esse período do proces-

so levou três anos.

A vida seguiu, tangente aos autos, e Ana Laura encontrou um novo Norte em sua vida de recém-chegada a São Francisco de Paula. Logo ao chegar ao sítio onde moraria, se deparou com um cachorro com a pata machucada, o que despertou nela uma compaixão pelos bichos de rua, e a vontade de cuidar dos animais abandonados da região. Nasceu assim a organização não governamental Amigos de Rua, que recolhe, trata e procura donos para cães de São Francisco de Paula e arredores. A ONG conseguiu visibilidade o suficiente para mobilizar moradores e empresários da região em torno da nova causa. Ana passou assim a ser presidente de ONG.

A vida da juíza Valdete Severo também seguia enquanto julgavam o seu julgamento. Mestre em direito, começou a dar rumo a uma carreira acadêmica entre os julgamentos de outras causas, o que a levou a publicar, mais tarde dezenas de artigos entre 2010 e 2013, e a conceder entrevistas para canais de TV aberta. Uma vez passado o período das audiências sobre o embargo, a magistrada retomou o comando do processo, reconhecendo o direito de Ana Laura a receber todos os seus direitos trabalhistas. Aqui entram novamente os advogados da massa falida, com novo pedido de reavaliação.

O processo passou por outras etapas jurídicas igualmente arrastadas e atualmente está no colo do Supremo Tribunal Federal. O processo segue aberto, mesmo após um acórdão dos desembargadores do Tribunal Regional dar ganho de causa a Ana, e mesmo depois de ela conseguir uma carta crédito que garante o ressarcimento pela Varig. Cabe agora ao Supremo Tribunal Federal, figura proeminente na esfera pública, desatar os nós que atam as vidas de todos os envolvidos, e consequentemente criar jurisprudência favorável às outras Anas da Varig.

Em todo o Brasil, milhares de funcionários entraram com ações na justiça exigindo da União ressarcimento pela liquidação do fundo Aerus. Vários morreram pelo caminho. Alguns por opção. A própria Ana, ao ser perguntada sobre esse ponto, diz que ficou sabendo de suicídio recente de um ex-comandante afetado pela interrupção dos pagamentos vindos da Aerus. Saíram de cena ao todo 600 funcionários, que passam o bastão da disputa judicial para os seus familiares.

Em outra instância, a da rua, cerca de 200 ex-funcionários da Varig se reuniram no dia 11 do mês passado na Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, para cobrar pagamentos em atraso. Manifestavam fazendo barulho com panelas e apitos, enquanto vestiam os uniformes da empresa que os deixou na mão.

Já o Fundo de pensão Aerus processa o governo para tentar arranjar fundos para ressarcir os funcionários. Alega que as políticas governamentais de congelamento dos preços da aviação, que predominou nos anos 80, iniciou o processo de decadência das empresas do ramo no Brasil. Até o momento ganhou em todas as instâncias que percorreu, também restando apenas o Supremo Tribunal.

E a Ana Laura está com dez cachorros e um gato disponíveis para adoção. —

“ARBON É ARNO BOHN”

Três gerações dedicadas ao
“Rei dos Instrumentos”

Apresentei para este jornal a pauta sobre os órgãos eletrônicos ARBON.

Mais ou menos no início dos anos 2000, coincidindo com a puberdade da tecnologia digital na música - que vinha causando incômodo a muitos ouvidos na época - começou a ficar cada vez mais forte uma nova onda de busca e fascínio por instrumentos e equipamentos musicais “vintage”.

Rapidamente sobre vintage no contexto musical...

O termo original na verdade servia para simbolizar o cuidadoso processo da fabricação do vinho de cada safra. Depois começou a entrar em outros universos como a música, o design de roupas e passou a simbolizar a importância das características únicas dos produtos fabricados a partir de uma maior proximidade com a inteligência humana do que com a artificial. Ultimamente costuma significar apenas o registro de uma determinada época.

Bom, o que importa é que esses instrumentos, fabricados nos anos 60 e 70, vêm chamando a atenção dos olhos e ouvidos de muitos músicos gaúchos há algum tempo, com certeza pela grande curiosidade de (conforme indicação de uma placa na parte de trás) terem sido fabricados na cidade gaúcha de Novo Hamburgo.

Esse tipo de órgão, filho do revolucionário Hammond e primo da celebridade inglesa Vox Continental, era basicamente importado na época, com raras exceções. Começou a aparecer e chamar

atenção na década de 60, a partir do forte rebote que a música negra norte-americana (com origens e grande influência das igrejas dos estados do sul) vinha causando na música popular mundial, que entrava em um processo sem volta de eletrificação a partir dos anos 50.

Alguns registros do Vox na música pop (apenas para facilitar a identificação imediata da sonoridade): Alan Price, 1964, em “House of the rising sun”, na versão da banda inglesa The Animals, John Lennon no single de 65 dos Beatles, “I’m down”, Ray Manzarek, The Doors em 67 em “Light my Fire”,... a lista não tem fim.

O outro primo famoso, o italiano Farfisa - na verdade o seu característico som “estridente” - aqui no Brasil também acabou virando marca registrada de uma época. Quando as gravações do pianista e organista Lafayette com seus parceiros da “turma do Bar Divino” da Tijuca, no Rio de Janeiro, Roberto e Erasmo, começaram a ser chamadas de Jovem Guarda, sua sono-



Vivi Peçai com o TRS-4 no Acústico MTV Bandas Gaúchas (divulgação Sony Music)

1922

João Edmundo conserta relógios e máquinas de costura no município de Bom Princípio e acaba sendo indicado para auxiliar um engenheiro alemão que chega para construir um órgão na igreja da cidade.



João Edmundo, esposa e filhos em Novo Hamburgo/1934

1965

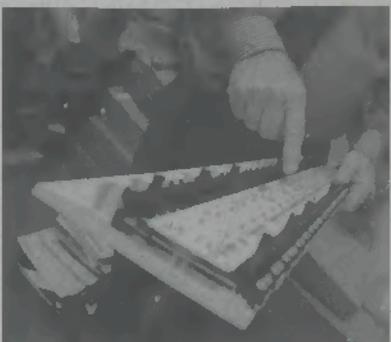
Anno inaugura a Instrumental ARBON Ltda poucos meses depois do solo do organista Alan Price aparecer no compacto "House of the Rising Sun" da banda inglesa The Animals, e alguns meses antes de John Lennon exibir seu recém-descoberto órgão Vox Continental no histórico concerto dos Beatles no Shea Stadium em Nova Iorque.



Órgão eletrônico ARBON TRS-4

2013

Fabio segue pesquisando os mais recentes formatos eletrônicos e digitais em instrumentos musicais na sua oficina situada no bairro de Hamburgo Velho em Novo Hamburgo.



Engenheiro Fabio demonstrando uma das novas tecnologias digitais que vem desenvolvendo

ridade alastrou-se pelas rádios e televisões do país (Lafayette também utilizava o Hammond e o Vox). Os órgãos Farfisa tiveram grande participação na música popular dos anos 60 e 70 em todo o mundo, do rhythm n' blues e blues elétrico norte-americano, ao "krautrock" alemão, ao rock inglês (criando, por exemplo, uma das sonoridades características de uma banda inglesa ainda relativamente desconhecida recém nomeada de Pink Floyd, que começava a se

apresentar em 1966 com o antológico modelo Combo-Compact do tecladista Richard Wright).

A primeira vez que tive contato concreto com um ARBON foi no início dos anos 2000 através de um amigo, Leandro Sá, guitarrista e um dos compositores da banda porto-alegrense Bidê ou Balde (além de dedicadíssimo cultivador de equipamentos vintage de longa data). "Eu não tinha ouvido falar dos órgãos da ARBON até 2001 quando comprei o TRS-4. O baixista da formação inicial da banda, André Surkamp, me disse que tinha visto um órgão antigo, vermelho, e diferente numa loja de consertos eletrônicos. Fui até lá e comprei. Ele estava servindo de mesa para solda na eletrônica. Na época fiquei feliz em saber que ele tinha sido fabricado aqui no Rio Grande do Sul. Acabei comprando outros cinco órgãos ARBON dessa mesma fase."

Em 2004, o canal de televisão MTV Brasil e a gravadora Sony Music resolveram organizar o registro de algumas bandas gaúchas que naquele momento vinham despertando interesse em âmbito nacional. Uma delas foi a Bidê ou Balde (as outras foram Ultramen, Cachorro Grande e Wander Wildner). "Em 2004 fomos convidados para o projeto Acústico MTV - Bandas Gaúchas. Os ensaios em Porto Alegre foram acompanhados pelo produtor que era o Paul Ralphen, ex-baixista da banda inglesa Bliss. A Vivi (Peçaibes, tecladista e vocalistag) cogitou usar o TRS-4 nos ensaios, mas acabou usando um tecladinho de vento da Hering. Depois conversando com o Paul, comentamos que tínhamos o tal órgão antigo em casa e ficou decidido que íamos levar o ARBON para gravar em São Paulo".

A partir da transmissão do evento em rede nacional, tenho certeza que na época muita gente reparou "...mas não é Vox nem Farfisa...".

Interessante, não? Órgãos eletrônicos vintage, timbres únicos fabricados nas décadas de 60 e 70 "ali" em Novo Hamburgo, redescobertos por músicos de rock nos anos 2000? É a matéria, resolvido.

Buscando mais informações na primeira aliada internet, encontrei pouquíssimos registros.

Na verdade, além de alguns poucos vídeos e anúncios (e de descobrir que Arbon também é o nome de um distrito suíço), acabei encontrando uma página identificada como Grupo Bohn Instrumentos Musicais. O site descrevia as atividades de importação e fabricação - dentre inúmer

ros instrumentos e equipamentos de áudio - de órgãos litúrgicos, e, entre seus produtos, apareciam algumas referências ao nome ARBON.

"ARBON é Arno Bohn." Foi o que me disse o engenheiro Fabio Bohn, filho de Arno Bohn, neto de João Edmundo Bohn, no primeiro contato telefônico que tivemos.

Bom, antes de mais nada, para entendermos melhor essa longa jornada dos Bohn, precisamos primeiro nos situar um pouco sobre o ofício milenar ao qual a família dedicou quase um século: o instrumento musical chamado ÓRGÃO.

Organon em latim significa simplesmente instrumento. No sentido de ferramenta.

Os primeiros ancestrais do que Amadeus Mozart acabou chamando de "Rei dos instrumentos", os *hydraulis* (um conjunto de flautas

Mosaico com representação gráfica do *hydraulis* no século III d.C



movidas através de um sistema hidráulico de tubos de ar-comprimido e controlado a partir de uma espécie de teclado), começaram a ser desenvolvidos na Grécia nos primeiros séculos d.C.

E aquele que ousa ingressar no seletíssimo universo da fabricação do "Rei" (em Portugal, por exemplo, país com tradição na área, apenas quatro ainda estão vivos...) é chamado de ORGANEIRO.

O amigo para todas as horas Wikipedia ajuda a esclarecer: "A construção do órgão é a mais complexa de todos os instrumentos musicais. Juntamente com o relógio, é considerado uma das mais complexas criações do engenho humano anteriores à Revolução Industrial. (...) Exige-se do organeiro, além de uma grande capacidade intelectual e auditiva, um enorme domínio de várias áreas como desde logo a Mú-

sica e a Acústica, mas também a Engenharia, o Design, a História da Arte, e uma vasta experiência provada ao longo de anos de trabalho e aprendizagem."

Bom, vamos ao começo da coisa. A história dos órgãos ARBON na verdade começou bem antes da sua fundação na década de 60...

1922

João Edmundo Bohn consertava relógios e máquinas de costura em Bom Princípio (sim, Bom Princípio!), pequeno município da colônia alemã no interior do Rio Grande do Sul.

Naquele ano, um engenheiro alemão veio construir um órgão de tubos na igreja da cidade. E precisava de ajuda, já que o volume de trabalho era muito grande. "Tem o Seu Bohn ali, né..." como descreve o neto Fabio. Seu Bohn acabou passando um ano montando o instrumento com o engenheiro e se apaixonou pelo ofício.

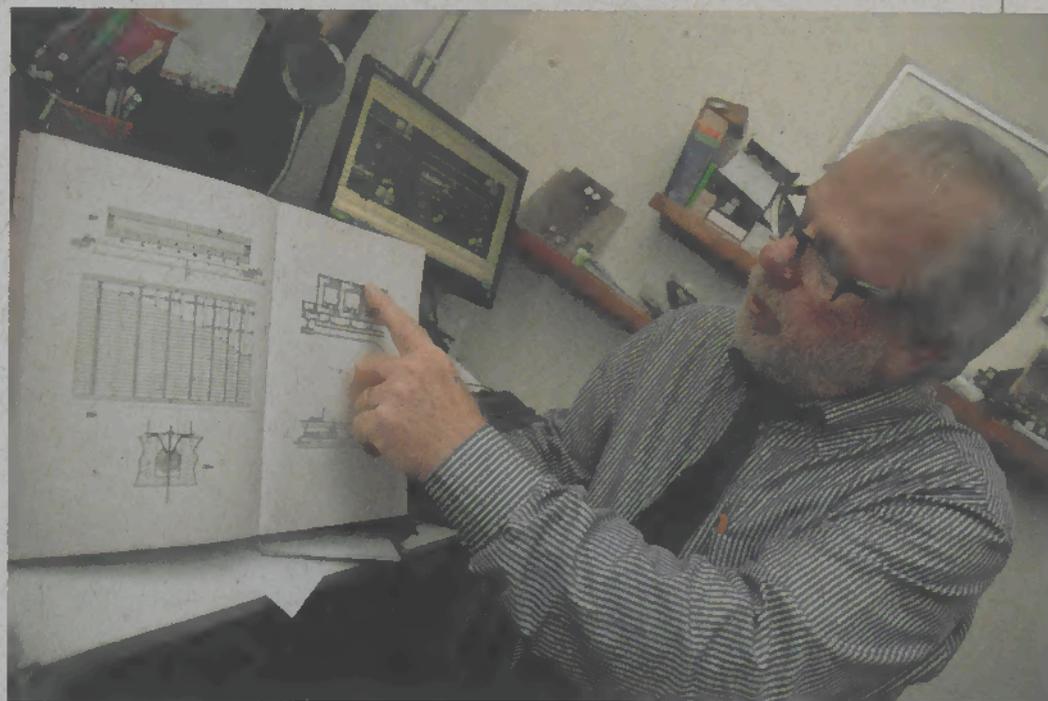
O alemão, percebendo o interesse do "discípulo", acabou deixando os seus livros sobre construção de órgãos antes de voltar para a Europa. Esses exemplares, que até hoje estão com a família, são uma história à parte. Além da inacreditável complexidade dos esquemas da mecânica de montagem, a parte gráfica é totalmente ilustrada com desenhos à mão, inclusive as representações humanas. Uma combinação incomum de pesado conteúdo técnico com arte gráfica de altíssimo nível.

Em 1924 Jorge Edmundo Bohn resolveu então abrir sua própria fábrica de órgãos em Bom Princípio.

No ano seguinte, ao contrário do que prenunciava o nome da cidade natal, o primeiro órgão construído pegou fogo em um incêndio, junto com a própria fábrica. A empresa teve que ser novamente erguida praticamente do zero, mas seguiu funcionando.

João Edmundo continuou fabricando harmônios (órgãos populares na época, mais simples e mais baratos, com o funcionamento através de foles operados por um pedal) e órgãos litúrgicos. Construía desde os portáteis aos imensos órgãos de tubos. Montou mais de cem órgãos de tubos para diversas igrejas, tanto no Rio Grande do Sul, quanto em outros estados (a família aos poucos vem tentando organizar um levantamento mais preciso dos destinos dessas peças históricas).

Em 1934, resolveu mudar a fábrica para a ci-



dade Novo Hamburgo, já que tinha sido contratado para construir o órgão da Igreja Evangélica de Hamburgo Velho e outro em Porto Alegre (a família acredita que na época teria ido para a igreja do Pão dos Pobres).

Com a mudança para um centro maior e com a qualidade do trabalho ficando conhecida em muitas paróquias por todo o interior, chegou a montar cerca de quarenta harmônios por semana e dez órgãos por ano, até o período do seu falecimento em 1969.

2 de janeiro de 1965

Arno realiza seu sonho e inaugura a Instrumental ARBON LTDA.

Na verdade, a fundação foi só a consolidação de um processo que já vinha acontecendo há quase uma década.

Arno Bohn começou a trabalhar na fábrica de órgãos do pai desde muito cedo. Esteve ativamente presente quando a empresa chegou a ter cerca de cem funcionários e atingiu o auge de sua produção nos anos 50 e 60.

Acontece que, ao longo da década 50, um fenômeno chamado Eletrônica - que vinha revolucionando em muitos aspectos o modo de vida das pessoas no mundo inteiro - começou a marcar sua entrada definitiva também na música. E muitas mentes inovadoras começaram a ficar fascinadas pelas descobertas do Instituto de Fonética da Universidade de Bonn na Alemanha (sim, Bonn!), e do histórico estúdio de Colônia onde Karlheinz Stockhausen e seus colegas criariam a nova Elektronische Musik e os

protótipos dos primeiros sintetizadores de frequências. Arno Bohn era um desses jovens.

"O meu pai sempre foi meio Professor Pardal, ele sempre gostou de pesquisar, e se interessou por Eletrônica. Naquela época ninguém pensava em Eletrônica, não tinha muito acesso. Ele adorava inventar coisas. Então ele começou a estudar Eletrônica. Naquela época não tinha aqui, então ele fez um curso por correspondência dos Estados Unidos. Ele co-

meçou a fazer órgão eletrônico dentro da fábrica do meu avô, aqui em Novo Hamburgo. Acabou saindo porque o meu vô não aceitava órgão eletrônico, ele achava que era som pra conjunto, pra boate..." explica Fabio Bohn.

"Ele chamava de 'música em conserva'!" lembra Arno Rudi Renck (sim, Arno!).

Aqui, um capítulo especial: Arno Rudi Renck, o "Rudi". Começou a trabalhar com 12 anos na fábrica de João Bohn (está com 70 e ainda em atividade). Quando perguntado sobre como era João Edmundo no dia-a-dia, lembra que ("...nunca mais esqueci, sempre penso nele...") quando alguém identificava algum problema nos instrumentos, sentava, começava a tocar os poucos acordes que tinha aprendido para testar os instrumentos e dizia "Agora tu já sabe o problema, vai pensar...".

Arno conheceu Arno trabalhando na fábrica. E acabaram criando um laço de amizade e parceria que durou a vida inteira, na verdade até a morte de Arno Bohn em 1990 (após anos de luta, como seu pai, contra um câncer de próstata). "O Arno me ensinou muito, me poliu, me deu compromisso" conta Rudi visivelmente comovido.

Ao longo dos anos Rudi também foi contagiado pela busca por novidades tecnológicas trazidas pelo colega e começou a participar das primeiras experiências com os instrumentos eletrônicos, desde os ancestrais órgãos eletrotáticos (em 1957, como recorda), passando pelos valvulados, de bobinas e com transistor.

Quando Arno definitivamente resolveu sair

da fábrica e fundar a ARBON, não teve nenhuma dúvida. "Minha mãe me disse 'Mas tu vais trocar um emprego em uma fábrica com cem funcionários para trabalhar em uma garagem?', 'Mas é o que eu amo fazer...'"

Nessã mesma época, a música popular entre grande parte dos jovens no Brasil também estava mudando. Os "conjuntos de bailes", influenciados pelas novidades da música que começava a ser chamada de pop, multiplicavam-se. E apareciam para se apresentar nas boates e "sociedades" (como se costumava chamar os clubes sociais na época) com instrumentos musicais eletrificados.

Arno Bohn é descrito pelas pessoas com quem conviveu como uma pessoa incrivelmente inovadora e até visionária. Além de todo o trabalho como luthier e pesquisador, achou tempo para gravar cerca de dez discos em São Paulo com um trio de música tradicional alemã, sempre aproveitando para se inteirar das novidades em termos de instrumentos e equipamentos.

Mas acredito que o próprio Arno não previa a reviravolta que iria acontecer no seu negócio no fim daquela década.

As vendas dos órgãos eletrônicos da ARBON no início ainda aconteciam basicamente no âmbito das igrejas. "Colocávamos o órgão

Aliás, curiosidade interessante para os donos de modelos TRS-4:

No interior da tampa frontal da caixa de madeira, aparece – escrita à mão! – a indicação do ano e do número do instrumento. O 76-100, por exemplo, foi o órgão que marcou o churrasco de 1976.



que fabricávamos na Kombi e íamos tocar nas praças na frente das igrejas. Nunca voltávamos com o órgão", lembra Rudi.

Mas no ano de 1969, o destino dos instrumentos começou a ser alterado. "Em 69 o Concílio do Vaticano disse que se podia ter um violão na igreja, então foi muito grande a queda de instrumentos pra igreja, de órgão, harmônios, sinos...Tudo que era indústria voltada para igreja quebrou a partir de 69. E o meu pai diversificou, começou a fazer órgãos para conjuntos", explica Fabio Bohn. "Nos anos 70 os conjuntos começaram a tocar mais nos bailes, e eles sempre exigiam que tivesse um órgão, senão não iam contratar o conjunto. Aí ele começou a vender muito órgão."

Com a mudança de foco e de



público, os órgãos aos poucos também foram ganhando fama no universo da música popular, e a fábrica no seu auge nos anos 70 chegou a ter quase quarenta funcionários, produzindo em larga escala para conjuntos de bailes e igrejas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Construíam, por exemplo, mais de cem itens dos modelos TRS-4 por ano. Inclusive todos na empresa esperavam ansiosamente a finalização do órgão número 100, que anunciava o famoso e muito lembrado churrasco anual de comemoração. "O churrasco começou a acontecer cada vez mais cedo, em setembro já saía..." Rudi conta rindo.

A partir do início dos anos 80, um elo histórico começa a abrir o capítulo que ainda estamos vivendo, depois de mais de noventa anos.

Fabio Bohn, então formado em engenharia eletrônica, começa a trabalhar na fábrica do pai. E, desde o início, claramente demonstrando que herdara o "gene organeiro". A "obsessão" pelo constante aperfeiçoamento, a forma como destrincha todos os detalhes de todos os sistemas de órgãos já fabricados, e a ânsia de acompanhar as evoluções do seu tempo podem ser percebidas na sua personalidade como características naturais e autênticas.

Além de trabalhar hoje em dia com os órgãos eletrônicos, continua restaurando os ancestrais órgãos de tubos, seja a mecânica original das peças, como em muitos casos, implementando sistemas eletrônicos para facilitar o manuseio: "A parte de tubos vai ficar sempre igual, daqui a cem duzentos anos, a parte mecânica não muda, só muda como controlar isso."

E o principal: segue desenvolvendo novos sistemas (acústicos, eletrônicos e digitais) para aprimorar o que chamam de "Sonoridade dos Instrumentos BOHN", em uma das oficinas originais da ARBON, ainda ao lado da experiência de 56 anos de Rudi:

Todos os dias, ao nosso redor, nas nossas vizinhanças, os verdadeiros fabricantes e inventores da nossa cultura dão prosseguimento às suas jornadas em suas oficinas, ateliers e estúdios, construindo com as próprias mãos as histórias que engrandecem as nossas aldeias, quase sempre unicamente a partir da intensa fé na sua vocação e no seu trabalho. E na maioria das vezes, esperando de braços abertos alguém disposto a compartilhá-las e contá-las.

Através desta matéria, acabei tendo a oportunidade de me aproximar de uma delas. Uma

trajetória de quase um século, que agregou e continua agregando música e cultura às vidas de sabe-se-lá quantas pessoas, famílias, músicos,... e ainda conhecida e cultivada apenas entre os seus protagonistas. Ter a possibilidade de registrar e compartilhar essa história, e, talvez, experimentar um pouquinho do que Tolstoi queria dizer, foi um aprendizado inesquecível. —

"Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia"



Rudi ao lado de um dos órgãos de tubos que atualmente estão reformando

PARA ALÉM DA MÚSICA

© PAULA MOIZES

As covinhas não deixavam esconder o sorriso contido de Daniela. Integrante da Orquestra Villa-Lobos, a menina de 16 anos de idade já chamava atenção pelo jeito impecável com que tocava seu violino em apresentação no Teatro do SESC no mês de abril. Foi então que, chamada mais à frente do palco, iniciou na flauta o solo de Brasileirinho, clássico do choro nacional. A plateia, de cerca de 200 pessoas, aplaudiu de pé a performance da garota, moradora da Vila Mapa de Porto Alegre.

Há 21 anos, a Orquestra Villa-Lobos é responsável pela formação musical de crianças e adolescentes na Lomba do Pinheiro. Faz parte de um projeto ímpar na cidade de Porto Alegre que possibilita, além do estudo da música, um ambiente de conforto e acolhimento para os jovens da comunidade. Com origem na Escola Municipal de 1º Grau Heitor Villa-Lobos, o projeto se estendeu para outras escolas de ensino infantil, com aulas de iniciação musical destinadas a 150 crianças. Hoje, vinte educadores são responsáveis pelas atividades pedagógicas e artísticas.

Nada disso seria possível sem a dedicação e o empenho de Cecília Rheingantz Silveira, idealizadora e re-

gente da Orquestra Villa-Lobos. Uma mulher à frente de um projeto como este evidencia todo o caráter revolucionário do trabalho. A iniciativa é responsável por mudar as perspectivas de crianças que teriam como destino contentar-se com as poucas possibilidades que, infelizmente, o ensino público brasileiro costuma oferecer.

A Orquestra Villa-Lobos é dividida entre as oficinas e o grupo artístico, responsável pelas mais de mil apresentações já realizadas. Daniela Luz faz parte do grupo, formado por cerca de 45 alunos. Os jovens ensaiam diariamente dedicados a cada instrumento e, duas vezes por semana, reúnem-se todos para os ensaios coletivos.

Acompanhando uma tarde de ensaios é possível perceber que é preciso muita força de vontade para contornar os vários obstáculos que acompanham a rotina do grupo. Os patrocínios recebidos têm ajudado bastante, mas ainda há deficiências que merecem ser resolvidas.

Tarde especial

“Esses guris são uns anjos, queria que fossem meus filhos”. O professor Heitor abraça Handyer e Geyson e apresenta os meninos que me encaminhariam até a sala de ensaios fazendo graça e contando piadas. Eles são monitores do grupo, também conhecidos como “os meninos da harmonia”.

Quando entro na sala de aula, as crianças estão começando a chegar, cada uma carregando algum prato de comida. Parte de uma ocasião especial, a aula iniciaria com um lanche coletivo para receber treze novos integrantes, advindos das turmas preparatórias. Tudo organizado, e Cecília, com a voz rouca, avisa que não poderá falar muito por recomendação médica. Mesmo assim, recebe carinhosamente os novos alunos, pedindo para que eles contem a ansiedade. “Não temos prazo para nada, então vamos manter a calma”.

Marcus Vinícius, Wesley, Felipe e Christian são alguns dos novatos. Com os olhos e os ou-

vidos atentos ao que Cecília diz, vão comendando os salgadinhos timidamente. Eles têm entre 11 e 12 anos e confessam que estar ali é a vontade de todas as crianças das turmas preparatórias. Durante a tarde, tocariam apenas flauta, mas fazem questão de dizer que também sabem tocar cavaquinho e percussão.

A função toda estava marcada para as três horas, mas muitos ainda estavam em aula e, por isso, chegariam apenas ao final do lanche. Enquanto se instalam, são avisados que ainda restam os pastéis feitos caprichosamente pela mãe de um dos alunos. Daniela, destaque da apresentação no Teatro do SESC, é uma das "atrasadas". Estudante do segundo ano do ensino médio, a garota conta que é preciso ter muita organização para conciliar os estudos com a música. Em casa, tem total apoio da família e costuma dividir o tempo em duas horas dedicadas às tarefas escolares e duas, ao violino e à flauta. Ela diz estar acostumada com a rotina, já que está envolvida com a Orquestra desde os onze anos de idade. Pergunto o que costuma fazer nas horas livres. "Facebook", responde ligeiramente.

Mantendo a harmonia

Cecília pede para os alunos pegarem os instrumentos e comecem a se colocar em seus lugares. "Agora começa nossa sina: organizar tudo nesse espaço pequeno", desabafa em surdina comigo. Enquanto as crianças se ajeitam, sento no canto da sala para não atrapalhar a organização e, ao meu lado, segurando um cavaquinho, está um jovem que, pela aparência, distingue-se dos demais, o que é logo explicado quando conta que tem 24 anos. Assim como Handyer e Geyson, Eguivaldo trabalha como monitor; e é trabalho mesmo, com carteira assinada e tudo.

Eguivaldo está há 11 anos na Orquestra e é fã de Steve Wonder. Em função do Exército, precisou interromper as atividades por um ano e meio. Ele lamenta que o quartel ao qual se alistou não possuía uma banda para que pudesse manter a música em sua rotina. Desde que entrou na Orquestra, muita coisa já melhorou. A sala é pequena, já foi menor, "mas a vontade de tocar sempre foi maior". A longa vivência na Orquestra lhe permite evocar fatos de tempos mais distantes. Lembra-se das sessões de filmes, com entradas de 50 centavos, que buscavam arrecadar verbas para a compra dos instrumentos, "bons para

aprender, mas não para apresentar", desabafa.

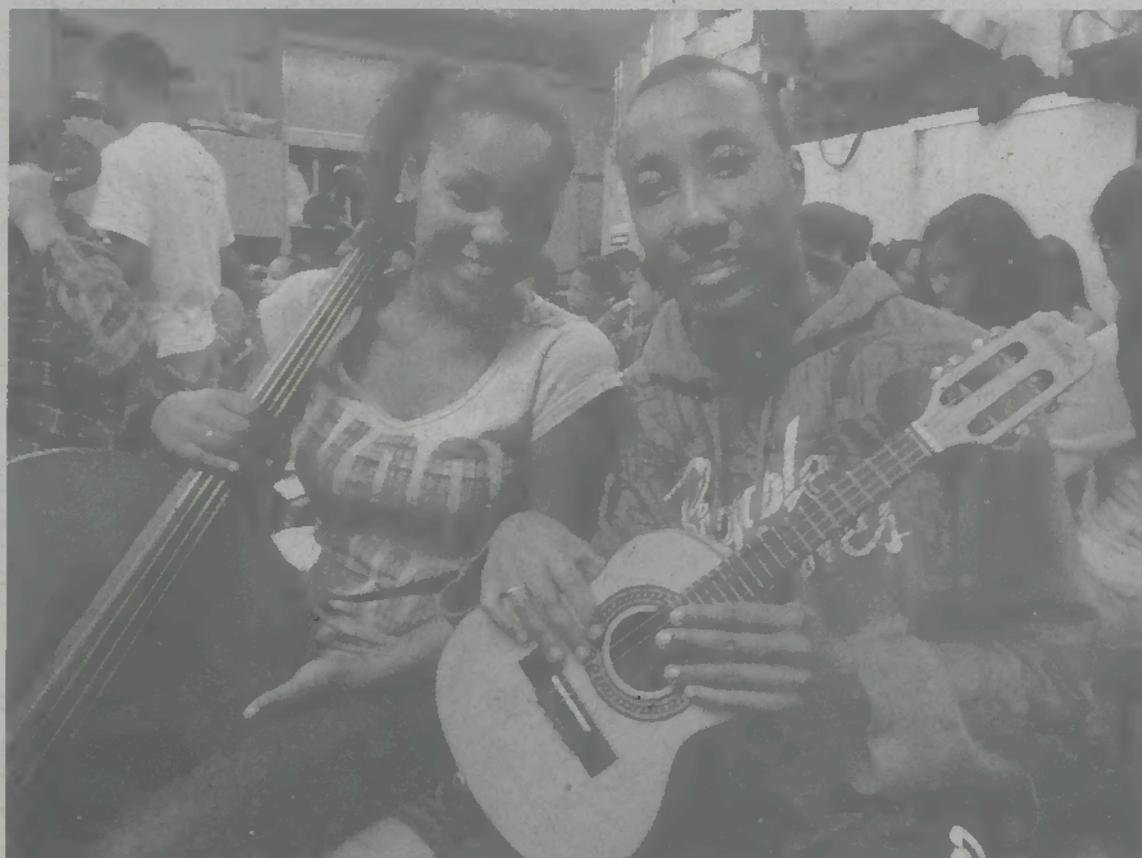
Das apresentações, recorda uma de 2003, no Araújo Vianna, quando o auditório sofria com problemas de acústica. Em dezembro, a Orquestra se apresentará lá, e Eguivaldo está ansioso para voltar a tocar no auditório reformado. "A Orquestra muda a vida de quem tá aqui, a gente conhece lugares, pessoas e maestros. A maioria quer sair daqui e continuar trabalhando com música". O jovem confirma o que diz ao revelar que foi lá que encontrou "a pessoa que ama", Alice, de 17 anos. Ela está concentrada afinando seu violoncelo, mas ele faz questão de chamá-la para que exibam a aliança de noivado.

As dificuldades vão se revelando aos poucos, desde o espaço apertado até a rebeldia natural dos jovens. A conversa com Eguivaldo é interrompida por um burburinho. Dois violoncelistas começam a discutir; os garotos estão praticamente espremidos pelo piano e disputam o espaço. Logo a discussão é apartada por Cecília. "Esse é o espaço que a gente tem, infelizmente, mas aqui não é pra criar problema, já temos os nossos individuais, se o piano tem que ficar aqui, não tem o que fazer". Um deles, com cabelos no rosto e camiseta de uma banda heavy metal, fica de cara fechada até o fim da tarde, mas, ao final do ensaio, desculpa-se com a professora.

Cecília revela que tem de manter constantemente a perspicácia para identificar os pequenos problemas que podem afetar o trabalho do grupo. Muitos regentes costumam preocupar-se apenas com o aspecto musical, mas ela acredita que a função exige que se resolvam dificuldades e divergências que aparecem ao longo do caminho para se chegar a um resultado satisfatório.

Daniela Luz





Egivaldo e a noiva Alice

Afinal, como ela deixou claro para os novatos, estar ali requer, além de comprometimento, relações humanas harmônicas.

Repertório variado

Finalmente começa o ensaio. Cecília mostra que, realmente, sua persistência não é apenas em manter a ordem, mas também em fazer com que o desempenho das crianças beire a perfeição. Não importa quantas vezes seja necessário repetir o mínimo trecho de uma partitura; ela insiste até que os alunos o executem corretamente. Talvez por isso que em uma tarde tenha sido possível ensaiar apenas três músicas. Qualquer erro é motivo para tocá-las desde o princípio.

O repertório é variado. Naquela tarde, ensaiaram "Juízo final", de Nelson Cavaquinho, "O sol nascerá", de Cartola, e "Minha alma", do Rappa. Os alunos são livres para sugerir músicas, mas quem bate o martelo é Cecília. Isso somente dentro da sala de aula. Ela conta que, mesmo educados para um estilo mais tradicional, os jovens são atraídos por outros gêneros. Inclusive, alguns meninos formaram um grupo de pagode, o "Pura Adrenalina", ao qual foi permitido a utilização da sala de ensaios e dos Instrumentos da Orquestra.

Os alunos são incentivados a visitarem exposições, assistirem a espetáculos de dança, etc. "A ideia é formar músicos completos, que tenham a cabeça mais aberta e sejam críticos e sensíveis", afirma Cecília. Mas isso não impede que eles direcionem o aprendizado para áreas de seu interesse. Quando pergun-

tô à Daniela o que costuma ouvir fora das aulas, ela, sempre sucinta, afirma: "de tudo".

Apenas o início

A Orquestra é apenas um impulso para o início de diversas trajetórias que nascem ali dentro e que, grande parte das vezes, se direcionam para o ramo musical. É o caso de Vladimir Rodrigues Soares, que participou por onze anos da Orquestra e recebeu recentemente uma bolsa de estudos em música na Universidade de Stuttgart. O sonho de muitos dos alunos é, assim como Vladimir, sair dali e estudar em uma universidade. O talento e a força de vontade, eles já demonstram possuir. —



ENTRE REFORMAS E AFINAÇÕES

A história de uma oficina de pianos
em Porto Alegre

Há 60 anos no ramo de afinação e restauração de pianos, a família Bichels cruzou o Rio Grande do Sul juntando histórias em cada instrumento consertado. Numa sala com mais pianos do que móveis, Adriano Bichels contou a história da oficina da sua família e algumas das trajetórias dos cerca de 10 mil pianos que já passaram por lá.

A oficina da família Bichels está instalada na rua Passo da Pátria no bairro Bela Vista em Porto Alegre, mesmo local de quando foi montada aos cuidados do patriarca da família, Pedro Bichels. Atualmente rodeada por condomínios de alto padrão e uma das poucas casas da rua, o local não é mais a modesta casa de madeira de antigamente, uma demonstração física da construção de uma vida próspera voltada para a música.

A história dos Bichels com o piano começou no final da década de 30, quando Pedro conheceu um afinador vindo da Grécia. O gosto pelo ofício veio pacientemente com a descoberta do som de cada nota, nas constantes vibrações do diapasão, na precisão do aperto dos parafusos que regulam as cordas, no entendimento da função da menor à maior peça e no orgulho de ver o que antes estava separado se transformar em toda a expressão de um piano.

O interesse pela profissão continuou na família com o filho de Pedro, Adriano Bichels, que aos 16 anos decidiu que além de tocar piano iria aprender com o seu pai as técnicas de afinação e reforma. Adriano acompanhou durante dois anos o trabalho de seu pai até ter coragem de fazer por si mesmo. Aos 25 anos, começou a se dedicar totalmente a oficina, se

tornando um dos poucos profissionais da área.

A lição mais importante que Adriano aprendeu com o seu pai foi a de respeitar o piano. Ele comenta que não afina mais do que três instrumentos por dia, já que o trabalho demanda muita atenção e dedicação e qualquer desvio pode prejudicar todo o resultado. A afinação demora, em média, de uma hora e meia a duas horas, e a reforma de um piano, se for alguma restauração que precise de peças novas, pode chegar a quatro meses. "Cada peça importa no piano. Se a pessoa que estava botando um parafuso não estava concentrada na tarefa, isso já faz a diferença. É preciso estar totalmente presente naquele momento para que se tenha a harmonia necessária do instrumento", disse.

Desde o começo da oficina, cada instrumento que passa pelo local fica registrado em uma agenda. Conforme os dados, os Bichels já consertaram cerca de 10 mil pianos por todo o Rio Grande do Sul. Segundo Adriano, os gaúchos são um povo bastante tradicional e muito ligado à música clássica, em que as famílias ainda acham importante aprender sobre este estilo de música, por isso a grande quantidade de instrumentos localizados por aqui.

Os pianos mais antigos eram feitos de madeira de lei, material muito resistente e usado somente em móveis de luxo e instrumentos musicais, por isso que eles são tão duráveis e conseguem ficar vários anos em perfeitas condições. "Alguns pianos ficam décadas com a mesma família, muitos são passados de geração em geração e diversas histórias são levadas junto com eles, mas infeliz

mente é muito difícil descobrir a história de todos. Gostaria de fazer um registro de todas elas, mas muitas se já perderam no tempo.” comenta.

Entre os pianos que passaram pela oficina e que mais ficaram na memória de Adriano, está um piano alemão construído em 1865, um dos mais antigos que passou pelo local, no qual foi encontrado um bilhete em que estava escrito “Rua da Independência” em letra cursiva e claramente antiga. Adriano diz não saber por que aquele endereço estava escrito e ficou escondido durante tanto tempo dentro do piano, mas guarda o bilhete com a esperança de talvez algum dia consiga encontrar a história por trás dele.

Outro instrumento que está na oficina fez até parte da Segunda Guerra Mundial. O piano de cauda veio da Alemanha no couraçado Admiral Graf Spee. O navio alemão foi o pivô da Batalha do Rio do Prata que aconteceu no Uruguai entre as marinhas alemãs e inglesas. O couraçado acabou afundando na costa do Uruguai, mas o piano foi deixado antes do naufrágio em um porto em terras uruguaias, onde um leiloeiro ficou com o instrumento. Mais tarde um uruguaio o comprou da viúva do leiloeiro e hoje o instrumento está no centro da oficina para ser reformado.

A diferença que Adriano mais percebe da época de seu pai para agora é a grande diminuição no número de profissionais e um menor companheirismo entre os colegas de profissão. “Antigamente quando alguém aprendia alguma técnica nova ou recebia algum material diferente partilhava com os outros para melhorar a qualidade do serviço. Agora com a dimi-

nuição dos profissionais é cada um na sua, não existe mais essa troca.” disse.

O senhor Pedro Bichels faleceu em 2011, mas muitas marcas foram deixadas por ele ao longo de sua vida. “A cada afinação, nós escrevemos dentro do piano a data com a nossa assinatura. Alguns pianos que chegam aqui, têm a assinatura do meu pai na década de 40. É muito emocionante encontrar o nome dele ali e saber que aquelas pessoas ainda confiam em mim para fazer um trabalho que antes era dele”, relata Adriano Bichels.

Atualmente Adriano está passando os conhecimentos adquiridos com seu pai para um aprendiz na oficina. Lael Ramos, aprendiz de Adriano, resolveu aliar a paixão pela música com a profissão e, quando conheceu o trabalho feito na oficina dos Bichels, resolveu seguir um caminho por poucos escolhido. Há dois anos acompanhando o trabalho na oficina, Lael diz ter preferência pela parte da mecânica e restauração e admite que é preciso muita dedicação e tempo para se aprender, mas que o esforço acaba sendo recompensado ao ver um trabalho concluído.

Adriano diz temer pelo futuro da profissão, já que cada vez menos as pessoas tem interesse por esse ofício. Mesmo com a grande demanda de trabalho, muitas pessoas nem lembram que essa profissão existe e que se pode construir uma carreira com isso. A grande quantidade de profissões que existem atualmente é outro complicador, além ser necessário ter muita disposição e tempo para se aprender tudo.

Ainda é uma incógnita se a paixão pela profissão que passou de pai para filho irá se manter como tradição na família. A nova geração é muito jovem para decidir, mas a torcida é grande para que a trajetória da oficina e dos pianos possam seguir junto com a história da família Bichels. —



LAURA SCHUCH

UM UNDERGROUND SOB NOSSOS PÉS

E se me perguntarem onde estava quando o mundo explodiu eu responderei: a minha rua era o centro do furacão.

(Nei Duclós, em Vício da Palavra)

— Mas de onde tu tirou isso, guria? - me perguntou José Antônio, divertido, apontando para o livro em minhas mãos. Era um meio dia de sol na Riachuelo, centro de Porto Alegre, em frente à Secretaria de Comunicação do Estado, onde trabalha meu entrevistado.

— Comprei num sebo há um tempão sem saber o que era, achei bonito, inventei esse trabalho para ir atrás. Conversamos aqui ou lá dentro?

Certo dia no final do verão de 1977, em Porto Alegre, enquanto realizava alguma atividade corriqueira, Clovis Malta viu passar por debaixo da porta de sua casa uma carta. O jovem jornalista do copydesk da Zero Hora observou o papel escorregar, caminhou até ali, abaixou-se e recolheu o envelope sem grandes expectativas. Afinal, devia ser mais uma conta, mala direta ou outra bobagem qualquer. Quando viu São Paulo e o nome de Valdir Zwetsch no lado do remetente, sua atenção despertou: rasgou o papel com cuidado e, conforme lia, uma expressão de satisfação foi tomando conta de seu rosto, junto com uma certa dose de orgulho e vergonha pelos elogios ali contidos - mas esse sentimento o bom Clóvis nunca contaria para ninguém.

mas b n clóvis:

burru são paulo. lowedrias. corrações. agit
fria. porco: sob controle. ~~burru~~ burru: sob controle???

burru: pouco tempo, muito o que fazer; resulta
em presso. e na prensa te digo: tudo bem com o livro. vivemos,
finalmente, uma reunião para-gra-capar aqui na terça-feira,
com a presença luxúria de san martin. relato:

. entre os autores:
. nome, ainda não pintou.
. uma ilustração: no não, linda, linda, heijs
o risky de honopaga.

. prazo final para a grama: 15 de agosto. se-
jamos canalhas: quem não mandar os 500,- até essa data, ~~se~~
danga. olha a pressão do poder econômico...

...
vantos.

. Média: com este bilhete, você é o único cara
dos gadchos a saber bem detalhad de coisa. por isso, não
seja egoísta e ante a curiosidade da mocada, saiba também
quem são os gadchos selecionados e suas respectivas obras.
comunique-os:

1. San Martin (oito poemas)
2. Nei (vários poemas)
3. Bêrardo Azebajo Oliveira (poemas: "Não sei";
"eu queria"; "Li tuas palavras")
4. Valdir Zwetsch (2 contos curtos)
5. Raulo Ortega (conto: "Helena Carvalho")
6. José Antônio Binch de Silva (conto: "Estórias")
7. Carlos Salgado (conto: "A Day in the Life")

8. Clovis Malta (conto: "Agonia, agonia...")
9. Ocio Fernando Abreu (conto: "Dois, dois, três")
10. Alberto Cruzado (contos: "Venda" e "O Filme
Adão de Sherlock Holmes")
11. Maria Koppel (conto: "Sintoma de São")
12. Rafael Guerra Dajão (conto: "Anjo de Prata
de Ouro")
13. Manoel Fichtmann (oito poemas)
14. Alvaro Luis Teixeira (quatro poemas)
15. Sergio Caporali (contos: "Dois Anos de Juventude")
16. Paulo Barros (três poemas)
17. Leiza Jago (conto: "De Espectro e Lelê")
18. Ricardo (conto: "O General Não Despara As Costas
para a Janela").

é isso, cara. saiba ainda que, honestamente,
acho teu conto um das melhores coisas do livro, do lado de
outros. ~~eu não sei~~ rir
porque tem consequência uma relação — e certamente tu ser in-
junto. gosto muito do teu clima, e personagens, também me
conheço porque ele é muito coisa de nós.

Produção Aberta
Honesto

e espalhe a notícia a quatro ventos, não se preocupe, não
vir vindo no vento e cheiro da nova estação. "Lento e
bruto no vento, sei que vem outubro".

Malta

Teia – Lume Editora, Porto Alegre, 1975

Capa: Antônio Carlos Maciel. Paginação: Juarez Fonseca. Ilustrações: Rosane Silva, Mariza Scopel, Júlio Flash, Danúbio Gonçalves, Cláudio, Jandira Lorenz, Magliani.

Autores: Caio Fernando Abreu, Mariza Helena Scopel, Lígia Sávio Teixeira, Clóvis Malta, Alberto Crusius, Jane Araújo, Valdir Zwetsch, Sérgio Caparelli.

Há Margem – Lume Editora, Porto Alegre, 1975

Capa e Planejamento Gráfico: Magliani. Planejamento Editorial: Licínio de Azevedo, Sérgio Caparelli e Eduardo San Martín. Ilustrações: Magliani, Pedro Pires e Carlos Alf. Autores: Mariza Scopel, Sérgio Caparelli, Valdir Zwetsch, E.D. Tyburski, Jane Araújo, Clóvis Malta, Eduardo San Martín, José Antônio Silva, J.C. Cardoso Goularte, Emílio Chagas, Licínio de Azevedo, Nei Duclós.

Vício da Palavra – Edições Cooperativas Garnizé, São Paulo, 1977

Capa: Luiz Gê. Produção: José Antônio Silva, Antônio Romane, Souzalopes, Toninho Mendes, Miguel Angel Fernandez, Valdir Zwetsch, João Teixeira. Diagramação e arte: Miguel Angel Fernandez. Colaboração: Vera Lúcia Pinheiro, Antonio Manuel Faria e Fernando P. Monteiro. Ilustrações: Jayme Leão, Giba Rocha, Duka, Mariza, Magliani, Conceição Cahu, M.J. Lescano, Chico Caruso, Arthur Gaglianone, Jandira Lorenz, Paulo Fernando, Ítalo Cencini, Santiago, Ricky Bols, May Schuravel, Omar Grassetti, Beto Maringoni, Gisela, Eduardo, Jorge Izar, Kika, Mangel, Kánji, Teco Rodrigues, Nicola D'Amico, Jaime P., Cláudio Levitan. Autores: Valdir Zwetsch, José Antônio Silva, Sérgio Machado, Alberto Crusius, Mariza Scopel, Ednilton Lampião, Ênio Vuono, Caio Fernando Abreu, Furio Lonza, Emanuel Medeiros Vieira, Rachel Melamet, João Teixeira, Licínio de Azevedo, Clóvis Malta, Emílio Chagas, Miguel Angel Fernandez, Carlos Sávio, Helinho Pinto Júnior, Eduardo Oliveira, Rubens Jardim, Paulo Barros, Eduardo San Martín, Antônio Romane, Álvaro Luis Teixeira, Marcel Faerman, Souzalopes, Toninho Mendes, Nei Duclós.

O nome que pintou foi Vício da Palavra. Clóvis, Valdir e José Antônio se conheciam de longa data: eram companheiros de cidade, de profissão e de boemia. Os três frequentavam os bares da "Esquina Maldita", no cruzamento da Osvaldo Aranha com a Sarmento Leite, originalmente reduto de intelectuais de esquerda nos anos 60 que, caído no esquecimento, havia sido reativado por jovens ligados à contracultura no início da década de 70. Lotavam o ambiente magros e magrinhos, cabeludos herdeiros da cultura hippie que ainda era referência no Brasil, acostumados com a maconha e com o sexo livre, com o LSD e com o rock'n'roll, com os cogumelos e com as road trips. Foi no Alaska, o mais famoso desses bares, sob o olhar atento do garçom Isake, que surgiu em 1975 o primeiro projeto conjunto de Valdir, Clóvis, José Antônio e tantos outros cabeludos -

um livro de contos e ilustrações chamado Teia.

Reza a lenda que o grupo se juntou quase automaticamente. Alguém falou em publicar, outro espalhou a ideia para outros que espalharam a ideia mais ainda. Numa época em que todo mundo envolvido com qualquer tipo de arte se conhecia, não é tão difícil imaginar uma iniciativa dos jovens escritores da cidade. O boca a boca no Alaska, afinal, funcionou - e a primeira de várias reuniões foi marcada. Na casa do participante que se oferecesse, o grupo sentava em volta de uma mesa ou em círculo no chão e espalhava os originais que cada um tinha trazido de casa. Os papéis passavam de mão em mão, até que todos tivessem lido tudo. Feito isso - mais de uma vez, por sinal -, foram escolhidos, por votação, os textos que participariam da edição; e cada autor podia chamar o artista que quisesse para ilustrar seu conto.

A capa ficou por conta de Antônio Carlos Maciel e a paginação, de Juarez Fonseca, sempre próximo às iniciativas de juventude da capital em seu trabalho na mídia e em sua revista alternativa que discutia cultura e política, o Paralelo 30. No recheio do livro, folhas de papel jornal - uso ainda inusitado no Brasil, inspirado em publicações estrangeiras - para baratear a impressão. A ideia inicial era de mimeografar o material - até que surgiu a editora Lume com seu projeto de estimular jovens escritores e que, apesar do medo da repressão, aceitou o trabalho.

Nesses tempos em que Geisel se achava rei e o Rei queria que tudo mais fosse pro inferno, a repercussão da Teia foi uma surpresa: jornais como a Folha da Manhã e a Folha da Tarde noticiaram o lançamento que aconteceu em 27 de junho de 75 no Dafa com "o assessoramento especial de 30 litros de caipirinha", entrevistaram os autores e tudo - e não houve nenhum problema com a polícia. Mesmo que não fosse um material diretamente político, era - no mínimo - uma rebeldia de costumes.

Depois do sucesso da Teia, a ideia de uma continuação não poderia passar despercebida. Alguns envolvidos no primeiro livro, junto com quem tinha ficado para trás, mobilizaram a Teia II, que teve repercussão e importância menores no cenário da cidade, mesmo que continuando o esforço inicial de publicação independente - o que parece ser a maior importância do livro.

Com uma pintura de imagens fortes e duras, Maria Lídia Magliani ilustrava a barra pesada vivida por sua geração. A negra charmosa e multitalentosa é uma figura importante na Porto

Alegre de 70 e tantos: ao lado de Emílio Chagas, participou da revista underground *Tição*, que representava o movimento negro; integrou um dos primeiros grupos musicais gaúchos ligados ao pop, o *Mordida na Flor*; posou nua para fotos, fez teatro, agitou a cidade. Magliani mereceria uma reportagem para si. Mas, aqui, ela aparece como diagramadora e principal ilustradora de *Há Margem*, projeto mais ousado que *Teia*, com poetas na lista de autores, mais organizado, mais bonito e mais enfático no grito. Entre as boas novas, o poeta Nei Duclós - que, junto com Mariza Scopel e Marco Celso Viola tinha girado o Brasil com seu varal de poesia nas praças e publicado os mimeografados *Tombam* os primeiros anos nos trigais e *Eu Digo* no início da década - passou a integrar a turma da publicação.

Em 16 outubro de 1975, os conhecidos e amigos voltaram ao Dafa para beber caipirinha, desta vez no lançamento de *Há Margem* - que teve show do *Utopia*, trio de Beбето Alves. "É exatamente assim que são as pessoas neste ano da (des)graça de 1976. É somente assim que podem ser a literatura, a música, o desenho, o cinema ou o teatro dessa geração" afirma em texto para o *Correio do Povo* alguns meses mais tarde o apoiador do grupo, e sempre de alguma forma presente, escritor Caio Fernando Abreu, na época já publicado e com projeção nacional.

Caio Fernando podia ser visto caminhando *Independência* acima e *Independência* abaixo - que, na época, era o circuito de festas de playboy, com o famoso *Encouraçado Butekim* onde hoje é o *Beco* - em noites especiais, com a companhia de Ricky Bols e o resto da turma. Essa figura particular, que desde pequeno desenhava suas maluquices, é outro magro importante nessa história toda. Ricky participou desde os 15, 16 anos de publicações underground ligadas à contracultura - *Araruta*, por exemplo, que teve problemas com a polícia, traz uma história em quadrinhos sobre um magrinho que esconde o beque no cemitério até que um belo dia vai buscar e encontra os mortos todos doídos. Na época em que se passa nossa história, Ricky fez a arte do livro *Com Peito*, de Beбето Alves, projeto ousado com fotos, desenhos e letras de canções do músico. O desenhista, que já havia participado de *Teia*, foi um dos ilustradores do mais loucão de todos os projetos, o *Pedra Mágica*.

O conjunto de folhas multicoloridas e anárquicas, organizadas dentro de um envelope, é filho

do *Alaska* com a redação da *Zero Hora*, em uma iniciativa de Eduardo Azambuja, diagramador do jornal. Não que a *ZH* tivesse alguma coisa a ver com a ideia ácida, mas Eduardo mobilizou as pessoas que conhecia lá de dentro, incluindo Ricky, e, entre um gole e outro - porque os pegas eles davam antes de ir para o bar, cabeludo era ímã de ataque -, juntou as pintas que integrariam a loucura. Eduardo bateu à máquina os textos que tinha selecionado, escolheu as fotos e desenhos prontos que entrariam na coisa e chamou os amigos ilustradores (Ricky, Peixe, Julio Flash, Neny) para reuniões em sua casa. Nessas noites, ele escolhia os textos que entregaria para cada um e o cara criava as vinhetas como bem quisesse em torno daquela mancha de texto. Nessa função, até o garçom Isake foi incluído: em uma das páginas, foi desenhada uma simulação de nota do *Alaska* com a assinatura do participante honorário.

A *Pedra* foi impressa pelos próprios participantes em uma *Multilit* - a mais barata das *offsets* - que havia no porão de uma casa de conhecidos na *Protásio*. Na hora de colocar a tinta, eles misturavam várias cores no recipiente de tinta da máquina, o que fez com que nenhuma *Pedra* fosse igual à outra.

Outra personagem importante era a *Magra Jane*, figura exótica, muito alta e magra, de cabelão estilo *Maria Bethânia* e roupas longas, um pouco mais velha que os outros, séria e compenetrada, absorta em rock'n'roll e de texto absurdamente ousado. *Jane Araújo* escrevia poesia em prosa, misturava letras de música em inglês com sua lírica em português e participou de quase todas as entrevistas à imprensa a respeito dos livros. Todos os entrevistados falaram da *Magra Jane*.

Como naquela época São Paulo já era São Paulo, não é de se espantar que vários do ex-integrantes tenham migrado para lá. José Antônio, trabalhando como freelancer em redações de grandes jornais e colaborando com a imprensa alternativa paulista, foi conhecendo outros interessados naquelas coisas, que escreviam e queriam publicar. Junto com Valdir Zwetsch, organizou outra edição independente, dessa vez com paulistas de vários lugares do Brasil. Selecionaram, entre os gaúchos, 30 nomes - que acabaram virando 28 - e, sob o nome fictício de editora *Garnizé* (galo de briga, ou eles mesmos) lançaram em 12 de dezembro de 77 na livraria *Sulina* da *Rua da Praia* o *Vício da Palavra*, livro que eu levava nas mãos naquele meio dia de sol na *Riachuelo*. —●

E O PRÓXIMO ÔNIBUS SÓ SAI ÀS SEIS E QUINZE

Até alguns minutos atrás essa reportagem estava dividida em diários. Pequenos diários, com datas vagas e espaços bem definidos. Do tipo: Inverno de 2011, no terminal do busão em Porto. Antes eu até ia fazer com as marcações de espaço e tempo de um roteiro do cinema, INTERIOR / DIA, mas desisti também. Achei que ia ficar muito forçado, "olha o Lennon, o guri que gosta de cinema, escrevendo em forma de roteiro, tralalá". Mas daí resolvi ir pro lance dos diários, ainda no clima espaço-tempo. E daí, pra complementar, eu estava lendo Rum – Diários de um Jornalista Bêbado. Diários. Pensei no título perfeito pra matéria: Bus – Diários de um Jornalista Guaibense, Achei massa, e investi nesse título até pouco tempo atrás – já faz umas 3, 4 semanas que eu escrevi o primeiro diário. Tudo porque o tema da 3x4 é TRAJETÓRIAS, e eu resolvi falar sobre os muitos fatos curiosos que aconteceram nas minhas andanças de ônibus Guaíba-Porto Alegre, nas madrugadas frias e ardilosas do centrão porto-alegrense. Na real, eu nem curti muito essa pauta que eu boleei, achei meio preguiçosa, tanto que eu tô aqui, deitado na cama e escrevendo isso, sem fontes, sem pesquisa, trabalhando só com flashbacks-flaneurs. Eu não curti muito o tema, também, achei meio limitado em formato (tanto

que o tema dessa matéria é TRAJETOS e não TRAJETÓRIAS, dá um conferes no dicionário). Mas vá lá. Então, no clima do Hunter Thompson; eu resolvi escrever no melhor estilo gonzo de jornalismo, protagonista sou eu, falando da pauta em primeira pessoa, manchando de ego essa folhá branca (nem sei se vai ser branca, não saiu projeto gráfico ainda). Até alguns minutos atrás, quando eu estava passando os olhos pela 3x4 de 2012/2, e eu vi que teve bastante gente escrevendo gonzo. Virava a página, gonzo. Virava duas, gonzo. Daí eu olhei pra minha matéria, e porra, não tinha nada demais. Mais um texto sendo escrito em primeira pessoa, grandes coisa. Então eu resolvi mudar, agora mais do que alguns minutos atrás, e fazer isso aqui meio que por fluxo de consciência. Tipo, escrevendo o que vem na cabeça, sem parar pra pensar (muito), sem dar uma olhada na internet, sem nem ler o que eu escrevi umas três linhas acima. Talvez eu esteja repetindo palavras, expressões, ideias, uma caralhada de coisa. Piça. Mas vamos aos trabalhos: me mudei faz quase uma semana pra Porto Alegre, então eu ainda não estou me sentindo em casa, mas também não vejo em Guaíba meu lar doce lar. Não mais. Então as minhas descrições vão ter um misto de nostalgia, amargura e aquela sensação de finalmente não estar mais preso a tal situação, que, incapaz que sou de olhar para trás com um distanciamento, fará com que eu acabe rindo de tudo com um pouco de saudade. Tem nome isso? Nem sei. Só sei que pra essa matéria andar, eu tenho que ter mais objetivo. Enquanto eu penso por onde começar, eu vou colar aqui mesmo o primeiro diário que eu tinha escrito, umas três, quatro semanas atrás. Lê aí:

BUS – diários de um jornalista guaibense

DIÁRIO DE BORDO #1 – Verão de 2013

Estava em Porto Alegre e precisava voltar para casa no tradicional bus da madrugada, nada de novo. Chego lá e tem fila para o ônibus que só chegaria, descobri, em 45 minutos. Puta que pariu. Eis que o Cearense me indica, com sua embargada voz de pinga:

- Tem o carro aí ó – acenando com a cabeça.

Estacionado do outro lado da rua estava um Monza bordô quatro portas com um gordão escorado na porta. De terno preto como a pele e os óculos escuros na careca, ele cobrava os mesmos 5 reais da passagem de ônibus, mas sem a legitimação da lei. Partiu.

Mas não, ainda não – tem que esperar lotar o carro. Já tinha outro guaibense na espreita, então ainda sobravam duas vagas.

Eu queria fumar um cigarro, mas não tinha fogo. Pedi pro Mr. Monza e ele também não tinha. Porra, tu leva pessoas ilegalmente até Guaíba no meio da madrugada e não tem um isqueiro? É o mínimo que se espera de uma criatura dessas. O outro malandro que ia junto no carro também não tinha (e eu não queria incomodar os cidadãos de bem na parada) então fui até a fruteira na frente da praça.

Não tinha, só lá perto do camelódromo. Voluntários, ihzomin da madrugada, e eu pegando a direita na sinaleira à procura do tio do cachorro quente. Estava lá ele, e eu achei melhor comprar um isqueiro.

Sai pensando onde fumar, e lembrei da praça na frente da parada. Tinha uns canos ou tubos de alguma construção parados entre as árvores, os ratos correndo em volta deles como baratas dopadas de Raid. Dali dava para ver Mr. Monza e seu Monza, ambos me olhando, não sabia se me julgando ou querendo entrar na brincadeira.

Nisso passa uma viatura da brigada militar beeeeeeeem devagar pela Voluntários. Os olhos de abutre ansiosos esquadriavam os poucos pervertidos e vagabundos que perambulavam pelo centro a essa hora, suas armas eretas prontas para gozar seus projéteis metálicos. “Acho que não vai ser dessa vez”.

Voltei para a parada, derrotado pelos ratos e pelos porcos, e já tinha uma mulher reservando um espaço no veículo clandestino ali presente. Ela falava bastante, e alto, e assim ela convenceu o motorista a enfiar seu corpo gigantesco dentro do carro antes da lotação máxima.

Estávamos de saída quando apareceu um quarto passageiro, tão grande quanto Mr. Monza. Ele sentou na frente, e assim partimos.

O velho Monza bordô quatro portas não nos poupava dos seus defeitos, quase como um criminoso megalomaniaco que faz questão de explicar porque está foragido. O freio nada sutil exercia uma combinação bizarra com o pezão do motorista. A luz alta

era quase inexistente, então andar pelas curvas da Estrada do Conde foi, no mínimo, emocionante.

É incrível como não morrem umas 10 pessoas por dia em acidentes de carro naquela estrada. A Estrada do Conde é o único caminho para Guaíba se você não está no clima de pagar pedágio. Cheia de buracos, curvas, trechos em obras e escuridão, a estrada não foi feita para aquele Monza voar baixo pelo asfalto velho.

Chegamos na cidade em 25 minutos, mais ou menos. Mas o primeiro camarada ia descer lá no bairro Fátima, do outro lado de tudo, então não cheguei tão cedo quanto imaginava.

Fui o penúltimo a ser entregue, são e salvo e levemente atormentado.

São muitas histórias nesses pouco mais de 3 anos de andanças de ônibus. Muitas eu não lembro, ou lembro pouco, porque ainda não tinha a pretensão jornalística de relatar-tudo-o-que-eu-vejo e torcer pra sair algo bom depois. Algumas ficaram marcadas, com certeza. Principalmente as mais recentes. Tem uma, essa eu já contei várias vezes, e é bem massa: Eu estava voltando do Bambus entre 4 e 4:30 da manhã. Não lembro se eu já sabia, naquela época, que depois do ônibus das 3:30, só as 6:15. A questão é que eu cheguei lá, bebaço, e meio que me atirei na calçada. Tinha uma meia dúzia de pessoas, e eu me atirei perto delas. É meio que estratégia de sobrevivência no centrão, ficar junto. Apesar de que, naquele longo corredor tem vários ônibus pra diferentes lugares de Guaíba, pessoal fica junto esperando cada um seu bus. Mas naquela noite teve dois que desafiaram o velho Darwin e tomaram um cagaço. Um magrão e uma mina ficaram na >esquina< da rua. Rindo da cara do perigo. Logo apareceu um bonde, – sim, um bonde – um bonde daqueles que tu atravessa a rua e sai correndo na direção contrária. Uma meia dúzia. Eles chegaram no corredor e foram tirar com a mina. Eu não vi como começou, na verdade. Eu estava ali, semi-jogado na sarjeta, mandando uma mensagem pra uma guria que eu não comi – “I’m all alone”, escrevi – como se fosse a senha pro caixa-forte da boceta dela. Mas não, não, devia ser umas 5 da manhã, o fim da noite se fazia presente, e minha única companhia eram aquelas pessoas, anônimas, que enchem os ônibus da madrugada. Minha atenção finalmente chegou no final da rua. O magrão aparentemente tinha feito pose de galo contra o bonde, e por isso falaram algo sobre eles estarem em maior número, meu, não dá pra botar contra eles. E eles continuavam na volta da mina, tentando levar ela pra sabe-se lá onde pra fazer sabemos o que. Nisso o cearense – O Cearense! Eu já falei do cearense lá em cima, acho.

adelina alaye

Uma louca de
amor na Praça de
Maio

*Mães Coragem, valentes
da Patagônia a Corrientes
desafiaram coronéis
golpistas fraudulentos
manipuladores sangrentos
e paus mandados cruéis*

*Mulheres lindas guerreiras
todas as quintas-feiras
até os dias atuais
frente à Casa Rosada
ah, choram desconsoladas
por filhos que não viram mais*

(Trecho do poema Madres de la Plaza
de Mayo, de Jetro Fagundes)

Adelina Dematti de Alaye nasceu em 1927, em Chivilicoy, na província de Buenos Aires, Argentina. Em 1977, na cidade de La Plata, Carlos Esteban Alaye, seu filho, foi sequestrado enquanto andava de bicicleta. A vítima tinha 21 anos.

Dona Adelina procurou por seu filho. Em cada local que procurava, em cada hospital, cada quartel, encontrava outras mães na mesma busca. Nem ela, nem as outras encontravam respostas. Procurando separadamente, as mães perceberam que não teriam forças para buscar a verdade. Então, precisavam lutar juntas. Talvez buscando informações em conjunto obtivessem êxito.

Encontraram-se na Praça de Maio, a principal da

cidade, próxima à Casa Rosada e à Catedral Metropolitana. Marcaram no sábado, 30 de abril de 1977. O final de semana deixaria o grupo mais discreto. Mas havia um problema: no sábado, os escritórios do governo estavam fechados e elas não poderiam procurar por seus filhos. Alguém sugeriu marcar um novo encontro na sexta-feira seguinte e Dona Adelina lembra que alguém se opôs: "Sexta-feira é dia de bruxa". Optaram pela quinta-feira. O primeiro encontro contou com 14 mulheres, dez mães, três tias e uma militante do Partido Comunista. Para garantir a segurança das participantes, o encontro não poderia ser demorado. Começou às 15h30. Terminou às 16h.

O Lenço Branco

Adelina:

-Ninguém pode contar a história do lenço branco, pois já a perdemos.

Em outubro de 1977, o movimento das mães decidiu participar da procissão de Nossa Senhora de Lujan. Seria um momento para expor o seu sofrimento. Durante a caminhada conversariam com as pessoas, relatariam o que estava acontecendo. Elas precisavam de algo que as identificasse no meio da multidão. Combinaram de carregar lenços brancos na mão, com os quais acenariam. Os lenços, sobre as suas cabeças, se transformaram em um símbolo que identifica o movimento internacionalmente. Mas para Adelina Alaye, o momento em que foi usado assim pela primeira vez não pode ser recuperado: "Quando colocamos na cabeça a primeira vez eu não sei, cada

uma lembra de uma história diferente”.

Quando chegamos para entrevistar Dona Adelina, no apartamento em que se hospedou em Porto Alegre, outra equipe de reportagem fazia uma matéria com ela. O fotógrafo lhe pediu que colocasse o lenço. Ela negou: “O lenço é um símbolo de luta, não um objeto de adorno. Não uso em casa”.

Tempos de luta

Quando sequestraram Carlos, sua companheira estava grávida de quatro meses. Já haviam tentado sequestrar a filha de Adelina e três amigas suas desapareceram. A mãe ficou um bom tempo sem contato com a família.

Quando a neta já tinha um mês, a avó marcou um encontro em Buenos Aires. É quando Adelina descobre que sua nora e sua filha estão viven-

do em condições precárias. A matriarca sugere que as jovens venham para o Brasil. Para passar pela fronteira com um bebê, sem a autorização do pai desaparecido, a tia da criança passa por mãe solteira, acompanhada da avó. A verdadeira mãe, Inês Ramón, viaja no mesmo ônibus. Além delas também vão Oscar, companheiro de luta de Carlos, e Martín, genro de Adelina. Até à travessagem a fronteira, eles não se conhecem. Tempos depois, com o auxílio da ONU, eles vão para a França. Dona Adelina, é claro, volta para La Plata, para procurar pelo filho. Ela diz: “Não tínhamos medo, talvez fosse irracional, mas se tivéssemos, não sairíamos à rua. Tínhamos cuidado”.

Havia toda uma preocupação com a segurança. Para se proteger e proteger as suas famílias, as mães nunca excediam o horário. Chegavam na praça pontualmente às 15h30 e saíam rigorosamente às 16h. Mas não havia medo. Dona Adelina lembra que já haviam lhes tirado o que tinham como mais precioso, então, não havia mais o que temer: “A comoção era tanta, a dor era tanta, que não tinha espaço para ter medo”.

Ela conta que os vizinhos cuidavam. Se demorasse muito pra voltar, ficavam preocupados pela sua segurança. Tinham receio de que tivesse sido sequestrada também. No dia seguinte à sua aposentadoria, o temor quase virou realidade. Era quarta-feira, 23 de maio de 1977, e a senhora despediu-se de todos na escola onde trabalhava, mas esqueceu de um documento. Voltou no dia seguinte e seus amigos disseram que, pouco antes, ela havia sido procurada.

Como era quinta-feira, Adelina não retornou para a sua casa, foi à praça. Lá suas companheiras orientaram que não se entregasse, juntaram dinheiro e lhe pagaram um hotel, onde viveu até agosto, quando foi viver na casa de uma amiga. Em outubro, cansada, a senhora Alaye enviou uma carta ao Ministro do Interior, contando sua história e a de seu filho, dizendo onde estava e que, se quissem lhe pegar, não fugiria. Voltou para a sua casa e nunca mais soube de ter sido perseguida.

Na praça, Adelina Alaye buscava, junto com as suas companheiras, encontrar



respostas. Mas também dividia seus sentimentos com aquelas que sofriam o mesmo drama, "era o momento que esperávamos para poder falar com liberdade": Ao longo de quase quatro décadas de luta, o movimento das mães que iam para a praça, exigir repostas sobre o paradeiro de seus filhos, obteve reconhecimento internacional, tornou-se um símbolo da luta contras as ditaduras na América Latina. Muitas das repostas que procuravam ainda não foram conquistadas. Mesmo que, tanto tempo depois, dona Adelina ainda ache fundamental que se busque esclarecer o que aconteceu no período. Mesmo que muitos dos culpados já estejam mortos e não possam pagar por seus crimes. Ela acredita que os movimentos de reconstrução da memória perdida na América Latina precisam elucidar os fatos e assim, mostrar que elas não choravam por seus filhos, mas por seu país.

O carinho na entrevista

O tratamento carinhoso que eu recebi da minha entrevistada e a sua alegria, contrastando com a imagem que se pode fazer de uma mãe que perdeu o filho, me obrigaram a contar um pouco sobre como aconteceu a entrevista.

Quando soube da presença dela, percebi, era a trajetória que eu procurava para a 3x4. Dona Adelina Alaye, usando o lenço, foi chamada, a plateia aplaudiu de pé. O auditório da Fabico estava completamente lotado.

Ela discursou. Falou sobre o momento histórico que vivemos, em que se busca resgatar a história escondida por "minorias opressoras" e fazer com que a justiça seja cumprida. Também falou sobre a sua experiência e do movimento das mães que buscam a verdade sobre seus filhos.

Eu estava decidido, precisava falar com ela. Não poderia ser difícil, quando terminasse a mesa da qual ela participava, eu a abordaria no corredor.

Quando ela saiu, todos ficaram à sua volta. Não consegui me aproximar, Dona Adelina, foi para a sala onde estavam os convidados. Esperei

um tempo, ela saiu. Tivemos alguma dificuldade linguística, mas fomos auxiliados por um tradutor. Pedi para entrevista-la, ela concordou e pediu que eu marcasse com o professor Jorge Vivar, que estava lhe hospedando.

Na manhã seguinte, estava na aula quando recebi a ligação. O professor tinha conseguido uma brecha para a entrevista. Precisava ir para lá naquele momento. O Michel foi correndo comigo para tirar as fotos.

Quando chegamos dona Adelina dava uma entrevista para um jornal. Fomos muito bem recebidos na casa do professor Vivar, mas eu estava preocupado com a reportagem. O repórter que



conversava com ela falava um espanhol fluente. Conversaram por muito tempo, fiquei mais preocupado. Será que ela teria paciência para mais uma entrevista? E teria paciência com o meu portunhol?

Quando chegou a nossa vez, ela puxou uma cadeira na cozinha. Pedi para sentarmos ao lado dela, Vivar ficou conosco, para ajudar a driblar os entraves da língua. Nossa entrevistada foi muito paciente, carinhosa mesmo. O clima da conversa também impressionava, falávamos de assuntos pesados, relacionados à sua vida, mas ela passava uma serenidade impressionante, não tenho certeza se consigo descrever a alegria de viver que ela transmitia. Se não consigo, a foto que o Michel tirou pode falar melhor. Foto que ele decidiu tirar na rua, já que contextualizava melhor o nosso clima. —

PEREGRINAÇÕES,

CAMINHOS E

TRAJETÓRIAS



Caminho de Santiago. Longe, na Europa. Caminhar oitocentos quilômetros. Uns trinta dias... a pé. É. Dá bolha no pé. A roupa, só se leva pouca. E dá pra lavar que seca. Só as botas que no final da caminhada ficam fedidas. Isso acontece com todos. As camas... não são tão ruins assim. Se não forem boas, tem saco de dormir. Dores nas costas e nos joelhos? Todos os dias. Conviver com "dor de tudo" por um mês, no mínimo. Sentir o peso da mochila, constantemente de quatro a seis horas por dia. Ter que se desfazer disso ou daquilo. Apenas o caminhante e mais 10 quilos. Algumas bolhas. Uma dorzinha...mas na medida do possível passa. Não é tão ruim... é aprender a carregar o necessário. Ir pra qualquer lugar do mundo desse jeito. A vida se materializa em uma mochila, e a bagagem, que a todo o momento aumenta e se transforma, se chama conhecimento. Se apoiar em energias inexplicáveis. Acreditar nas pessoas. Nem pensar em parar a caminhada. Perceber a água mais refrescante, a cama mais confortável, a paisagem mais bela. Ser um peregrino.

— Por que tu te interessas pelo Caminho? Por que fazê-lo?

Primeiro questionamento da entrevista. Curiosamente, feito pelo próprio entrevistado, Walter Jorge. Um simpático senhor de 87 anos que junto de sua esposa me recebeu muito bem em sua casa,

mais precisamente na Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Rio Grande do Sul. Engenheiro, historiador e peregrino, Walter Jorge é referência no que diz respeito ao Caminho de Santiago de Compostela. Com uma pesquisa surpreendente, que dura mais de dez anos sobre cada cidade e cada monumento que pode ser encontrado durante a peregrinação, ele mostra orgulhoso sua biblioteca e seus arquivos. Walter fez sua caminhada em 2000, aos 74 anos, e gostaria de fazer o caminho novamente, mas de forma diferente, num "estilo espinha de peixe": indo e voltando, saindo da rota, registrando todos os detalhes. "A minha ideia é colocar a pesquisa completa no site, mas preciso do impossível!", comenta Walter Jorge, folheando sua obra. Nesse dia conheci também Magnus Casara, um peregrino que acabou de lançar um livro sobre suas experiências na caminhada. Aquela tarde de sexta-feira pareceu um filme e me fez sentir a energia e o encanto da história desse misterioso caminho.

Uma peregrinação (do latim *per agros*, isto é, pelos campos) é uma jornada realizada por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado por essa mesma crença. O Caminho de Santiago, pelo menos, foi com a finalidade religiosa que começou. Hoje, independentemente de religião, ele é frequentado por pessoas do mundo inteiro.

A história

Tiago foi um dos apóstolos de Jesus Cristo. Depois da morte de Jesus, o apóstolo partiu para a

Espanha e Portugal, com o intuito de pregar a palavra de Deus. Depois de sete anos, Tiago voltou a

"NA EUROPA ELES DIZEM QUE PEREGRINAR É IR À PROCURA DE DEUS. EU JÁ DIGO DIFERENTE: PEREGRINAR É VIAJAR PARA LUGARES DISTANTES EM BUSCA DA ETERNIDADE"

Paulo Doebber, peregrino

Jerusalém com dois fiéis discípulos. Sua fama entre os sacerdotes desagradou o rei Herodes de Agripa, que o condenou à morte. Tiago foi decapitado, esquartejado e jogado para fora do reino. Seus restos mortais foram recolhidos por seus dois discípulos, que secretamente o depositaram em uma arca de mármore e colocaram-no em um barco. Segundo a lenda descrita por Magnus Casara, em seu livro *Diário de um Magnus*, a barca passou dias e dias no mar Mediterrâneo, movendo-se ao sabor do vento e "guiado por um anjo", até que chegou à Iria Flávia, capital da Galícia no ano de 44 d.c.

Os discípulos construíram para Tiago uma pequena cripta e uma capela no reino. Existem relatos de peregrinações esparsas a esse local, mas com as invasões bárbaras, a queda do Império Romano e invasões muçulmanas, o corpo ficou esquecido por cerca de 800 anos.

Segundo pela lenda, no ano 813 um monge presenciou uma luz sobrenatural, um feixe de estrelas que caía em direção ao bosque, como se elas viessem da Via Láctea. Em uma busca pelo local, foi

descoberta a cripta do Apóstolo. Alguns historiadores dizem que o nome "Caminho de Santiago de Compostela" teve origem nessa lenda, pois o local passou a ser chamado de Campus Stellae (campo das estrelas) – outros dizem que o nome tem origem na palavra do latim *compostum*, que significa cemitério, ou que o nome deve-se à Via Láctea, pois ela acompanha o trajeto, como se o caminho terrestre se espelhasse nela. Coincidência ou não, no século IX a Igreja passava por uma fase crítica em relação ao baixo número de fiéis e encontrou um motivo para unir os cristãos. A peregrinação surgiu em contraponto à religião muçulmana e às peregrinações à Meca.

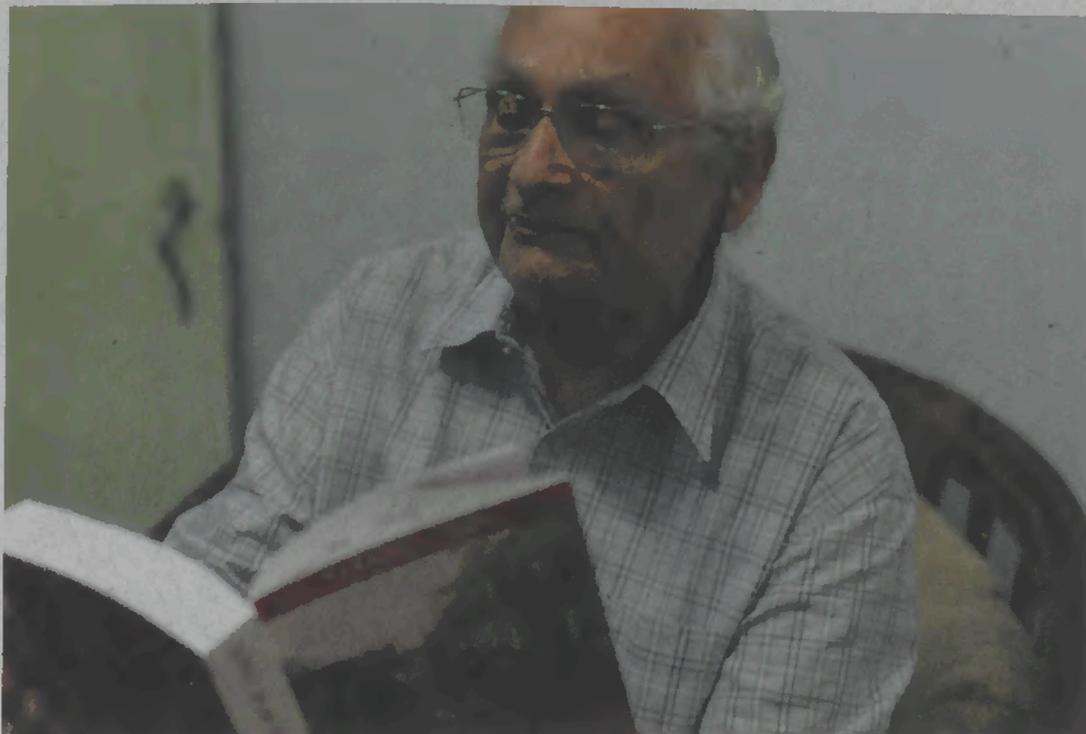
Entre altos e baixos de popularidade, o caminho foi se mantendo e se desenvolvendo principalmente com a ajuda das Associações dos Amigos do Caminho de Santiago espalhadas por todo o mundo. Em 1985, a Unesco declarou o Caminho de Santiago um Patrimônio Mundial, algo que fortaleceu também a peregrinação.

No auge do Caminho, entre os séculos XI e XII, peregrinos de toda a Europa iam até Santiago, contando mais de 500 mil peregrinos por ano. Atualmente são 180 mil pessoas num ano comum, e em Ano Santo a média vai para 270 mil.

Desde o início das peregrinações criaram-se diversos pontos de partida até o túmulo de Santiago, atualmente situado na cidade de Santiago de Compostela. Alguns mais conhecidos são os Caminhos Franceses – em especial o Caminho Real Francês – e o Caminho Português. A escolha do peregrino depende de sua origem, vontade e disponibilidade. Algumas peregrinações levam em torno de dez dias até Santiago de Compostela, como o Caminho Português, e os mais longos, como o Caminho Real Francês, com 850 quilômetros, levam em torno de 30 dias.

Os Símbolos

Além de lendas, o caminho é conhecido por diversos símbolos. A concha de vieira, um marisco encontrado na costa da Galícia, é o principal símbolo da peregrinação. Historiadores indicam que a concha está vinculada a uma necessidade dos peregrinos de levar uma prova de que tinham alcançado o mar, em Finis-terra, localidade considerada o final da terra na Idade





10 anos de pesquisa renderam ao Sr. Walter Jorge um arquivo incrível sobre o Caminho

Média. A tradição se manteve e se tornou marca inquestionável dos peregrinos. Além de testemunhar a trajetória percorrida, a concha passou a ser utilizada para saciar a sede em fontes e lagos e até como acesso a albergues. Hoje em dia ela é um elemento de proteção e marca da busca de

conhecimento de cada um dos peregrinos. Depois do Caminho de Santiago ter sido classificado como "Itinerário Cultural do Conselho da Europa", a concha foi estilizada e adotada oficialmente como símbolo de identificação.

Para saber por onde seguir durante as caminhadas, mais símbolos: desde 1980 são pintadas flechas amarelas ao longo do trajeto, pelas quais os peregrinos conseguem se orientar.

Elas estão em pedras, árvores, casas, no chão e em placas.

A Peregrinação

As pessoas fazem a peregrinação pelos mais variados motivos: alguns buscam aventuras, outros procuram companheiros; alguns querem curtir férias, outros partem por uma decisão inconsciente, movida pela curiosidade sobre esse mundo distante e místico do caminho e outros simplesmente procuram suas respostas. A peregrinação não necessariamente tem um caráter religioso, mas sim espiritual. São homens e mulheres de diferentes idades que testemunham a energia que envolve o

caminho. Dizem até que se alguém se interessou pela peregrinação de Santiago de Compostela e pretende fazê-la é sinal de que já ouviu o "chamado" e, mais cedo ou mais tarde, irá segui-lo.

Caminha-se em torno de 30 quilômetros por dia, e à noite dorme-se em albergues ou em hostels. O Caminho pode ser feito a pé, a cavalo, de bicicleta ou de ônibus. Até mesmo portadores de deficiência que usam cadeira de rodas podem fazer o caminho (são em torno de 40 cadeirantes por ano, de acordo com estatísticas oficiais). Os peregrinos, em sua maioria, preferem fazer sozinhos. Alguns fazem em dupla, grupo, mas devem respeitar sempre seu ritmo. Ritmo é de cada um.

Paulo Doebber, um simpático e espontâneo senhor que tem como profissão a peregrinação, já fez o Caminho de Santiago quatro vezes. Além de ser um turismo barato pela Europa e uma rota cultural muito bela, Paulo aprendeu muito com o caminho e com as pessoas que por ele passavam: "as peregrinações nos deixam um tempo muito grande de reflexão. Mesmo que a gente caminhe com outra pessoa ou em grupos, vai existir algum momento em que nós ficaremos sozinhos. A gente vai ficando mais tolerante, mais compreensivo, a gente aprende a respeitar individualidades".

Marcos Schmidt foi "chamado" pelo Caminho em 2009. Mal começamos a conversar, o sorriso já estava estampado em seu rosto. Muito feliz por rever as fotos de sua viagem, Marcos falou sobre a sua preparação de um mês, com caminhadas quase diárias. Os assessórios de caminhada também foram bem pensados. São necessárias botas e uma mochila boa, e bom senso quanto à bagagem. Mesmo com todos os cuidados para não carregar peso, os peregrinos acabam deixando uma coisa que outra para trás: "as pessoas deixam direto botas, roupas, copos térmicos, mapas... é até uma briga ter que levar comida a mais na mochila", comenta Marcos. A quantidade de pessoas diferentes, com força e com vontade de seguir a caminhada, torna

"Ser peregrino é descobrir que você pode caminhar 800 quilômetros, que por um mês sua profissão é ser peregrino, é sentir dores, mas alegrias simples como um sorriso de alguém que não fala sua língua, mas entende tudo que você quer dizer te anima a continuar"

Denys e Ângela, peregrinos do grupo Guardiões do Caminho de Santiago

tudo uma grande confraternização. "A gente podia não se entender, mas todos sempre se cumprimentavam. Era uma festa quando nos encontrávamos durante a caminhada." Marcos relembra também que alguns moradores deixavam mantimentos à disposição dos peregrinos. "No meio do mato, do nada, tu encontras um balde cheio de latinhas de refrigerante geladas e com uma caixinha azul do lado. Tu colocas o dinheiro na caixa, o quanto tu quiser, e pega a bebida. Pega uma, duas, depende de ti."

Os Caminhos Brasileiros

Muitas pessoas vão à Europa em busca do aprendizado da peregrinação. Mas por que ir tão longe? O Brasil tem peregrinações semelhantes ao Caminho de Santiago e roteiros históricos muito belos por todo o país. A peregrinação mais conhecida é o Caminho da Fé, em São Paulo. Ele tem aproximadamente 500 quilômetros e seu ponto de chegada é o Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparécida. Paulo Doebber, além de ter completado quatro vezes o Caminho de Santiago, também já fez esse percurso: "Esse caminho é difícil, considero mais difícil que o de Santiago".

Os caminhos históricos mais conhecidos não são necessariamente religiosos: em Minas Gerais há o Caminho Real e no Rio Grande do Sul, o Caminho das Missões.

Rozângela Alves é jornalista e fez o Caminho das Missões em 2008. Sem ter programação para o feriado de carnaval, descobriu por acaso uma agência de turismo de São Miguel das Missões e se interessou pela proposta: 390 quilômetros no total, entre 30 e 40 quilômetros por dia. Sem muita preparação, achando que a caminhada não seria tão cansativa, Rozângela foi para Santo Ângelo para encontrar o grupo que a acompanharia. Nos primeiros dias já sentiu que a caminhada era puxada: o tênis machucava e a mochila estava pesada demais, obrigando-a a deixar coisas pelo caminho. Ao final de cada dia a parada era em casas de família, albergues ou alojamentos em escolas. "A gente percebe que precisa de pouca coisa para viver", comenta Rozângela, "tu encontras a paz em ti mesmo".

Cada um faz o seu caminho. Cada um tem as suas surpresas. Não há como saber qual é o certo, qual é o errado, o que é parâmetro, o que não é. Cada um ao seu tempo, com suas dores e reflexões, faz um caminho diferente. Podemos pesqui-

sar em livros, falar com muitos peregrinos, mas quanto mais buscamos informações, mais percebemos que é preciso passar pela experiência. A magia do caminho é a sua universalidade. Continuamos sem resposta para a pergunta do seu Walter Jorge: por que mais de 200 mil pessoas por ano com diferentes idades, credos, condições sociais e nacionalidades buscam o Caminho de Santiago? →

O Caminho de Peabirú:
Feito por índios, em uma peregrinação que ligava o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, passando pelo Brasil (Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul), Bolívia, Peru e Paraguai. Pesquisadores estão mapeando o trajeto do caminho com a ajuda de alguns índios da região e historiadores. São cerca de 5 mil quilômetros de extensão.



Símbolo do Caminho de Santiago, a concha de vieira, um marisco encontrado na costa da Galícia



COMISSÃO EDITORIAL

Caetano Cremonini, Laura Schuch,
Lennon Macedo e Riccardo Facchini

REVISÃO

Lennon Macedo, Caetano Cremonini, Laura Schuch, Riccardo Facchini,
Paula Moizes e Gabriele Branco

DIAGRAMAÇÃO

Paula Moizes e Rodrigo Lorenzi

EXPEDIENTE

EQUIPE DE REPORTAGEM



Caetano Cremonini, Filipe Raupp, Gabriele Branco, Giovani de Oliveira, Jade Knorre, Jéssica Kilpp, Jéssica Ocaña, Júlia Bertê, Júlia Corrêa, Kathlyn Moreira, Laura Pacheco, Laura Schuch, Lennon Macedo, Lissara Bergamaschi, Michel Cortez, Nicolas Sales, Paula Moizes, Rafael Lindemann, Riccardo Facchini e Rodrigo Lorenzi

